



Rosa: ganha em Boston na sua décima maratona

Na décima maratona da sua carreira, Rosa Mota arrebatou mais uma saborosa vitória: foi na 91ª Maratona de Boston. Tempo final: 2 horas, 25 minutos e 21 segundos

Pág. 16

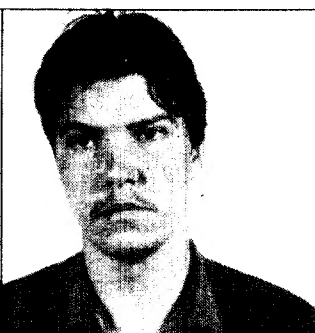
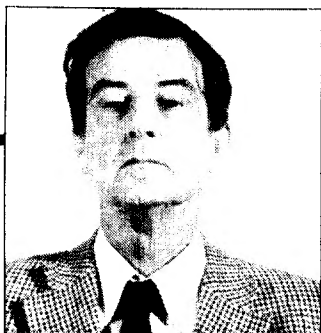
GOLPE NA DROGA PJ DESMANTELA DUAS REDES INTERNACIONAIS

Duas grandes redes internacionais de cocaína e de heroína foram desmanteladas pela Polícia Judiciária que desde Março vem desenvolvendo uma acção concertada contra o tráfico e a venda de estupefacientes. Nos últimos dias, a PJ apreendeu mais de dez quilos de droga diversa e cinco viaturas, três delas de grandes marcas. No mesmo período deteve 47 indivíduos, um deles alemão. A sua acção tem-se feito sentir na área de Lisboa e do Algarve. Entre os detidos avultam indivíduos ligados à «importação» de cocaína da Colômbia e heroína proveniente da Holanda.

Pág. 24

DOPA

Tráfico
de divisas



"FP-27"

Assaltos
a bancos

Dois grandes julgamentos começam hoje em Lisboa

Dois grandes julgamentos deverão iniciar-se hoje em Lisboa, envolvendo gente de origem social bastante diferente. Por um lado, em Monsanto, deverão sentar-se no banco dos réus alguns dos elementos duma das mais famosas e mais activas quadrilhas (as «FP-27») dos últimos anos, em que se destaca Faustino Cavaco, notabilizado no ano passado por ter protagonizado uma fuga de Pinheiro da Cruz com o saldo de três guardas prisionais mortos, dois dos quais confessadamente à sua conta. Na Boa Hora, o lugar é dado a 235 réus, alguns com nomes sonantes, que se envolveram num caso de tráfico de divisas segundo a acusação, e que ficou conhecido como «caso Dopa». «Vedeta»: Joaquim Queirós de Andrada.

Pág. 8

PromoEventos
anuncia

**CAETANO
VELOSO**

vem aí!

em Maio...
em Lisboa...
no Porto...

aguarde!

AS OUTRAS CATÁSTROFES NUCLEARES — I

CHERNOBYL E HARRISBURG: duas formas diferentes

Benjamin Fuentesoto

Copyright Agência EFE/C & C

O dia 28 de Abril foi bastante amargo para a controversa era atômica — o átomo para a paz e para a utilização da fusão nuclear com finalidades energéticas, médicas, biológicas, obras públicas e outros objectivos altruístas, o qual acaba de entrar na sua terceira década de existência — quando o reactor da central nuclear de Chernobyl, situada a 130 km ao norte de Kiev, na URSS, se incendiou, lançando na atmosfera, a mais de 1000 m de altura, uma chuva de radioactividade em forma de lama.

A 1000 km de distância, os detectores de radioactividade instalados em vários pontos da Suécia acusaram com alarme as emissões tóxicas que o vento de uma tempestade transportara até Norte. Nessa altura, os «écrans» destes aparelhos que montam guarda para registar qualquer explosão atômica ou fuga de material radioactivo sobre a crosta terrestre, começaram a emitir sinais de perigo.

Durante umas horas, gerou-se o pânico e o desânimo devido às notícias contraditórias vindas de Kiev, as quais falavam de milhares de mortos e feridos na famosa cidade ucraniana, uma das mais florescentes da URSS, a capital das «cem cúpulas» e centro nevrálgico das férteis terras negras; onde uma charua pode arar com vigor sem esgotar o velho celeiro da Rússia.

Em todo o caso, estão ainda por revelar as causas que deram origem à liquefação do reactor, bem como por avaliar os danos em vidas humanas e perdas materiais. As autoridades soviéticas in-

sistem em afirmar que apenas duas pessoas morreram e cerca de uma centena ficaram feridas, devido ao pandemónio em que a central de Chernobyl se converteu. O sigilo e hermetismo de Moscovo — segundo os velhos costumes da antiga «guerra fria» e do «outro lado da cortina de ferro» — parece terem aumentado, irritando os ocidentais. Em certos sectores americanos, foram estimadas cerca de 2000 vítimas mortais. É óbvio que esta estimativa pode estar errada; contudo merece ter duas coisas em consideração:

1 — O número total de vítimas não será dado a conhecer agora, mas apenas à medida que o tempo for passando. A exposição às descargas dos «milirems» só surte efeito no organismo humano passadas várias semanas ou anos, originando sempre várias formas de cancro. Nesse sentido, as vítimas mortais podem ser inúmeras entre os habitantes da Ucrânia.

2 — Porém, e muito importante, é o facto das perdas materiais causarem es-

tragos na economia soviética, privada de um dos seus centros de produção alimentar mais importantes. As reses estão a ser sacrificadas aos milhares, sendo enterradas com cal viva. Durante muitos anos, num raio de cerca de 100 km em redor do local do sinistro, os campos terão de ficar nus, sem que haja qualquer possibilidade de cultivar nem que seja uma couve, pois corre-se o risco de envenenar os alimentos; outro dos elementos adversos é o efeito das radiações, o qual se mantém intermitente na zona de onde aflorou, com um índice de actividade na ordem do meio milhão de anos.

No próximo Inverno, a URSS terá forçosamente de aumentar a quantidade da sua importação de cereais aos EUA. Cao contrário, voltará a conhecer o rosto de algo muito familiar ao longo da sua história: a fome. Foi um golpe muito duro para a República da Ucrânia, uma das mais prósperas da URSS, cuja população ronda os 50 milhões de habitantes.

Causas do desastre

O desastre de Chernobyl foi considerado como o mais grave dos ocorridos na indústria nuclear ao longo dos seus trinta anos de existência. Presumivelmente, foi desencadeado pela perda de água refrigerante, o que determinou uma subida de temperatura do combustível nuclear até aos 5000 graus. Em seguida, produziram-se fugas de gás de hidrogénio, pelo que toda a protecção de aço e grafite que guardava o combustível nuclear, passou ao estado líquido. Uma segunda reacção violentíssima



deu-se quando o oxigénio e o hidrogénio colidiram, provocando uma explosão.

Em terceiro lugar, a grafite que ardia formou um «cogumelo atômico» — parecido ao que se viu em Hiroshima ou nas provas nucleares no Atol de Bikini — e densas nuvens de fusão radioactiva espalharam-se pelo ar.

Alguns elementos da comunidade científica norte-americana atribuíram a origem do acidente a uma combinação de factores, como sejam a «rusticidade» tecnológica deste reactor, muito parecida à primeira bateria nuclear idealizada pelo professor Enrico Fermi para a Universidade de Chicago em 1942, e à incompetência e negligência dos técnicos soviéticos.

Harrisburg, outra ovelha negra

Os soviéticos — segundo declarou Vitali Churkin, diplomata da URSS em

Washington, durante uma conferência de Imprensa na capital norte-americana realizada um dia após a explosão — atribuíram a causa a um erro humano. A fleuma e resignação com que Moscovo abafou a sua «pior catástrofe nuclear», sobre a qual Gorbachev deixou cair uma cortina de silêncio — atitude similar à tomada pelos seus antecessores e que fez da URSS um lugar inacessível aos olhos dos ocidentais — contrasta profundamente com outro desastre atômico: o ocorrido em Harrisburg, Pennsylvania, em 1979.

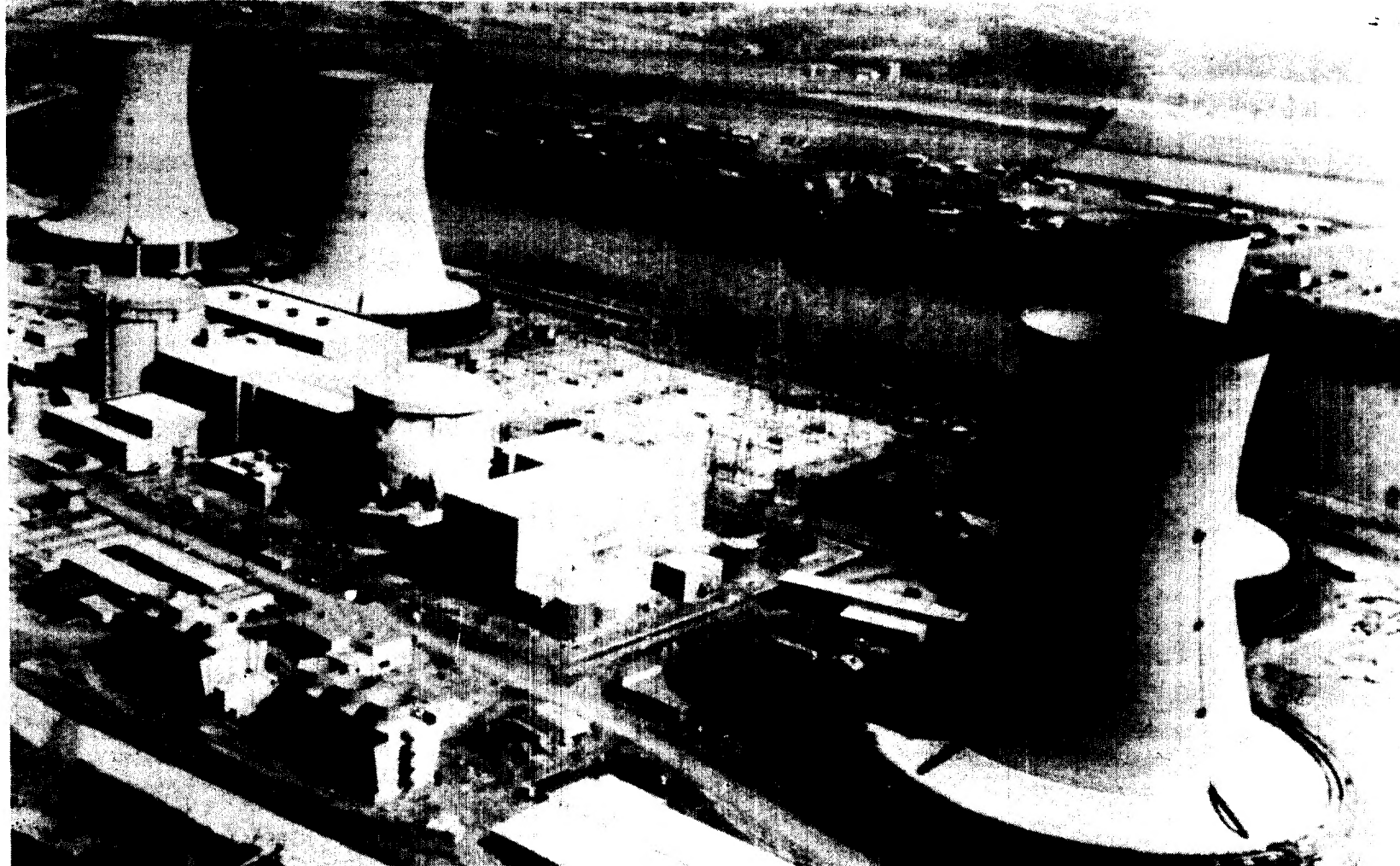
Soviéticos e americanos enfrentaram um mesmo problema com particularidades diferentes, desde a visão de abertura informativa por parte dos americanos e o desejo de evitar o pânico evidenciado pelos russos em toda a crise.

Apesar de tudo, Harrisburg foi outra catástrofe nuclear, outra ovelha negra. Recordemos os factos:

Na quarta-feira 28 de Março de 1979, uma nuvem radioactiva invadiu o céu do estado da Pennsylvania em consequência de um acidente ocorrido na central nuclear de Three Mile Island, na localidade de Harrisburg situada a 91 km de Nova York. Foi imediatamente declarado o estado de emergência. A fuga de radioactividade ocorreu às 4 da manhã, quando uma das turbinas de água que alimenta o refrigerador de combustível basicamente a mesma avaria que fez estoirar o reactor de Chernobyl — falhou. Contudo, houve uma diferença no primeiro caso. A termonuclear americana viu os dispositivos de segurança a funcionar; a russa não teve a mesma sorte.

Outro factor a ter em conta: a empresa proprietária da instalação, a Metropolitan Edison, pôs-se imediatamente em contacto com a Imprensa e emitiu um comunicado. Em Moscovo, foram bastante mais lentos; demoraram mais de nove horas a anunciar a catástrofe no telejornal, e mesmo assim, tudo se resumiu a uma notícia de duas linhas da agência TASS referindo apenas que o fogo de Chernobyl fora já extinto.

Em Harrisburg não houve vítimas mortais, embora os 400 trabalhadores do recinto fossem hospitalizados para tentar minorar as sequelas do bombardeamento radioactivo a que foram submetidos, as quais deixariam nos seus corpos marcas indeléveis. No acidente de Chernobyl — segundo as autoridades soviéticas — perderam a vida apenas duas pessoas e ficaram feridas cento e quarenta e sete.



NOTAS SOBRE A CRISE E A SUA SOLUÇÃO CONSTITUCIONAL

Antonio Lopes Cardoso

1 — A não indigitação de um novo Primeiro-Ministro no actual quadro parlamentar, desresponsabilizando os partidos e marginalizando a Assembleia da República, iria — a verificar-se — consagrar uma vez mais o que foi a prática do general Ramalho Eanes ao longo dos seus dez anos de mandato. Prática que parece ter inculcado a ideia de que as eleições se fazem para «eleger» Governos e não deputados e que caídos aqueles não existem outras soluções que não sejam o recurso a executivos extraparlamentares ou a eleições antecipadas.

Quando se fala tanto de estabilidade governamental talvez não fosse mau que se atentasse um pouco num valor que a antecede: a estabilidade das legislaturas.

2 — Existem no actual quadro parlamentar, ao menos potencialmente,

alternativas de Governo tão legítimas quanto inquestionável era a legitimidade do Governo Cavaco Silva, até ao momento da aprovação da moção de censura. Recusar liminarmente essas alternativas, recusá-las à margem do Parlamento, sem que aí cada qual assumisse de forma transparente a sua escolha e a correspondente responsabilidade, não contribui para o funcionamento normal e desdramatizado das instituições.

3 — Medir a legitimidade de um Governo alternativo pela contagem dos votos do partido que eventualmente o liderasse é uma clara distorção dos mecanismos constitucionais.

O Governo Cavaco Silva era legítimo porque — e só porque — a Assembleia da República viabilizara o seu programa. Não se apresentou à Assembleia da República investido de

qualquer legitimidade prévia, decorrente da vitória relativa nas eleições; adquiriu legitimidade pela investidura da Assembleia da República.

A admitir-se um raciocínio contrário forçoso seria admitir-se, também, como lícita a contestação da legitimidade de um Governo que teria sido sufragado por 30% do eleitorado mas recusado por 70% desse mesmo eleitorado.

4 — Como tem sido dito não existem governos parlamentares de geração espontânea. Não cabe à Assembleia da República propor um Governo ao Presidente da República para que este se pronuncie; cabe ao Presidente da República indigitar um Primeiro-Ministro, aceitar ou não o Governo que por este lhe for proposto e, aceitando-o, submetê-lo ao juízo da Assembleia da República. É esta a lógica do nosso

sistema constitucional em que, se o Governo tem necessariamente como suporte o sufrágio universal, tem-no de forma indirecta através da Assembleia da República. As leituras redutoras que ao sabor das circunstâncias se têm feito deste mecanismo conduzirão, a manterem-se, a um perigoso afunilamento das instituições democráticas.

5 — Não se trata de saber a que partidos servem ou não as eleições; que partidos ganharão, eventualmente, com elas, quais saíram porventura prejudicados. O Partido Socialista faz parte daqueles que mais têm a ganhar e menos a perder. Só que a questão não deve ser colocada neste terreno, nem no de castigar quem foi «mal comportado» (sentimento subjacente aos argumentos que se escoram na necessidade de penalizar os que derrubaram o Governo). A verdadeira questão vai mais longe.

Tem a ver com o entendimento do próprio modo de funcionar dos mecanismos de democracia. Face ao acto inquestionavelmente legítimo pelo qual a Assembleia da República derrubou o Governo Cavaco Silva, existem múltiplas saídas, igualmente legítimas. A questão está em saber-se se o caminho que melhor serve a consolidação das instituições será o recurso imediato a eleições antecipadas, sem que se esgotem as saídas que no normal funcionamento dessas instituições podem existir? Não creio que o seja porque o recurso sistemático a soluções que pela sua natureza têm um carácter excepcional (e as eleições antecipadas são uma delas) não prestigiam as instituições. O excepcional só é aceitável quando esgotado o normal. E não se poderá proclamar esgotado o normal quando se não criem condições para que a Assembleia da República esgote ela a sua capacidade de intervenção.

Quem tem medo de um Governo de esquerda?

Joaquim Ribeiro Simões

A moção de censura do Partido Renovador Democrático veio agitar o cenário político lusitano e ninguém poderá alhear-se do problema fingindo que não tem nada a ver com o que se está passando, como dizia, arrogante, o Primeiro-Ministro quando a crise estalou. Todos os partidos e todos os cidadãos estão metidos na nau que vai navegando aos tombos no mar encapelado. Mário Soares também. Mário Soares acima de todos, porque é Presidente da República: e porque lhe compete decidir. Aos poucos, vai ouvindo as vozes, como o Mestre de Avis na Crise de 1383; vai equacionando, ajuizando.

Por uns tempos acabaram-se as festas, os passeios doirados, as idas aos paços acastelados e as longuras dos Brasões imensos. Mário Soares, eleito por uma maioria de Esquerda, com base no Partido Socialista, derrotando à tangente o candidato da Direita, firmemente apoiado pelo partido de Cavaco Silva, terá de escolher. **Terá de caminhar pela montanha na linha de separação das águas e depois descer por uma das vertentes, uma só.** Terá de escolher a da esquerda, ou a da direita. Não haverá terceira via.

Se se inclinar para a eleição antecipada de deputados, para uma nova AR, o Presidente agradecerá a toda a Direita: Cavaco Silva sairá triunfante, as associações do patronato rejubilarão, os prolixos semanários conservadores tecer-lhe-ão louvores e a televisão dar-lhe-á durante uns dias maior destaque do que ao Presidente Reagan dos americanos. Haverá mesmo alguém que bradará «Soares é nosso!» Mais tarde, quando se perfilar a eleição presidencial, este grito será esquecido e aparecerá um verdadeiro candidato da Direita, Freitas do Amaral ou outro, que logo puxará das suas credenciais e lembrará o passado marxista e ateu de Mário

Soares. Nessa altura, o actual Presidente ficará isolado, desapoiado. **Uma coisa é certa: a Direita gosta de se servir de certas personagens estranhas ao seu campo e depois atira-as para o cesto dos papéis.** Assim aconteceu com Eanes: em breves anos passou de Salvador a Ente desprezível. Leiam-se as deliciosas referências ao antigo PR em muitos jornais que por aí se vendem.

O mesmo já aconteceu a Mário Soares: Cavaco Silva retirou o seu partido da coligação do tal Bloco Central, assacando todas as culpas ao PS. Mais tarde,

o mesmo Cavaco Silva pugnou por Freitas do Amaral contra Soares, que acabou por triunfar porque a Esquerda se uniu em sua ajuda.

Se escolher a solução no quadro legal da actual Assembleia da República, Mário Soares irá ao encontro do desejo da maioria que o elegeu e ficará naturalmente «queimado» para a Direita, concretamente para o PSD. **A vida de um Presidente é assim mesmo, em democracia não se pode**

agradar a todos. Que faria Freitas do Amaral numa situação semelhante? Iria favorecer a Esquerda? Alguém poderá imaginá-lo a contrariar Cavaco Silva numa crise idêntica à actual?

De esto, a solução de um novo Governo saído da vigente Assembleia da República é a mais racional, operacional e económica. Como explicaria Mário Soares aos outros presidentes e reis dos países da CEE que marcassem novas eleições antes de ano e meio, quando a legislatura é de quatro anos? Seria o descrédito do actual sistema político.

Quanto às sondagens, o seu valor tem de ser tomado com cautela; por mais significativa que seja a amostra, ela distorce sempre a realidade. **Antes da última eleição presidencial, os semanários de Direita davam a vitória a Freitas do Amaral e o resultado viu-se.** As sondagens são indicadores falíveis que a Direita usa e abusa, às vezes sem o mínimo senso. **Neste momento, a única e verdadeira sondagem foi a última eleição para a Assembleia da República. Expressou o voto popular por um período de quatro anos.**

Dizer que a Esquerda tem medo de eleições porque o PSD pode atingir a maioria absoluta é pura demagogia, não passa de má fé. O mais estranho é que esta tirada insensata veio de alguém que se diz de Esquerda. A pergunta a fazer a estes «brilhantes» analistas que tanto se encostam à Direita é esta: **por que temem tanto um Governo de Esquerda?** Por que temem, por exemplo, um Governo de base PS, com alguns independentes, apoiado pela maioria que elegeu o Presidente da República?

Mário Soares deverá enfrentar o desafio, sem receio de desagradar à Direita. Se no quadro da actual Assembleia se perfilar uma solução viável: Governo do Partido Socialista, com alguns independentes, apoiado pelo PRD, PCP, MDP e Verdes, não deverá hesitar. A conjuntura económica mantém-se ainda favorável e um Governo de base PS poderia aguentar-se até ao fim da legislatura.

Pede-se Mário Soares que seja coerente com os seus ideais e que escolha a solução mais racional, económica e benéfica para o País.

Que opte por um Governo Socialista ampliado com independentes, presidido por Vítor Constâncio, libertando Cavaco Silva para uma longa cura na oposição.



CAVACO FALOU DE TIMOR COM DIRIGENTES DA TAILÂNDIA

Cavaco Silva conclui hoje, ao fim da tarde, na capital tailandesa, a sua viagem de dez dias pelo Extremo-Oriente. Num encontro ontem, em Bangkok, com jornalistas, o Primeiro-Ministro sublinhou ter tratado com os responsáveis tailandeses a questão da ocupação indonésia de Timor-Leste.

Cavaco e Pires de Miranda abordaram o problema timorense com os seus homólogos tailandeses, respectivamente Tinsulanonda e Siddhi Savetsila. «Portugal terá participações cada vez mais intrínsecas na CEE enquanto a Indonésia não revir as suas posições em relação a Timor-Leste», sublinhou o chefe do Governo a propósito da possibilidade de o nosso país vir a dificultar as relações comerciais entre os Doze e a ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático).

Os dois responsáveis de Lisboa admitiram que os dirigentes tailandeses gostariam de ver Portugal a apoiar as suas teses relativamente à situação de tensão no norte da Tailândia, sob alegada pressão vietnamita. Em contrapartida, Cavaco fez um claro apelo aos líderes tailandeses para que tenham em conta a situação em Timor e assumam, apesar da solidariedade regional com a Indonésia, uma posição de compreensão em relação aos argumentos portugueses.

Cavaco considerou, a propósito, de «manobra de fachada» as eleições legislativas indo-

nésias marcadas para o próximo dia 25 e que decorrerão também em Timor-Leste, onde concorrerão, como candidatos, importantes dirigentes indonésios.

A possibilidade de um maior desenvolvimento das relações comerciais entre Portugal e a Tailândia foi tema também das conversações de Cavaco. Foi, nomeadamente, encarada a hipótese da vinda a Lisboa de um especialista tailandês em questões comerciais para um estágio prolongado de contacto com a realidade económica portuguesa. O referido tailandês seria posteriormente nomeado cônsul português em Bangkok, com a tarefa de estimular as relações comerciais entre os dois países. A mandioca é, actualmente, o principal produto exportado pela Tailândia para o nosso país.

Esta manhã, Cavaco visitou o grande palácio de Bangkok, seguindo-se um passeio pelo rio, com almoço a bordo. Depois de uma tarde livre para repouso e compras, a comitiva do Primeiro-Ministro partiu ao princípio da noite, estando a chegada a Lisboa prevista



para as primeiras horas de amanhã.

Traficante libertado no dia 25

Entretanto, e coincidindo com a presença de Cavaco, foi ontem anunciado em Ban-

gkok, que o português Júlio Oliveira, condenado a 20 anos de prisão na Tailândia por tráfico de droga, será libertado no próximo dia 25. Júlio Oliveira encontra-se preso juntamente com uma portuguesa, Flávia D'Eça Leal que aguarda

também perdão do rei da Tailândia.

A mulher daquele português foi ontem recebida por Cavaco, a quem agradeceu as diligências efectuadas pelo Governo no sentido da libertação do marido.

Ministro australiano assina tratado de extradição

O ministro australiano da Justiça, Leonel Bowen, está em Lisboa onde assina, hoje um tratado de extradição entre o seu país e Portugal.

Esperado ontem no aeroporto da Portela pelo ministro português de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, e por elementos da embaixada australiana em Lisboa, Bowen afirmou não ter conhecimento de portugueses que estivessem na iminência de ser extraditados da Austrália, ou vice-versa.

Após a assinatura do tratado de extradição, cerimónia em que Portugal é representado pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Azevedo Soares, o ministro australiano da justiça almoça com Eurico de Melo.

Portugueses e espanhóis discutem cooperação militar

As delegações dos Estados Maiores da Península Ibérica começaram ontem em Madrid a trigésima terceira reunião bilateral, em que vão tratar exclusivamente de assuntos de cooperação militar, informaram fontes da delegação portuguesa.

A delegação portuguesa é chefiada pelo general da Força Aérea, Paulino Correia, que tem presidido as delegações dos últimos anos. O almirante Gonzalo Rodriguez Martin Granizo Chefia a delegação espanhola.

Na reunião, que termina na sexta-feira, vão ser discutidos o intercâmbio de militares em cursos de formação militar e de para-quedistas e comandos em exercícios práticos, actividades que se tem realizado nos últimos anos.

Parábola das teses

Rui Cacho

Segunda parte

Primeira parte

Simplificamos as coisas e rotulamos afirmações ou acontecimentos de surrealistas, sem mais conversa. Suponho que para não gastarmos «fósforo».

Às vezes, não será: sucedem-se situações tão embrulhadas que desembrolhá-las quase exige equipa bem apetrechada culturalmente ou prestidigitador...

Por um princípio de honestidade, não culpo inteiramente este Governo (por acaso apeado), nem o anterior — para me quedar por esse. Acho que quase todos contribuímos para a confusão instalada. Só que quanto mais alto nos situamos, mais responsáveis somos — e não descubro nada.

Claro que apresentar as coisas deste modo só por piada ou desfastio. Não somos menos dotados que outros povos (até somos dos mais desenracados) e não devemos contrapor ao chauvinismo de alguns a tese fatalista «de que quase tudo está mal por cá» (embora esteja).

Não pensamos todos da mesma forma e há soluções diferentes para o nosso caso. Mas por isto ou por aquilo, os governos sucedem-se, a classe po-

lítica desacredita-se, e o Zé amola-se...

Mas da classe política fazemos todos parte (deixemos as crianças em paz) e portanto todos somos responsáveis, embora diferentemente. A verdade é que somos recenseados e manifestamo-nos livremente.

Dito isto, alguém que me leia (temos sempre um leitor desconhecido que olha as nossas prosas) terá vontade de dizer-me: «Ó amigo, essa do livremente mais devagar... Somos livres de pôr a cruzinha, de dobrar o voto e de enfiá-lo na urna, mas se o senhor considera isso liberdade, vou ali já verinho...»

Eu podia ripostar: «Ó senhor leitor, antes de votarmos há sempre campanha eleitoral, os partidos informam-nos dos seus programas, e, às vezes, até das suas estratégias. Depois disso, temos desculpas?»

O leitor ainda podia argumentar: «Acha que os políticos dizem o que pensam e fazem o que prometem?» E etcetera...

Paro aqui, senão acabava por elaborar uma tese sobre a Liberdade e conferiam-me o grau de Doutor Honoris Causa no meu bairro.

Cada um de nós tem o seu pequeno mundo, por muito que às vezes o considere enorme.

Por exemplo, um dos nossos ministros (ou qualquer outro indivíduo com alvará para viagens e congressos) deve dizer amiudadamente aos amigos: «Sou conhecido daqui até à Groenlândia... Já passei pelos ecrãs de várias televisões, sou olhado em muito universo...» E depois pensava apenas para si: «Como consegui chegar tão longe?»

Mas realmente o mundo de cada um é liliputiano. A nossa vaidade é que altera as dimensões.

Esse pequeno mundo de cada um varia conforme os dias e as nossas ascensões e quedas. Nalguns deles sentimo-nos ignorados e noutros deuses.

Também este tema dava pano para mangas e passo rapidamente à terceira parte senão doutoraram-me de novo.

Terceira parte

Um tipo cai na situação de importante ou insignificante quase sem con-

tribuir grande coisa para isso. Às vezes depende simplesmente do nosso voluntarismo ou falta dele. E nalguns casos dumas ajudas. Só com voluntarismo acabamos em bombeiros.

Mas há pessoas que começam cedo a chamar a atenção sobre si próprias e acabam por convencer-se que são mesmo dotadas. E assim morrem...

No tempo dos sinaleiros de trânsito (aqui, em Lisboa, já não os vejo, passaram a semáforos) eu ainda aceitava que o sinalheiro dissesse para os seus botões: «Sem mim, os carros destes sujeitos chocavam constantemente». Era razoável esta ideia, pois ele impedia que a circulação se tornasse um caos.

Assim como admito que um sapateiro pense: «Se eu não puser meias-solas nos sapatos deste tipo, ele está aqui está descalço. Não tem bago para comprar sapato novo».

E podia continuar os exemplos. Agora que tanto sujeito se considere imprescindível é forte exagero. Desaparecem e dá-se pouco por isso.

A verdade é que muito insignificante oficial só não é mais considerado apenas porque não forçou a nota ou não teve padrinhos. E o mesmo se dá com gente que alcançou o pódio e nem Sherlock Holmes lhe descobria méritos.

Um dia será diferente, acredito. Ninguém necessitará de pôr-se nos bicos dos pés para ser visto. Até lá, temos que aceitar o «homem comum» e o «homem vip», sem percebermos qual a diferença.

Mas isto era tema para nova tese e respectivo doutoramento. Daí que me retire e entre em meditação para perceber por que me meti nesta alhada das teses. Se no meu espírito não se fizer luz, telefono ao Segismundo Freud.

Última parte

Seria impensável não falar na crise. Ela foi vista em todo o território nacional e nalgum estrangeiro. Portanto, a crise atingiu-nos. Todos o dizem. Mas logo acrescentam que para a crise há solução. Ou esta ou aquela. Em democracia, acrescentam.

Entendo pouco de política, não meto nenhuma acha na fogueira. Só estou mais uma vez confundido, mas muito acompanhado nesse estado de espírito. Ao mesmo tempo, sinto que a situação é passageira. Segundo tenho sido informado a solução está para breve. Portanto, a crise é uma espécie de gripe. Uns dias passados desaparece a inquietação e volta tudo à normalidade. À normalidade?

CRISE MARCA PASSO ATÉ QUE SOARES DECIDA

Com toda a direita a gritar que quer eleições, a exigir e a ordenar ao Presidente da República que dissolva o Parlamento, numa vaga de pressões como não há memória na história breve da democracia portuguesa, Mário Soares terminou praticamente o amplo ciclo de consultas que manteve desde o seu regresso do Brasil com uma audiência, hoje, ao Presidente do Supremo Tribunal de Justiça. Em Belém há um silêncio total sobre o sentido da decisão presidencial, mas parece fora de dúvida que o Presidente da República se inclinará para a convocação de eleições antecipadas. A verificar-se esse facto, haverá de facto razões para recear uma verdadeira crise política, porque até agora, exceptuando o alarido dos numerosos grupos de pressão, o tecido social do País não revela qualquer crise, mas uma saudável confiança no funcionamento das instituições.

Por razões evidentes, o Presidente da República tem-se limitado a ouvir, não tendo até agora tomado qualquer posição que indique o seu ponto de vista pessoal. Admitiu no entanto que antes

do final do mês falará ao País revelando a sua decisão. No dia 25 de Abril, Soares discursará na Assembleia da República. Não é previsível que seja esse o momento escolhido para anunciar a solu-

ção constitucional que vai adoptar, mas também é difícil imaginar um discurso pronunciado no centro nevrálgico da «crise», numa data histórica para a democracia portuguesa, sem qualquer referência a um problema político importante.

Pelo menos até ser conhecida a decisão do Presidente da República, o diálogo entre os partidos de oposição, aos quais, no seu conjunto, competiria encontrar uma alternativa, parece esgotado.

O PRD considera que tomou a posição que devia ao apresentar a moção de censura e que todos os partidos que fizeram com que ela fosse aprovada são «corresponsáveis» na apresentação de alternativas.

Ontem Mário Soares recebeu o Presidente do Tribunal Constitucional, Marques Guedes, que não fez declarações aos jornalistas, limitando-se a dizer que tivera uma reunião «pessoal e pri-

vada» em que não foram abordadas as hipóteses constitucionais para a resolução da crise.

Almeida Ribeiro, Provedor da Justiça, outra das personalidades que estiveram em Belém, também não revelou o teor da sua reunião com o Presidente da República. Disse que teve uma «confidencial» em que foram «troçadas impressões» sobre a situação política e reservou a sua posição para a reunião do Conselho de Estado que terá lugar na quinta-feira.

Por sua vez, o governador do Banco de Portugal, Tavares Moreira, teve com Mário Soares «uma conversa interessante sobre a situação económica geral». Analisou com o Presidente da República indicadores económicos, mas não «pormenorizadamente». Aos jornalistas disse apenas que a situação económica «não é má».

Coordenadores distritais do PS solidários com Constâncio

Os coordenadores das federações distritais do PS manifestaram ontem o seu apoio às posições expressas pela direcção política do partido e, designadamente, do secretário-geral, quanto à sua disponibilidade para «desenvolver os esforços necessários à constituição de um Governo no actual quadro parlamentar». Isto se o Presidente da República «viesse a indigitá-lo para tal fim, nos termos constitucionais, depois de uma eventual recusa do líder do PSD».

Tratou-se de uma reunião daquela estrutura, que engloba os responsáveis máximos das federações, com o Secretariado Nacional na qual participou também Vitor Constâncio.

Mas os dirigentes socialistas quiseram também vincar que estão preparados para outras eventualidades. Daí a ne-

cessidade de exprimirem «o seu empenhamento na mobilização total dos militantes e

estruturas do PS para as batalhas políticas que se avizinhavam em defesa da alternativa PS e do projecto do socialismo democrático para Portugal».

Entretanto, Vitor Constâncio disse à Comunicação Social no início da reunião que o seu partido deu todos os passos necessários para a resolução da crise, «inclusive» a proposta para fazer um Governo dentro do actual quadro parlamentar. Quanto à solução a adoptar, Constâncio afirmou que tal «está dependente da próxima reunião do Conselho de Estado».

Reunião da concelhia de Loures

Também a comissão concelhia de Loures do PS encontrou na actual situação política matéria bastante para reflexão. Foi esse, aliás, o tema da reunião ontem realizada que concluiu com a divulgação de um comunicado no qual se afirma que o «PS está sempre preparado para qualquer solução» que o Presidente da República vier a adoptar.

Depois de frisar não ter sido o «PS a dar causa à grave situação política em que o país se encontra mergulhado», o documento encontra as raízes da crise «na arrogância cavaquista e na instabilidade que o PRD tem procurado para navegar em águas turvas».

Finalmente, o comunicado afirma que «a unidade e a serenidade» demonstradas pelos socialistas «são factores de reforço de todas as correntes que, reclamando-se da igualdade de oportunidades, da liberdade e da justiça social, estão com o sentir profundo da nação que o PS corporiza».

«Patrões» reúnem com o PSD e CDS

Ainda ontem foi tempo para reuniões da CIP, CAP e CCP com o PSD e o CDS. O objectivo de tais encontros foi expresso pelo presidente da Confederação da Indústria, Ferraz da Costa, à saída da sede dos democratas-cristãos: «sensibilizar» aqueles partidos para que «fosse possível haver uma maioria que na Assembleia da República fizesse a revisão constitucional». Inquirido sobre a posição das confederações patronais no caso de ser formado um Governo saído do actual Parlamento, Ferraz da Costa recusou tal hipótese considerando-a «ultrapassada».

As três confederações vão ainda reunir-se com o PS, mas não está previsto qualquer encontro com o PRD. Sobre as razões deste procedimento, o presidente da CIP adiantou que tal se deve ao facto de este partido ter «desencadeado esta crise», acrescentando que «não tem havido da parte dos renovadores «grande abertura» quanto a rever a actual Constituição».

Por seu lado, Rosado Fernandes, da CAP, disse no termo da reunião com os sociais-democratas que «temos que resolver a crise o mais depressa possível pois os investimentos nacionais têm que continuar a ser feitos». Segundo o dirigente da CAP, «embora o objectivo principal da reunião fosse a discussão da crise política portuguesa, também se falou na necessidade de rever a parte económica da Constituição,

pois, na opinião das confederações empresariais, não deve ser muito diferente das europeias».

Eleições: «golpe» no Parlamento

Também o MDP se pronunciou sobre a crise política, desta vez através do secretariado da sua Comissão Política. Depois de preconizar o esclarecimento da opinião pública «sobre os esforços feitos pelos vários partidos no sentido de que o desenvolvimento da política no nosso país se faça dentro das regras que a democracia impõe e nos cumpre respeitar», o MDP recorda alguns dos aspectos principais da governação e os passos dados até ao derrube do Governo.

De acordo com o comunicado que temos vindo a citar, o «resultado da votação da moção de censura foi bem significativo do descontentamento da maior parte dos representantes do povo e da sua unidade em fazer desse descontentamento uma dinâmica de mudança». Daí que, para o MDP, eleições antecipadas signifiquem «um golpe na Assembleia da República — órgão vital na democracia, como várias vezes lhe chamou o actual Presidente da República — porque se é certo que as eleições são em si um acto democrático, a sua antecipação no caso presente, vai impedir o total exercício das funções próprias da Assembleia e também porque a dissolução do Parlamento iria contra a própria opinião da maioria que a compõe».

PONTOS DE VISTA



Eugénio Alves

Do nacional- cavaquismo

No dia em que terminou as suas consultas sobre a crise a partidos, a individualidades e a organizações patronais e laborais, o PR devolveu ao Executivo demitido um decreto antipático para os trabalhadores. Mera coincidência? Talvez não. E razão terão certamente os que vêem no gesto presidencial uma espécie de amêndoa amarga ou um sinal discreto de uma futura decisão que traz eufórica, triunfante e ameaçadora toda a direita portuguesa.

Ausente por terras do Extremo-Oriente, Cavaco deixou oleadas e bem organizadas as baterias do seu sonho de total poder. Assinou, com «sentido de Estado», um acordo, visitou muralhas e museus, passeou por rios e jardins e discorreu feliz e sonhador sobre o futuro do pequeno reino das patacas. Regressa amanhã, e regressa, claro está, também eufórico e triunfante, no antegozo de uma melhor e mais estável «coabitação»...

O país repousa tranquilo, a inflação desceu, os investidores correm satisfeitos, Cavaco deve continuar, defendem esperados e inesperados ideólogos do nacional-cavaquismo. As lutas e reivindicações de muitos milhares de trabalhadores, o aumento do desemprego, a crise da habitação, os problemas dos jovens e dos estudantes, as dificuldades dos médicos, a proliferação da droga e da corrupção, e outras coisas «menores», não passam de fantasmas agitados por comunas e renovadores, dirão os animosos adeptos do Chefe de S. Bento.

Num belo e corajoso artigo, «Fora o chefe, viva o chefe», advertia recentemente Helena Roseta para uma perigosa herança do salazarismo, «o medo de tomar posições», a criar de novo arraiais na sociedade portuguesa. «É o ambiente que se vive em serviços e repartições, para já não falar de empresas privadas», lembrava a ex-dirigente e militante do partido chefiado por Cavaco. As prateleiras, os critérios de mera confiança partidária ou pessoal, os «climas persecutórios que, com tanta facilidade se têm vindo a restaurar na Administração portuguesa, têm de ser denunciados», advertia Helena Roseta, consciente da restauração, no país, do «reino do silêncio hipócrita ou defensivo».

Deste clima geral da sociedade portuguesa não curam analistas e especialistas da crise. Mas ele é, tal vez, ainda que subterrâneo, o sintoma mais significativo e revelador dos perigos de uma eventual marcha do nacional-cavaquismo para a confortável maioria, para um parlamento tranquilo e obediente.

Não acredito, como por aí se diz, que Soares vá satisfazer Cavaco por obra e graça de um ódio antigo ao general presidente do PRD. «Só se odeia o igual ou o superior», Nietzsche dixit. Que dirá Soares?

Vigília em Caxias por Otelo de 24 para 25 de Abril

Uma «comissão contra injustiça e repressão políticas» e outras entidades promovem na noite de 24 para 25 de Abril uma «vigília de solidariedade pela Liberdade de Otelo e presos antifascistas».

Segundo informação hoje fornecida à agência Lusa pela «solidariedade contra a repressão», uma das entidades organizadoras, a vigília é junto ao Forte de Caxias — tal como em anos anteriores tem acontecido — e nela participam, designadamente, Francisco Fanhais, José Mário Branco, Fausto e cantores galegos.

Entre os apoios mencionados contam-se os do velho militante anarquista Emídio Santana e dos actores João Mota e Lia Gama, bem como o de Zélia Afonso, viúva do criador de «Grândola, Vila Morena».

Transtejo ligou 52 milhões de pessoas à "outra banda"

A Transtejo transportou mais de 52 milhões de passageiros ao longo de 1986, em 87 800 horas de viagens nas suas sete carreiras diárias que cruzam o Tejo — disse o informador da empresa.

Especializada no transporte fluvial subúrbano, a Empresa Pública Transtejo transportou também, no percurso Cais do Sodré / Cacilhas / Cais do Sodré mais de 312 mil veículos.

A carreira mais significativa foi a do Terreiro do Paço - Cacilhas com o transporte de mais de 29 milhões de passageiros.

A empresa explora as carreiras diárias entre Terreiro do Paço - Alcochete, Montijo - Cacilhas, Cais do Sodré - Cacilhas e Belém - Trafaria - Porto Brandão.

Criada em 1975, por nacionalização de cinco empresas privadas, a Transtejo dispõe hoje de uma frota que, prosseguindo uma tradição centenária de transportes regulares no rio, aposta também na criação de serviços vocacionados para a área turística, aproveitando as potencialidades do estuário do Tejo.

Assim, a empresa tem promovido minicruzeiros regulares no Tejo, de duas horas, entre Abril e Outubro, em navio especialmente adaptado para o efeito.

A Transtejo proporciona ainda alugueres de navios, em qualquer época do ano, a pedido das entidades nacionais ou estrangeiras, para utilização na área do estuário do Tejo, actividade que nos últimos anos tem sofrido algum incremento sobretudo graças à utilização de barcos da Transtejo para a realização de acções promocionais de diversas empresas e produtos.

OS CARRILHÕES DE MAFRA VOLTARAM A TOCAR

Mário Vieira de Carvalho

O povo do concelho de Mafra, para quem os carrilhões do Convento constituem uma companhia secular, assinalando ocasiões festivas e solenes, cumprindo rituais, servindo até como meio de comunicação de acontecimentos importantes, regozijou-se certamente ontem ao ouvir de novo as suas finas badaladas.

O concerto, a que assistiu o Presidente da República, e que supunha uma plateia improporcionada no terraço superior da ala correspondente, não era, na verdade, acontecimento que pudesse passar despercebido à massa da população...

Desde o Hino Nacional à «Morte do Cisne» de Saint-Saëns, passando por uma Abertura («Mafra») concebida como uma fusão de temas dir-se-ia «saloios» e temas flamengos da terra natal do seu autor (Jos D'hollander, de Gent), de tudo se ouviu, num percurso de dois séculos, ora em transcrições, ora em originais para o pesado instrumento. De facto, são toneladas de partículas metálicas a vibrar, e só quando se tem consciência disso é que se pode dar todo o valor ao trabalho de filigrana ali realizado ontem nas peças de maior complexidade técnica ou intencionalidade expressiva. Depois de o carrilhonista mafrense Francisco J. Alves Gato ter executado o Hino Nacional e três peças portuguesas, uma delas um arranjo sobre temas populares da sua autoria, seguiu-se um substancial programa a cargo do já referido artista belga e do seu filho Geert, em alguns casos tocando a quatro mãos.

Informa o programa distribuído aos espectadores que o carrilhão beneficiou da colocação de um teclado manual

moderno, segundo as normas «standard» europeias, o que significa que se trata, para todos os efeitos — incluindo o da sua classificação organológica — de um instrumento de tecla... como o cravo. Simplesmente, manejar — é o termo — as teclas de um carrilhão, com as mãos parcialmente protegidas por cabedal, não é, de certo, comparável ao delicado percutir de uma tecla de cravo com as pontas dos dedos. Donde se conclui — sobretudo nas peças originalmente para cravo ontem ouvidas em carrilhão — que a subtilidade ali é arrancada «a pulso»...

Encomendados por D. João V

Os carrilhões que vieram dos Países Baixos para o Convento de Mafra, encomendados por João V em 1730, pertencem ao pequeno número de trinta que entre fins do século XVII e primeiras décadas do século seguinte saíram das fundições flamengas para soarem por essa Europa fora. Entretanto, eram instalados nas torres de igrejas e conventos dos países de origem nada menos do que 120 daqueles monumentais instrumentos, o que mostra só por si como se criou naquelas paragens uma tradição secular, profundamente arraigada, de fundidores e executantes. Não admi-



ra, por isso, que o Instituto do Património Cultural tenha recorrido aos serviços de uma empresa especializada belga para proceder ao restauro gradual dos carrilhões.

Começou-se pelo da torre Sul, construído por Willem Witlockx, e começou-se pelo dispositivo manual. Segue-se — como se dá parte

no programa — a recuperação do respectivo jogo mecânico. Consiste este num sistema de enormes cilindros perfurados, onde, através da colocação de «pivots», se podem pré-programar umas tantas peças musicais, como é o caso nas bem conhecidas caixas de música ou nos antigos realejos e pianolas. No

seu gigantismo, à imagem e semelhança do Convento, aqueles mecanismos de relojoaria são bem característicos de um dos aspectos da época barroca que por vezes se perde de vista: o fascínio pela mecânica, também então manifestado, por exemplo, nos maquinismos teatrais. Tratava-se de organizar racionalmente o todo, como se organizava a natureza nos jardins cortados à francesa (que os há também em Mafra), ou como se compunha o som nas pautas: há peças do mesmo Scarlatti que foi mestre de capela de João V cuja estrutura seria inexplicável sem o crescer puredes-meias com esse mundo mecânico.

De resto, se não temos um teatro barroco comparável ao Convento é porque João V, ao contrário do seu sucessor José I, era tão devoto e temente a Deus (como nos conta o «Memorial do Convento»), que restringia o conceito de representação ou prestígio musical da corte à esfera religiosa. Teatro (portanto, ópera) parecia-lhe um divertimento algo suspeito. Se não fosse essa sua crença teimosa, que acabaria por levá-lo a encerrar por oito anos (até à sua morte) todas as casas de espectáculos de Lisboa, teríamos hoje provaavelmente entre nós — não em vez de, mas além de Mafra — um dos mais fastuosos teatros barrocos da Europa, que deixaria a milhas de distância em luxo e aparato cénico tanto a malograda «Ópera do Tejo» (com um palco que se supõe ter sido enorme, mas uma sala acanhada) como o S. Carlos, cujo palco nunca teve mecânica nenhuma.

COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA E NO NOSSO AGENTE MÓVEIS PICA - PAU



MOVIGRUP
CONSÓRCIO

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 — 982 60 54/58 (à Ponte de Bica)
LISBOA — Est. Benfica, 174-176 — 78 05 99
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — 494 56 91
QUELUZ — Av. António Enes, 20-B — 95 23 06
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — 276 90 01
COVA DA PIEDADE — R. Conceição Samelo Antunes, 13-B — 275 49 52
PARNAS — Est. Nacional 10, Lote 30 — 221 00 67

V.F.XIRA — R. Alves Redol, 80-B — 240 11
Mem Martins — Rua Chabi Pinheiro, 8 - Tel. 9217294
SETUBAL — Av. D. Manuel I, 80 (Frente ao centro Com. Dufa)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A — 207 72 37
ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A — 258 24 03
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A — 521 38 4
COMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 — 261 85
FARO — R. Eça de Queirós, 2 — 275 80
LOULÉ — R. Ataide de Oliveira, 18

NOTA: As lojas de Lisboa, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.

AGORA SETUBAL E MONTIJO

ORTIGA



HÉLDER MANUEL
MARCOS FONTES

Agradecimento

Sua esposa, filhos, pais, sogros e restantes familiares, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todos as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar.

"Habijamor" quer ajudar Oeiras

A Cooperativa de Habitação «Habijamor» propõe-se colaborar com a administração da Câmara Municipal de Oeiras na resolução do mais grave dos problemas do concelho — a falta de habitação — e ter dela a colaboração possível, principalmente quanto à aquisição de terrenos e eventual apoio logístico — salientou o seu presidente, António Reigado, na apresentação pública deste órgão de moradores do concelho de Oeiras.

Fundada por escritura pública de 19 de Dezembro de 1986 e com cerca de duas centenas e meia de associados, a Cooperativa de Habitação e Construção «Habijamor» pretende contribuir para a resolução do principal problema de um dos concelhos nesse campo mais carenciados da área metropolitana da Grande Lisboa, segundo um estudo do Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção.

Disse A. Reigado na apresentação da «Habijamor», cerimónia em que estiveram presentes o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais, o vereador da Habitação e o ve-

reador Noronha Feio, do PRD, que «a resolução dos problemas de habitação e das infra-estruturas a ela subjacentes, resultantes da pressão demográfica sobre as áreas urbanas, passa invariavelmente pelo binómio Poder Central/Poder Autárquico, com o necessário e inevitável enquadramento — pelas autarquias — das forças vivas do concelho vocacionadas e empenhadas na busca dessa solução».

De acordo com o estudo do MHUC acima referido, Oeiras era, em 1977, o concelho mais carenciado de habitação, ocupando Loures o segundo lugar, Almada o terceiro, vindo depois — e por esta ordem — Sintra, Cascais, Lisboa, Vila Franca de Xira, Moita, Matosinhos e Barreiro.

No início da década de 80 (1982-1983), a repartição institucional da construção civil em Portugal assentava nos seguintes parâmetros: iniciativa privada, 60 por cento; sector público, apenas 11 por cento; sector cooperativo, quatro por cento; e construção clandestina, 25%.

Bulhão Pato motiva passeios por Lisboa

A figura do criador da mais popular receita com amêijoas portuguesas servirá de pretexto para uma série de encontros sobre a cultura de transição para o século XX, que o Centro Nacional de Cultura inicia a 3 de Maio.

Dedicado ao poeta e gastrónomo Raimundo António de Bulhão Pato, nascido em Bilbau (Espanha), em 1829, e falecido em Portugal em 1912, esta série de conferências, visitas e — necessariamente — refeições pretende evocar a literatura, a política e os hábitos de vida da época.

Autor de numerosos livros em prosa e verso o nome do escritor é popularmente conhecido pelas suas «amêijoas à Bulhão Pato», um prato obrigatório em todos os restaurantes portugueses e que só alguns eruditos ligarão a obras como «Amor virgem numa pecadora» (comédia em um acto), «Canções da tarde» ou «Faiscas de fogo morto», por exemplo.

As suas «Memórias» foram recentemente reeditadas.

A evocação agora programada decorre em três locais ligados ao escritor: o bairro lisboeta da Ajuda — onde Bulhão Pato se encontrava com Alexandre Herculano —, a cidade de Santarém — em cuja lezíria caçou —, e a Caparica, onde passou os últimos anos de vida num exílio voluntário.

O ciclo retratará Lisboa dos finais do século XIX e princípio do século XX, as lutas partidárias, os seus clubes, associações secretas, hotéis e restaurantes.



Raimundo António de Bulhão Pato

Intelectuais que conviveram com o escritor — como Herculano, Almeida Garrett, Rodrigues Sampaio, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Afonso Costa ou Augusto Gil — serão também evocados ao longo desta série de encontros, o primeiro dos quais decorre na manhã de 3 de Maio junto ao Palácio da Ajuda.

O jornalista António Valde- mar e o actor Pisanni Burnay, além de alguns gastrónomos, participam nos encontros, que incluem sempre almoço.

Enquanto os dois primeiros evocarão a figura e obra literária do autor, caberá aos outros falar sobre aquilo que ainda hoje a maioria das pessoas associa a Bulhão Pato: as «suas» amêijoas, as «perdições à castelhana» e o «arroz opulento».

Fronteira de Valença foi a mais solicitada

MAIS DE 600 MIL ESPANHÓIS PASSARAM A PÁSCOA EM PORTUGAL

CERCA de 650 mil espanhóis passaram a Páscoa em Portugal, entrando por cinco das nossas principais fronteiras: Valença do Minho, Vila Verde da Raia, Vilar Formoso, Caia e Vila Real de Santo António. Contando com milhares de outros que passaram as fronteiras que só abrem neste período, no Natal ou quando há festas populares de um lado ou outro da raia, esse número deverá ter ultrapassado os 700 mil, como o «DL» ontem adiantou.

Sabe-se, segundo o Comando-Geral da Guarda Fiscal, que o movimento total de espanhóis de 13 a 19 de Abril nas cinco principais fronteiras portuguesas (Valença, Vila Verde da Raia, Vilar Formoso, Caia e Vila Real de Santo António) foi de mais de 643 mil pessoas, entre elas

94 469 emigrantes, 544 515 espanhóis e 22 mil de outras nacionalidades. A fronteira de Valença do Minho-Tuy foi a mais procurada, ainda segundo os dados ontem à tarde fornecidos pela GF.

Este ano, durante as festas da Páscoa, entraram mais emigran-

tes, espanhóis e visitantes de outras nacionalidades em relação a igual período do ano passado. A presença de espanhóis em Portugal ultrapassou, no período da Páscoa, em mais de 308 000 pessoas o registado em 1986.

Na Páscoa do ano passado entraram 39 696 emigrantes, 235 660 espanhóis e 14 646 visitantes estrangeiros de outras nacionalidades.

Pela fronteira de Valença entraram 2796 emigrantes, 318 171 espanhóis e 1909 de outras nacionalidades, pulverizando todos os números dos últimos anos, no mesmo período.

Em Vila Verde da Raia entraram 15 725 emigrantes, 13 027

espanhóis e 1986 estrangeiros, e em Vilar Formoso 75 101 emigrantes, 106 665 espanhóis e 9748 de outras nacionalidades.

Caia registou a entrada de 793 emigrantes, 89 809 espanhóis e 4285 de outras nacionalidades, enquanto em Vila Real de Santo António foram contabilizados 54 emigrantes, 16 843 espanhóis e 4272 de outras nacionalidades.

Nestes números não estão consideradas as fronteiras aéreas de Lisboa, Porto e Faro, por onde entraram igualmente muitos passageiros, nomeadamente estrangeiros, não-espanhóis.

Durante os três últimos dias da Semana Santa entraram pela fronteira de Caia-Badajoz 48 000 espanhóis

Vigário-geral da Guarda morre na estrada

Regresso da Páscoa foi bastante sangrento

Dezoito mortos e 344 feridos, 109 dos quais em estado grave, é o balanço da Páscoa nas estradas portuguesas, que ficou assinalado no último dia — ontem — por nove mortos, quatro deles à tarde, já para além do boletim da Brigada de Trânsito da GNR. Durante os cinco dias da «Operação Páscoa», que este ano não envolveu especiais precauções por parte da GNR, ocorreram 401 acidentes e viação.

Foi bastante sangrento, o regresso da Páscoa a casa, como os números ilustram. De facto, entre as doze horas de domingo e o meio-dia de ontem verificaram-se 118 acidentes, de que resultaram cinco mortos e 127 feridos. Destes, 38 tiveram que ser internados, dada a gravidade do seu estado. A tarde, o vigário-geral da Diocese da Guarda e dois espanhóis morreram também na estrada, assim como a mãe daquele sacerdote, em dois espetaculares acidentes perto de Pinhel e Elvas, respectivamente.

O período (de 24 horas) entre o meio-dia de domingo e a mesma hora de ontem foi o mais sangrento dos cinco dias que integraram a «operação Páscoa», a qual este ano não envolveu a mobilização total dos efectivos da Brigada de Trânsito da GNR.

Não só foi durante esse período que ocorreu o maior número de acidentes (427), como aquele em que houve mais feridos graves: 38. Recorde-se, contudo, que também entre o meio-dia de ontem e a mesma

hora de sábado cinco dos 17 feridos chegaram sem vida ao hospital.

Aos cinco mortos acima referidos — até ao meio-dia de ontem — juntaram-se, à tarde, mais quatro, resultantes de acidentes perto de Elvas e da Guarda, elevando assim para dezoito o número total de mortos nas nossas estradas, durante a Páscoa ou no regresso a casa.

Num daqueles acidentes perdeu a vida o vigário-geral da diocese da Guarda, Henrique Castelo Madeira, de 59 anos. Ele e sua mãe, Laurinda Castelo Madeira, de 91 anos, morreram ontem à tarde, quando o carro em que seguiam se despiu de perto de Gouveias, no concelho de Pinhel, a caminho da Guarda. O

sacerdote faleceu quando era transportado para o hospital, mas a mãe teve morte imediata.

No outro grande acidente de ontem à tarde, entre Elvas e Via Aboim, na Estrada Nacional, morreram dois espanhóis que se dirigiam para a fronteira do Caia, ficando gravemente feridos três portugueses.

Os mortos são Leonardo Flores Gordo, de 55 anos, e Pilar Teresa Madrugarrem, de 47 anos, ambos de Madrid. Os feridos do acidente (embate entre duas viaturas), que seguiam noutro veículo, foram todos conduzidos ao Hospital de Elvas. Trata-se de Joaquim Carvalho Lama, de 28 anos, José Albuquerque Tiodisio, de 32, e Manuel Jesus Meira Serrano, de 18 anos.

Desenvolvimento de regiões de emigração

Governo investe 700 mil contos na acção de formação de jovens

O ministro do Trabalho e Segurança Social anunciou no Porto que o Governo vai investir este ano 700 mil contos em iniciativas regionais que visam a criação de cerca de mil empregos.

«Este apoio financeiro — acrescentou Mira Amaral — insere-se na política de desenvolvimento regional do Governo e vai proporcionar a criação de cerca de 900 novos postos de trabalho».

Os ministros do Trabalho e do Plano e da Administração do Território presidiram numa dependência da Comissão de Coordenação da Região Norte (CCRN) ao acto de assinatura de um protocolo de acção de formação de jovens como agentes de

desenvolvimento em regiões de emigração.

Mira Amaral afirmou que «o ano de 1986 foi um bom ano económico para Portugal, o que se traduziu na criação de cerca de 20 000 postos de trabalho, na diminuição de salários em atraso da ordem dos 42 por cento e também na descida, em 22,9 por cento, do número de jovens que procuram o primeiro emprego».

O protocolo, celebrado entre o Instituto do Emprego e Formação Profissional e os Centros de Coordenação das Regiões do Norte, Centro e Sul, foi assinado por representantes destas instituições e homologados pelos dois ministros presentes.

O empreendimento é patrocinado pela Organização Internacional do Trabalho, representada no acto por René Kierszbaun, e

pelo programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD).

O ministro do Plano e da Administração do Território sublinhou «o espírito de iniciativa dos jovens que vão frequentar estas acções de formação».

Valente de Oliveira disse que «é preciso substituir a ideia generalizada de que a responsabilidade do desenvolvimento é de todos nós, pela ideia de que é de todos e de cada um de nós».

«É necessário e urgente — acentuou — que cada um se sinta de facto responsável».

Considerou que se desenvolve no país, desde há dois anos, um movimento no domínio da investigação científica e preconizou «o alargamento desta dinâmica a outras áreas».

O presidente da CCRN, Luís Braga da Cruz apresentou as linhas principais desta dinâmica e os objectivos do protocolo.

Este visa, a curto prazo, «dotar as regiões do Norte, Centro e Sul de agentes de desenvolvimento capazes de assegurar no plano local e regional tarefas de difusão da informação consultiva e animação do tecido social, económico e cultural local».

Mas não só: também «constituir, a nível local, equipas versáteis e flexíveis que, actuando de forma concertada com as forças locais e facilitando a coordenação entre as suas perspectivas políticas, se assumem como actores e dinamizadores do processo de desenvolvimento».

A médio prazo, o programa prevê a criação de emprego em

regiões de emigração, «de forma a proporcionar a fixação da população e a dinamizar a economia local».

Prestará apoio aos processos de regionalização e descentralização, através do fortalecimento das capacidades de intervenção das regiões.

O número de candidatos a seleccionar será de 64, sendo 16 na região do Algarve, 24 na Região do Centro e 24 na Região do Norte.

A acção de formação decorrerá em Faro, Coimbra e Porto, entre 15 de Maio e Janeiro de 1988, e, numa fase posterior, de inserção institucional e profissional dos agentes de desenvolvimento, nos anos de 1988 e 1989.

Falta

de pessoal
deixa escola
sem gestão

Demitiu-se a comissão instaladora da Escola Preparatória de Paredes de Coura por falta de pessoal administrativo.

Funcionários administrativos da escola foram transferidos por concurso para outros serviços, não tendo o Ministério da Educação procedido à respectiva substituição.

A Direcção-Geral de Administração e Pessoal (do MEC) nem sequer responde à correspondência que sobre o assunto a CI demissionária lhe tem enviado.

Não podendo nessa situação gerir correctamente a escola, a comissão instaladora viu-se compelida a apresentar a demissão.

Vedetas são Queirós de Andrada e Faustino Cavaco

DOPA E "FP-27": DOIS GRANDES PROCESSOS COMEÇAM HOJE

Dois julgamentos importantes iniciam-se hoje em Lisboa: um, relativo à quadrilha que ficou conhecida como «FP-27», no Tribunal de Monsanto, como ontem noticiámos; outro, relativo ao caso de contrabando de divisas, que foi baptizado como «caso Dopa», no Tribunal da Boa Hora.

No primeiro dos julgamentos estarão presentes nomes sonantes da marginalidade portuguesa, com algumas ligações internacionais, sendo «vedeta» Faustino Cavaco, notabilizado no ano passado pela sua fuga, integrado num grupo, de Pinheiro da Cruz e que teve o saldo de quatro guardas prisionais mortos.

São 23 os réus que se sentarão no Tribunal de Monsanto respondendo por um conjunto de acções que incluiu muitos assaltos a bancos e não só — num total de 30 —, alguns mortos pelo caminho (à mão de Cavaco) e cenas de fuga e tiroteio com a polícia.

Dos réus, quatro encontram-se em liberdade sob caução, quatro são julgados à revelia e os restantes, incluindo Faustino Cavaco, encontram-se sob prisão preventiva.

O colectivo que julgará este caso é presidido pelo juiz Mário Miranda Jones, sendo vogais Manuel Fernandes e Mota Miranda. As previsões iniciais são de que o julgamento deste caso terminará em Julho, sendo contudo admissível que se prolongará. Os casos de homicídio que recaem sobre elementos do grupo não estão a julgamento por agora.

Dopa: banco para 235

Já no que se refere ao julgamento do caso Dopa, o banco tem muito mais lugares disponíveis, qualquer coisa como 235 réus. Mas a curiosidade deste julgamento não termina aqui, bem pelo contrário: estão em causa muitos nomes importantes da sociedade portuguesa e acontece mesmo que entre os réus se encontra o advogado Francisco Sousa Tavares que na altura era ministro da Qualidade de Vida. Mas o seu caso será julgado em separado no dia 30.

Tratou-se de um caso detectado pela Polícia Judiciária em 1984, cujo nome veio da empresa (a Dopa) que «manuseava» os dinheiros envolvidos, de que resultaria, segundo a acusação, o crime de tráfico ilegal de divisas.

Segundo a acusação, elevar-se-ia naquela data a meio milhão de contos o volume das divisas acumulado ilegalmente na Suíça pelos dirigentes e clientes da Dopa (agora réus), na sequência de uma actividade que viria rendendo à empresa lucros mensais médios de 14 mil dólares e aos depositantes juros que variavam entre os 10 e os 14 por cento.

Como curiosidade assinala-se que no julgamento estará vago o lugar do principal réu, o do próprio «patrão» da Dopa, Joaquim Queirós de Andrada, evadido para o Brasil em Julho de 1985, quando sob prisão se dirigiu para consulta ao Hospital de Santa Maria, em Lisboa.

Assim, do conjunto dos réus apenas um se encontra sob prisão: é o filho de Queirós de Andrada, Manuel, que era sócio-gerente da Dopa.



Joaquim Queirós de Andrada: o «patrão» da Dopa

Negócio de compra e venda

A acusação sustenta no processo que o tráfico ilegal de divisas pela Dopa se processava «através da compra e venda directa de moeda estrangeira, em cheque ou notas, pela realização de transferências monetárias de conta a conta, operadas pela Dopa através do Trade Development Bank, na Suíça, e pela existência de clientes permanentes com conta corrente na Dopa em moeda estrangeira, com direito a juros mensais, igualmente em moeda estrangeira».

Ainda segundo o Minsitério Público, a Dopa tornou-se «responsável pelas maiores fugas de capitais jamais verificadas em Portugal», estimadas pelos investigadores em milhão e meio de contos por ano.

Com lucros mensais de 14 mil dólares, a Dopa, à data da intervenção policial, tinha um saldo positivo de meio milhão de dólares (moeda em que eram contabilizadas as operações), saldo que lhe estava creditado na conta número 165540 AJ, do Trade Development Bank, de Zurique.

A Dopa recebia dos clientes (os «correntistas», como eram designados), dinheiro estrangeiro, em notas ou em cheques, que colocava na Suíça, através daquele banco, em transferências monetárias de conta a conta.

Havia, entretanto, segundo foi apurado pela polícia e pelo Ministério Público, clientes com contas correntes em moeda estrangeira a auferir juros fixados entre os 10 e os 14 por cento.

São estes «correntistas», mais os dirigentes

e funcionários da Dopa que hoje começam a responder em Tribunal. São 11 os quadros da empresa que são acusados no âmbito deste processo.

História de uma empresa

Esses responsáveis por parte da empresa são os seguintes: Joaquim Queirós de Andrada, revel depois da sua fuga e que seria o «patrão» da empresa, actualmente no Brasil; seu filho, Manuel Queirós de Andrada, director da empresa na ausência do pai, o único que se encontra sob prisão preventiva; Caetano Maria Manuel Queirós de Andrada, irmão de Joaquim; Armando Nunes Simões, contabilista da empresa; Henrique Manuel Francisco Duarte; Preciosa da Silva Correia de Moura, telefonista; Carlos Alberto Ribeiro Fernandes; Manuel Silva Ricarte; Abdias Henriques Rodrigues Lopes, responsável pela Dopa no Porto; Alfredo da Resurreição Martins Gonçalves; e João de Deus Mesquita.

A Dopa — Dragagens e Obras Públicas — foi reestruturada por Joaquim Queirós de Andrada em 1977, depois da sua desactivação, com despedimento colectivo do pessoal. Com 40 por cento do capital holandês, a Dopa recebia então três vertentes de negócios da família Andrada, em Angola e no Brasil.

Sócio de Jorge Jardim no Gabão, Joaquim Queirós de Andrada fora durante anos proprietário de uma casa de câmbios em Luanda — Andradas, Lda. —, e de uma agência de viagens — Atlas — ao mesmo tempo que era gerente do Banco Comercial de Angola, assim como daquela agência de viagens.

Emigrado depois para o Brasil, ali funda e gere a agência de viagens e turismo «Atlantis Tours», em que, nos termos do alvará, acumula a actividade turística como o comércio de câmbios.

A Dopa, por seu turno, é «fundada» em 1977, vocacionada, nos termos estatutários, para «estudos ligados à construção civil».

Uma alegada burla num balcão bancário de Mira esteve na origem da ofensiva policial contra a Dopa, o que faz prever que sem esse «incidente de percurso» a empresa não seria detectada nas suas actividades desenvolvidas à margem da lei portuguesa.

Em 1984, Joaquim Barros de Carvalho, gerente do Banco Pinto & Sotto Mayor de Mira, apresentou-se aos balcões da Dopa com cheques visados no montante de 60 mil contos, em troca dos quais lhe foi aberto crédito no banco suíço, no esquema que a empresa praticava com os seus clientes.

Detectada, deste modo, aquilo que tudo indicava tratar-se de uma burla, a Polícia Judiciária entrava em campo e detinha, cinco dias depois, o sócio-gerente da Dopa, Manuel Queirós de Andrada, fazendo de seguida diversas devassas aos escritórios da empresa, identificando e detendo dirigentes e empregados, com apreensão de documentos que neste momento integram o volumoso processo.

Pescador do Faial desapareceu no mar

Um pescador da ilha do Faial desapareceu ontem de madrugada no mar a cerca de 3 milhas da Horta, informou a capitania do porto desta cidade açoriana.

O capitão do porto disse que o pescador desaparecido, António Sousa Ferreira, de 47 anos, tripulava o seu pequeno barco de pesca que ia a reboque de uma embarcação de um colega seu com quem saíra para a faina.

Quando estavam a cerca de 3 milhas da Horta, o pescador apercebeu-se do desaparecimento de António Ferreira e procedeu de imediato, segundo relatou, a buscas nas proximidades.

Como as buscas resultassem em vão, explicou o capitão do porto, regressou a comunicar a ocorrência. As buscas desencadeadas pela capitania da Horta iniciaram-se então, prosseguindo por toda a tarde de ontem.

Na Baixa do Funchal

Armazém comido pelas chamas por presumível fogo posto

Um armazém da Baixa do Funchal ardeu ao fim da tarde de ontem, ao que se presume por fogo posto. O incêndio depressa devastou os primeiro e segundo andares do edifício, onde se guardavam produtos plásticos, causando danos a um restaurante e uma pastelaria no rés-do-chão. Cinco bombeiros tiveram de ser transportados para o hospital, vítimas de intoxicação, ainda per-

mancendo internados esta manhã dois deles.

Eram cerca das 19 horas quando foi dado o alarme do fogo no número 61 da Rua da Praia, a 100 metros do quartel dos bombeiros. Uma centena de soldados da paz foram necessários para combater as chamas, entre voluntários e municipais.

O armazém pertence à firma António Camacho de Sousa e

situa-se na parte velha da cidade, com habitações degradadas e muito antigas. Testemunhas oculares afirmam ter visto dois rapazes a fugirem da escadaria do imóvel, onde terá tido início o incêndio, que depressa alastrou.

Os funcionários daquela firma saltaram pelas janelas para fugirem às labaredas, mas não se registaram danos pessoais. Os materiais, esses, foram elevados.

Mário Castrim



PREZO-ME de ser bom cristão tanto quanto possível, ou seja, tanto quanto os meus interesses o permitem. De vez em quando rezo, de vez em quando dou esmolas, de vez em quando (aliás quase sempre) não desejo a mulher do próximo — e eu às vezes fico-me a pensar por que não será crime desejar o homem da próxima. De todas as cerimónias religiosas, aquela a que me tenho conservado mais fiel é a do lava-pés. Como se sabe, vai mesmo à justa para dois mil anos, Jesus Cristo encontrou uma data de mendigos, arranhou água e uma bacia, pôs-se a lavar-lhes os pés, com grande espanto dos próprios mendigos que nunca os tinham lavado. Jesus foi nisso para mostrar sua humildade: Rei embora, ajoelhava diante dos pobres, a quem prestava máximo respeito.

Também eu, antigamente, mandava reunir os pobres da minha freguesia, punha-os em bicha e lá lhes ensaboava os joanetes. Como deveis entender, era tarefa medonha.

Seguidamente, mandei que os pobres viessem já de casa com os pés descascados. Depois, era só dar-lhes, cristãmente, uma passagenzita com a toalha húmida. Assim mesmo, porém, ainda me via obrigado a apertar o nariz. Fosse tudo em louvor da lição de Cristo!

Passei a distribuir pelos pobres frasquinhos de água-de-colónia. Não resultou. Alguns venderam-nos, outros trocaram por aguardente e outros ainda argumentaram que eram alérgicos. Cristão sofre!

Veio-me então à ideia substituir os pobres por seus representantes. Afinal, o que importava era o símbolo. Salvo o símbolo, tudo está salvo. Contratei alguns estudantes, com provas dadas no capítulo da Higiene. Foi assim que me saí no ano passado. Este ano, complicou-se tudo. Estava sem ninguém, quando me apareceu uma jovem.

Sentei-a no banquinho, aqui me ponho eu a amaciar-lhe os tornozelos. Como se diz nos romances baratos, o pai dela invejivou-me:

— Malandro!

— Estava só a lavar-lhes os pés...

— Ai era? E então os pés vão até ao joelho?

Sempre mal compreendidos, os excessos de zelo de um cristão.

FAMÍLIA A VIVER NA RUA ACUSA A CARITAS DE LHE TER FICADO COM DINHEIRO

As escadas da Travessa do Cabral, junto à Rua das Chagas, ao Bairro Alto, servem desde há dois meses de habitação a uma família de sete membros, que desde Agosto de 1986, altura em que foi despejada da casa onde vivia, se arrasta por casas inacabadas e vãos de escada. E acusa a Caritas Portuguesa de lhes ter ficado com o dinheiro dos donativos que os ouvintes da Rádio Renascença lhes enviaram, em resposta ao apelo lançado por aquela estação de rádio.

Como na altura o «DL» noticiou, a família do sr. Francisco Furtado da Glória foi em Agosto do ano passado despejada da casa que habitava na Rua da Emenda, ao Bairro Alto. Tratava-se de uma casa de dormidas, de que o chefe da família tomava conta. A casa foi fechada por ordem de um juiz por «motivo de obras e falta de higiene, mas foi uma aldrabice, eles têm dinheiro e por isso mandam», e desde então a família tem-se arrastado de sítio para sítio, sem ver a sua situação resolvida.

Ficaram assim durante quatro meses a viver no vão da escada do prédio de onde foram despejados, até que «um senhor apareceu aqui a dizer que conhecia uma senhora que tinha uma vivenda onde

nos deixava ficar, se tomássemos conta dela», conta o sr. Furtado da Glória.

Mas não ficaram lá mais de um mês, pois a dona da casa «achou que eramos uma família muito grande e, com a desculpa que ia vender a casa, mandou-nos embora».

Dai a família voltou à Rua da Emenda, onde ocupou um edifício que em tempos tinha sido a embaixada de Malta e que «estava fechado há 10 anos». Mas a ocupação não durou mais de dois dias. Ao tentar pôr um fusível, o sr. Furtado e o filho apanharam um choque, tendo-se queimado e dando entrada no hospital.

«O meu filho queimou a cara e ficou internado no hospital. Eu, que tive queimaduras menos graves, fiquei

lá só um dia e, quando regresssei a casa, a família já estava na rua. Segundo nos contaram a ocupação foi denunciada e a polícia da Esquadra das Mercês foi lá, perguntaram-nos se tínhamos autorização para lá estar. Como não tínhamos, fomos postos na rua, mais uma vez», afirmou o sr. Furtado da Glória esta manhã ao «DL».

Da rua da Emenda a família foi, no dia 1 de Março passado para as escadas da Travessa do Cabral, onde ainda se encontra. Fizeram uma cobertura de plástico para os abrigar um pouco do frio e do vento, montaram uns colchões em cima de caixotes de fruta, e de um caixote do lixo da Câmara fizeram um armário.

Nesta altura o caso passou pelos microfones da Rádio Renascença, através dos quais se fez um pedidório para ajudar a família.

As ajudas não se fizeram esperar, como nos contou Furtado da Glória e, entre outros, uma anónima de Chaves doou um cheque de 100 contos e uma outra senhora ofereceu uma casa para habitar durante três meses.

«Mas nós não pudemos

aceitar a casa, porque era uma vivenda inacabada na zona de Sesimbra, no meio de um pinhal, sem luz e sem água. Como a mulher e os filhos trabalhavam em Lisboa e para irem e virem eram 800\$00 de transportes para cada um por dia, ficava-nos impossível», diz Furtado da Glória.

«Foi isso que eu expliquei na Rádio Renascença, só que o que eles disseram às pessoas que ouviam é que nós já tínhamos casa e 100 contos. Afinal casa não temos e o dinheiro não o vimos», acrescenta.

«Quando me dirigi à Rádio para pedir o dinheiro disse-me que estava com a administração, e que depois me contactavam. Mais tarde uma funcionária disse à minha mulher que o dinheiro tinha ido para a Caritas e contou até que todos os donativos para a família da Rua das Chagas lhe tinham passado pelas mãos e que em dinheiro eram perto de 300 contos, três caixas de roupa e dois garrafas de cinco litros de azeite. E deram-me uma fotocópia do recibo que provava que o dinheiro tinha sido mandado à Caritas, só que não mencionava a quantia».

A partir daí foi uma «roda viva» a caminho da Caritas onde, segundo o chefe da família, lhe diziam que não tinham recebido nada. «Só quando a minha mulher mostrou a fotocópia do recibo é que disseram que tinham recebido qualquer coisa, mas que não eram 300 contos, mas cerca de 100».

E o sr. Furtado prossegue, indignado com a Caritas: «A minha mulher pediu algum dinheiro para comer, eles não deram nada e disseram: «Não para procurarmos casa, e sem indemnização, pois o dinheiro que lá tinham para nós só dava para dois, três meses de renda».

E dos donativos que o sr. Furtado diz terem-lhe sido enviados por ouvintes da Rádio Renascença («um senhor veio aqui dizer que tinha dado 50 contos»), a Caritas «só quis dar à minha mulher algumas roupas e um garrafão de azeite, que ela não aceitou, pois nós tínhamos direito a mais».

Furtado da Glória desabafa: «Tivemos azar de o nosso apelo ter sido na mesma semana do pedidório da Caritas, e eles aproveitaram-se de nós e ficaram-nos com tudo».

Com todos os elementos da família desempregados, e o sr. Furtado a receber uma reforma por invalidez de 11.500\$00, as sete pessoas — o casal e cinco filhos com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos e um deles no hospital para ser operado — vive de esmolas. «Os miúdos têm almoço ali em Stª Catarina, dado pela Santa Casa da Misericórdia, e parece que agora nos vão dar também a nós», disse Furtado da Glória.

A mulher, que fazia tapetes de Arraiolos para vender, deixou de trabalhar porque não tem dinheiro para comprar os materiais, e os dois filhos que trabalhavam — um como carpinteiro e outro como pasteleiro — despediram-se pois «não tinham condições para se apresentarem ao trabalho, pois nem água temos para nos lavar», conta o chefe da família.

Sem esperanças de verem o seu problema resolvido para breve, Furtado da Glória apenas diz: «Se recebessemos o dinheiro que enviaram para nós já nos podíamos equilibrar, pois pagávamos três ou quatro meses de renda e voltávamos a procurar trabalho».

Anunciados ontem novos casos

Criminalidade juvenil soma e segue

Três jovens de Alcobaça foram detidos pela Guarda Nacional Republicana por implicação em furtos de velocípedes com motor, no desfecho de averiguações levadas a cabo por aquele corpo miliairizado.

Jorge Rodrigues, de 20 anos, residente em Porto de Mós, confessou, após interrogatório, ser um dos autores daqueles roubos, tendo a GNR de Alcobaça conseguido recuperar, na sequência, dois velocípedes completos, várias peças de outros já desmontados e uma caçadeira de calibre

12, de canos sobrepostos, furtada num arneiro em Almeirim.

Na continuação das averiguações foram também detidos, pela GNR de Coruche, José e Paulo Garcia, de 17 e 19 anos respectivamente e residentes em Aljubarrota, implicados nos mesmos furtos e ainda numa tentativa de assalto a um estabelecimento comercial em Coruche.

Pela mesma altura, a GNR de Vila Franca de Xira deteve em flagrante os jovens Amílcar Carvalho, de 16 anos, e Adelino Pe-

reira, de 15, após terem roubado um automóvel ligeiro.

Em Mem Martins caiu sob a alçada da lei outro menor, Carlos Oliveira, de 13 anos, quando tentava assaltar uma oficina de reparação de motorizadas. O adolescente foi depois entregue aos pais enquanto se espera a sua ida a Tribunal Tutelar de Menores.

Em Valongo, Port, Rui Soares, de 16 anos, foi apanhado pela GNR após furtar de um talho uma máquina registadora no valor de 100 mil escudos.

Em Linda-a-Velha, dois jovens de 25 e 28 anos de idade, Eduardo Joaquim e Manuel Mota, respectivamente, foram também detidos por furto de artigos de um armazém. Libertados condicionalmente mediante o pagamento de caução de 6 contos cada, devem apresentar-se quinzenalmente no posto da Guarda Nacional Republicana daquela localidade do concelho de Oeiras até à realização do julgamento.

Em suma, a criminalidade juvenil em Portugal soma e segue.

Em Barcelos

Corpo de septuagenário retirado de poço

O cadáver de um homem de 72 anos que tinha uma pedra de cerca de 20 quilos atada ao corpo com um arame foi retirado ontem de madrugada pelos bombeiros de um poço na freguesia de Barqueiros, em Barcelos, distrito de Braga.

A GNR de Barcelos diz que se trata do corpo de António Moreira de Sá Lopes, desaparecido na tarde de domingo e que, aparentemente, se suicidou.

O poço em que foi encontrado António Lopes situava-se próximo da residência da vítima.

Anuncia a PJ

Descoberto o autor do crime que impressionou Setúbal

Foi um jovem de 21 anos, evadido de um estabelecimento prisional onde cumpria uma pena por furtos, o autor do homicídio na pessoa de Carlos Manuel Ias Ervedoso, em 11 de Dezembro de 1985, conforme foi então noticiado.

Chegou a essa conclusão a Polícia Judiciária de Setúbal, que se recusou a divulgar a identidade do suspeito assassino, o qual ainda se encontra indiciado por envolvimento noutros delitos, designadamente o de violação.

O crime perpetrado pelo jovem, que na altura apaixonou a

opinião pública setubalense, ocorreu quando, segundo palavras da PJ, «o presumível criminoso, munido de uma arma furtada no dia anterior e à qual serviu os canos, se deslocou ao cais do Seixalinho para praticar furtos». Foi então que, encontrando Carlos Ervedoso, também de 21 anos, num automóvel com a namorada, lhe desfechou três tiros.

Foi a rapariga que testemunhou a sucessão dos acontecimentos: depois do primeiro tiro, Carlos Ervedoso, ferido, pediu ao outro jovem que não o matasse, mas o evadido ordenou-lhe que se dirigisse para umas rochas

que ficavam perto e aí lhe esfaqueou a cabeça.

Abandonou então o local com a namorada de Ervedoso, violando-a mais adiante. Só agora o jovem assassino confessou a autoria dos crimes.

Em comunicado ontem divulgado, a Polícia Judiciária de Setúbal diz lamentar «o comportamento do pai e familiares do falecido, que vinham pressionando os investigadores, alegando a sua inépcia e ameaçando com o recurso a instâncias superiores da Justiça, bem como recorrendo a órgãos de Comunicação Social».

Trabalham na Siderurgia Nacional

Totoloto: 68 mil contos a dividir por cinco

Um apostou, os outros (quatro) ficaram à espera. Como sempre, desde que jogam. E fizeram-no muitas vezes até ao passado sábado, já que todos trabalham na Siderurgia Nacional e no mesmo sector: trem-médio. Sábado, na extracção n.º 16 do Totoloto deste ano, acertaram em cheio na «chave» sorteada: 7-8-12-22-30-39. Seis números que lhes ficarão na memória.

Por detrás do anónimo totalista — inicialmente os serviços do Totoloto ainda admitiram o aparecimento de outro — do Barreiro, o segundo em pouco mais de um mês, escondia-se uma sociedade de cinco trabalhadores da Siderurgia Nacional que encara, agora, o futuro com mais desafogo. José Jacinto Rocha «deu a cara», assinando o boletim do Totoloto, com a ressalva do anonimato.

Mas não resistiu a mantê-lo: nem ele nem os seus quatro camaradas de trabalho e de fortuna. Ontem, todos sabiam, no Barreiro, que o totalista era José Jacinto Rocha, que esta manhã o «DL» apurou tratar-se do trabalhador n.º 5520 da Siderurgia Nacional. Os seus quatro sócios trabalham na mesma secção e, como ele, não pensam deixar a empresa, porque os 13 600 que tocam a cada um não duram toda a vida.

José Jacinto Rocha trabalhou no turno da noite (das zero às 8 horas de hoje), Mário Salustino Pereira Lino devia entrar no turno da tarde (16 horas), e há ainda João Dias do Nascimento e Carlos Alberto Carmo Marcelino, quatro dos cinco felizardos que levaram inteirinho para o Barreiro o 1.º prémio da 16.ª extracção deste ano do Totoloto.

São 68 mil contos a dividir por cinco e, portanto, 13 600 contos a cada um deles, todos operários da Siderurgia Nacional, empresa que continuava a sua laboração normal esta manhã e em que nem todos os seus companheiros sabiam do acontecimento, como o «DL» teve ocasião de constatar.

Foi no «Café Bonfim», no Barreiro, que o Totoloto da fortuna foi registado, por Jacinta Salgado, dona do próprio estabelecimento. O grande sonho do apostador que deu o nome, José Jacinto Rocha, é comprar uma casa e um carro.

«Nenhum deles deixará de trabalhar, pois os 13 600 contos que cabem a cada um não vão durar sempre», disse a proprietária do «Café Bonfim».

Aquela agência — segundo Jacinta Salgado — nunca tinha dado prémio tão grande.

Um grande negociante comunista

Jacques Grall

Jean-Baptiste Doumeng, «o milionário vermelho», morreu na noite de 5 para 6 de Abril, com sessenta e sete anos, no seu domicílio de Noé, perto de Toulouse, após uma longa doença.

Sabia-se tudo de Jean-Baptiste Doumeng, poderoso presidente do grupo Intergra com um volume de negócios avaliado em 10 mil milhões de francos. E, no entanto, o homem era indecifrável, contraditório, milionário e comunista, sensível e grosseiro, homem da terra e do comércio.

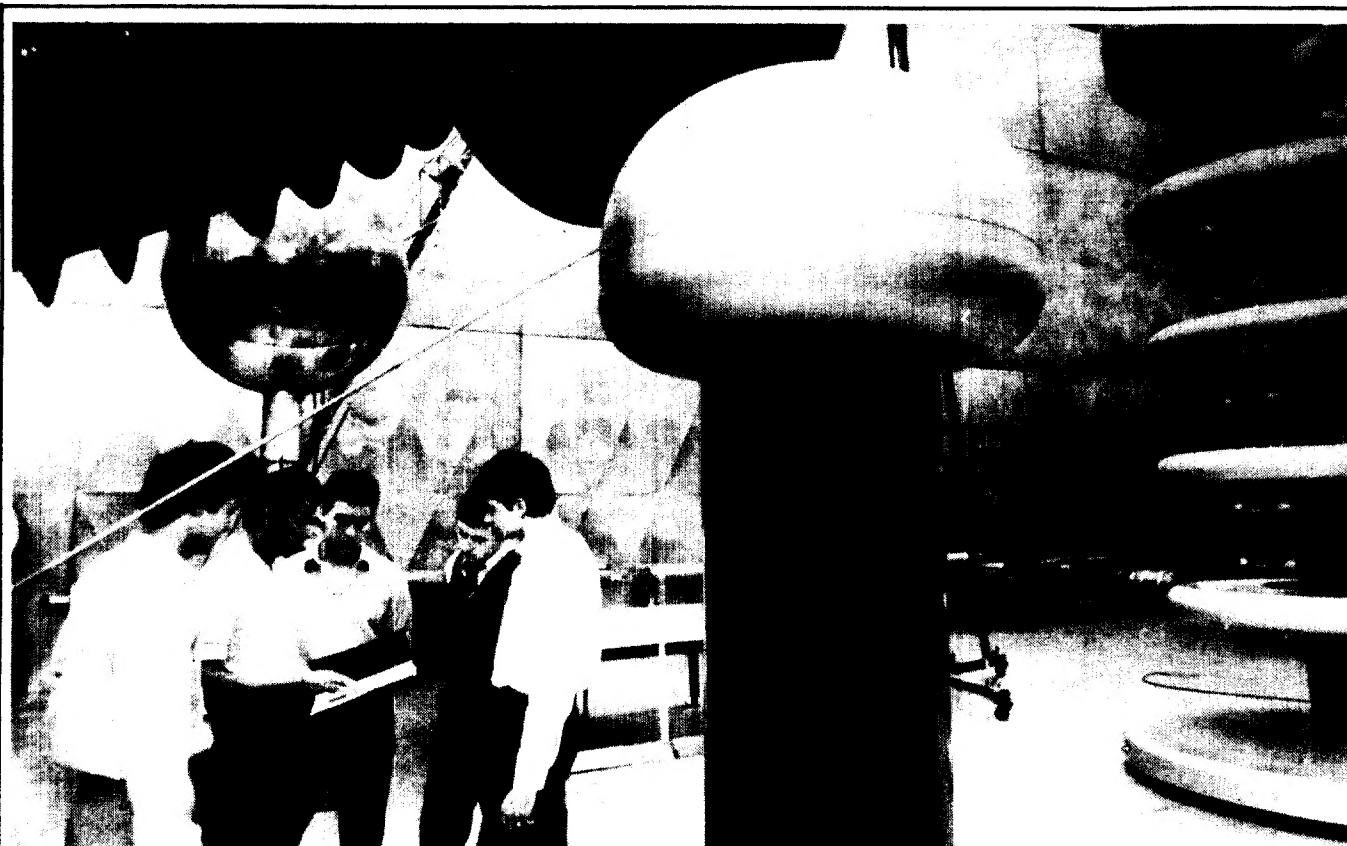
A sua infância de filho de caseiro radical-socialista, a morte da mãe quando ele tinha quinze anos, fizeram-no conhecer a pobreza. É por influência de Jean Baby que adere ao Partido Comunista. Tem então dezasseis anos. Durante a guerra é encarregado de assegurar o abastecimento de alimentos da sua rede de resistência. É o princípio da sua vocação profissional. Na libertação, com um grupo de cooperativas que preside (a UCASO). Depois funda a sociedade Intergra. A partir daí, o império Doumeng avança, em dois lados, um deles na Haute-garonne, na sua terra, no seu clã, o outro em Paris onde, rodeado de alguns colaboradores fiéis, chegará aos grandes mercados mundiais de produtos agrícolas, depois de petróleo e a engenharia agro-alimentar, com o fornecimento de fábricas, de depósitos de alimentos para alimentar as cidades de certos países do Terceiro Mundo.

Ele tinha o sonho de lutar contra as multinacionais, fazendo trabalhar em conjunto cooperativas americanas e soviéticas, e ia muitas vezes à URSS onde travou conhecimento com um certo Mikhail Gorbatchev, quando este era um simples quadro regional. As suas relações com os países de Leste foram uma sorte para a França e para a Europa, na medida em que Jean-Baptiste Doumeng contribuiu fortemente para o esvaziamento dos «stocks» agrícolas. Mas o seu papel também foi depreciado. Ele era, por exemplo, a sombra negra dos viticultores do Sul da França para os quais ele representava o homem das importações.

Doumeng também foi a sombra negra da direita que muitas vezes procurou prejudicá-lo acusando-o de fraudes fiscais. Outra acusação constante: financia o Partido Comunista. Se é certo que J.B.D., como era familiarmente conhecido, era um pilar ortodoxo do PCF nunca ninguém pôde provar o seu papel de financeiro do partido. Ele próprio dizia que pagava a quota, e talvez ela fosse, simplesmente, maior do que as outras. De rosto corado e voz áspera, ele afogava os seus interlocutores numa logorria em que misturava Lenine e Kant, o dólar e o ECU, e Clausewitz também. Tudo isso só com um diploma escolar...

Há muito que a preocupação de Jean-Baptiste Doumeng era a sua sucessão. É certo que pôs dois filhos à frente dos seus negócios. Mas um sistema tão original, ligado à personalidade de um só homem, poderá sobreviver?

(Le Monde)



A FUSÃO NUCLEAR: uma fonte de energia inesgotável

Julian Vera

Uma das batalhas mais intensas que se travam nos países desenvolvidos é a procura de uma fonte de energia através da fusão nuclear. Aprender a governar a síntese termonuclear, proporcionaria à humanidade uma fonte de energia não só inesgotável, como também, o que não é menos importante, ecologicamente mais pura e muito mais segura que a vulgarmente denominada por energia atómica (fissão nuclear).

Uma das batalhas mais intensas que se travam nos países desenvolvidos é a procura de uma fonte de energia através da fusão nuclear. Aprender a governar a síntese termonuclear, proporcionaria à humanidade uma fonte de energia não só inesgotável, como também, o que não é menos importante, ecologicamente mais pura e muito mais segura que a vulgarmente denominada por energia atómica (fissão nuclear).

Actualmente, já se perfilaram os elementos principais do reactor termonuclear e outros pormenores do mesmo. O reactor é uma instalação parecida com um enorme anel de aço inoxidável, dentro do qual se mantém uma pressão muito baixa. Esse anel é cheio com uma mistura de isótopos pesados do hidrogénio: deutério e trítio, os quais, em vez de um, têm dois ou três prótons no núcleo atómico.

Rapidamente, a mistura é aquecida até uma temperatura de 100 milhões de graus (ou pouco menos), o que faz com que se forme um estado gasoso eletrizado (plasma), no qual se produzirá a síntese pretendida: fusão dos núcleos atómicos do hidrogénio formando hélio e com libertações enormes de energia.

O problema do trítio

Se o novo reactor funcionasse só com deutério, o chamado hidrogénio pesado, não haveriam problemas com o abastecimento do combustível, pois o deutério abunda na natureza, sem irmos mais longe, na própria água do mar. Contudo, tudo indica que os primeiros reactores funcionarão com a citada mistura de deutério e trítio, a qual é mais eficaz que o deutério puro. Aqui levanta-se o primeiro problema, pois não há trítio na Terra.

Uma solução para o problema seria produzir o trítio através do lítio (outro elemento químico relativamente abundante na Terra), mas tal processo resultaria bastante dispendioso e poderia ser um sério obstáculo na conquista de energia abundante, barata e não contaminante.

Outra solução é a que foi recentemente proposta pelo físico norte-americano Gerald Kulcinski, a qual consiste na extracção de hélio-3 da Lua. Este isótopo com três prótons no núcleo também pode contribuir para uma mistura eficaz dentro do reactor com a forma de um grande anel.

Durante milhões de anos, o vento solar levou o hélio-3 para o solo lunar, e não seria ridículo imaginar o seguinte quadro. Envia-se à Lua uma expedição de astronautas para, com a ajuda de robots, instalar uma fábrica com o intuito de explorar o solo do nosso satélite natural.

O material extraído teria que ser aquecido até produzir gás e, uma vez condensado, seria tra-

zido para a Terra. O preço alto do combustível original seria, em princípio, aceitável, tendo em conta que uma grama desse gás contém a mesma quantidade de energia que mil toneladas de qualquer combustível clássico (carvão ou petróleo).

Cem milhões de graus

Por outro lado, provou-se que nos reactores chamados «Tokamak», pode-se obter, graças a poderosos campos magnéticos, plasma de altíssima temperatura e além disso, conservado de forma estável. Todavia, ainda falta conseguir os cem milhões de graus centígrados para a densidade de plasma pretendida: neste caso, alcançar-se-ia a ignição que daria lugar a uma reacção termonuclear em cadeia e autocontrolada. Por outras palavras, o invento começaria a funcionar.

Para criar potentes campos magnéticos, capazes de reter o plasma, com a intenção lógica de que a sua atípica temperatura não entre em contacto com as paredes do reactor, costumam-se utilizar bobinas supercondutoras de nióbio e estanho, esfriadas por um sistema que emprega o hélio líquido. Para aquecer o plasma, utiliza-se, basicamente, o bombardeio com átomos neutros rápidos.

Numa instalação deste tipo em Princeton (EUA), obteve-se há uns anos, uma temperatura de 250 milhões de graus centígrados, mas a densidade do plasma e o tempo de conservação não foram suficientes.

Esta experiência norte-americana foi a primeira a alcançar uma temperatura tão alta, embora o plasma continue a ser considerado pela comunidade científica como um estado

da matéria muito caprichoso (daí que seja denominado o quarto estado da matéria) e por isso não é fácil de obter a sua configuração óptima e, simultaneamente, estável.

Os soviéticos na vanguarda

Entretanto, os soviéticos estão a construir a instalação termonuclear com o nome de T-15. O diâmetro do anel será de 4,8 metros e o plasma terá um volume de 25 metros cúbicos. Se bem que um verdadeiro reactor termonuclear seja muito maior, com este modelo tentar-se-á provar um novo sistema de aquecimento do plasma: bombardeio com átomos de hidrogénio e válvulas especiais.

Os reactores experimentais serão construídos provavelmente no final do século. Funcionarão em regime interrompido, isto é, depois do plasma ter sido acendido durante uns 10 segundos e de a fonte de energia externa ter sido desligada (bombardeio atómico), o plasma arderá durante uns 5-10 minutos e depois a «ligação» será interrompida durante um minuto. O ciclo será repetido várias vezes consecutivas, pois os soviéticos pensam que uma combustão ininterrupta resulta muito complicada.

Seja como for, a luta entre as duas grandes potências, Japão e Europa Ocidental, está no seu apogeu e não seria estranho que nos primeiros anos do século XXI, surjam as primeiras centrais eléctricas comerciais, alimentadas por uma reacção química (fusão) característica do Sol.

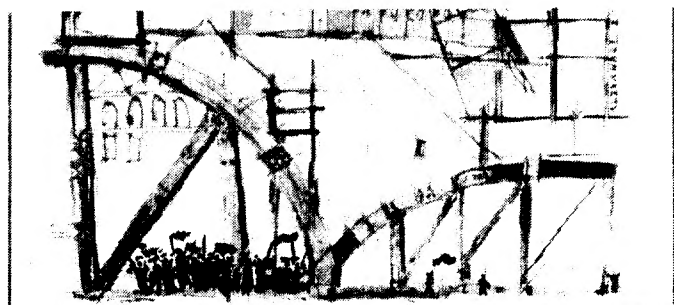
Copyright Agência EFE/C.&C.

CONCELHO DE MIRA



DIA 25 DE ABRIL /87

COMÍCIO - RUI VELOSO - OS TROVANTE
PROVAS DESPORTIVAS - G.N.R. - BAILE



25 DE ABRIL DE 1987

Mário Soares vetou

GOVERNO QUERIA ACABAR COM AS PRT's

O decreto-lei vetado ontem pelo Presidente da República pretendia revogar o regime jurídico da Contratação Colectiva, acabando nomeadamente com as Portarias Regulamentadoras de Trabalho (PRT). O diploma em questão visava modificar também o regime de arbitragem nas contratações colectivas, ambas as figuras previstas na Lei nº16/79.

O conteúdo do diploma pretendia, entre outras restrições ao exercício da Contratação Colectiva, «aca-

bar com as sanções ao dever de negociação de boa-fé», fazendo desaparecer do quadro legal a figura das Portarias Regulamentadoras de Trabalho», disse ao «DL» um técnico do Gabinete de Estudos da CGTP.

Com esta medida, segundo o técnico sindical, «o Governo deixava sem regulamentação de trabalho largos milhares de trabalhadores que não podem exercer o direito de contratação colectiva por inexistência de associações patronais com quem negociar».

As Portarias Regulamentadoras de Trabalho são o instrumento legal através do qual o Governo se substitui às partes normalmente contratantes, fixando o âmbito da matéria de contratação, mediante a emissão de normas.

O diploma, vetado no último dia de um prazo de quarenta previsto no artigo 139º da Constituição da República, previa ainda a modificação da regulamentação de arbitragem, geralmente assumida, em caso de não entendimento entre as partes, por

representantes do Ministério do Trabalho.

A legislação colocada a despacho presidencial previa a possibilidade de decreto arbitrário, com capacidade de incidência sobre direitos anteriormente adquiridos ou acordados entre os trabalhadores e o patronato.

O diploma que tinha sido, no mês passado, objecto de um pedido de fiscalização prévia de inconstitucionalidade pela CGTP, não obteve também a aprovação da UGT e da CIP.

Entrepósito Industrial de Setúbal não aceita os 300 despedimentos

Os trabalhadores do Entrepósito Industrial de Setúbal decidiram ontem, em plenário, não aceitar o despedimento de cerca de 300 dos 570 trabalhadores da empresa, informou a comissão de trabalhadores.

Alberto Garcia, porta-voz da Comissão de Trabalhadores do Entrepósito Industrial, disse que os participantes no plenário mandataram os órgãos representativos dos trabalhadores para encetarem acções para impedir aqueles despedimentos.

«O Governo não deve aceitar o despedimento colectivo de 300 trabalhadores mas dispor-se a procurar soluções para a empresa, que é viável em todos os sectores», disse Alberto Garcia.

O porta-voz anunciou que os trabalhadores do Entrepósito vão efectuar hoje uma marcha pela cidade de Setúbal, com concentrações junto à delegação do Ministério do Trabalho e do Governo Civil, onde entregarão as resoluções aprovadas em plenário.

A administração do Entrepósito comunicou, quinta-feira, aos representantes dos trabalhadores que ia iniciar um processo de despedimento colectivo de 300 dos 570 trabalhadores da empresa, ficando apenas a laborar o sector da rede de frio, prevendo-se o encerramento dos sectores da metalomecânica ligeira, plásticos reforçados, carpintaria e secção de estofo.

Comboios de mercadorias já estão a ser suprimidos

Alguns comboios de passageiros e a maior parte das composições de mercadorias ontem suprimidas devido às greves na CP, convocadas pela Federação Sindical dos Ferrovias (CGTP) e pelo Sindicato dos Trens e Revisão (UGT).

Américo Ramalho, director de relações públicas da CP, afir-

mou, no entanto, que a circulação de passageiros se manteve «normal», apenas com supressões dos comboios curtos, entre Lisboa e estações intermédias das linhas de Sintra e Cascais.

«Durante os períodos de greve há sempre supressão de alguns comboios de mercadorias passando a prioridade para os que

circulam com passageiros», acrescentou o porta-voz da empresa.

Reconheceu existir algum material parado, salientando que «até agora, o material operacional tem sido suficiente, nomeadamente para fazer face aos reforços de circulação na época da Páscoa». José Ribeiro, da Fe-

deração Sindical dos Ferrovias, afirmou que devido à greve, que contou com uma adesão de 97 por cento cerca de 30 por cento das unidades motoras da CP estão a aguardar assistência e reparação, «o que ocasiona um prejuízo diário à empresa de 20 000 contos».

Transportes de combustíveis: greve prolonga-se até 5.ª feira

Os sindicatos subscritores da decisão de greve dos motoristas da Petrogal (camiões-tanques de combustíveis líquidos e gasosos) reuniram-se, ontem à noite, para fazer o balanço do primeiro dia de paralisações e decidiram continuar a greve até quinta-feira se o Conselho de Gerência da empresa continuar na recusa de negociações.

A greve iniciou-se às sete horas de ontem e estava prevista para durar até às sete horas de amanhã. Segundo uma informação de fonte sindical, dos 180 camiões-tanque da Petrogal, ontem, apenas circularam uns 30. A empresa manteve, de qualquer modo, um certo fluxo de abastecimento das zonas onde é mais premente a ameaça de ruptura dos stocks pelo recurso a camiões-cisterna de empresas privadas.

O pré-aviso de greve foi subscrito, apenas, pelos Sindicatos do sector integrados nas estruturas da CGTP, que representam 350 dos 400 motoristas da Petrogal.

A reunião de sindicalistas que, ontem à noite, se efectuou para analisar a situação decidiu enviar ao Conselho de Gerência da Petrogal um pedido de reunião urgente, para as 15 horas de hoje, no sentido de desbloquear o impasse através da retoma das negociações. Ao fim da manhã o CG da Petrogal ainda não tinha respondido a este pedido de reunião.

No entanto, um porta-voz da empresa dissera, ontem, ao DL que estando em vigor um acordo de empresa com validade prevista até 30 de Setembro, não havia qualquer razão para o renegociar antecipadamente.

Desde ontem na Segurança Social Operacionais de Informática totalmente paralisados

A greve dos 324 trabalhadores de Informática da Segurança Social, incluindo 22 da Misericórdia de Lisboa, paralisou, ontem, toda a parte operacional, registando uma adesão da ordem dos 70 por cento — afirmou fonte sindical.

Cecília Faria, da comissão nacional coordenadora da greve, afirmou que a greve de três dias ontem iniciada deverá atrasar o

processamento dos vários subsídios e do abono de família, bem como das pensões de reforma.

Assinalou que a greve, que se segue a outra efectuada dia 13, visa exigir que o complemento de 30 por cento, conseguido na semana passada para os quadros da carreira informática, seja alargado a todo o pessoal que desempenha funções nessa área e tenha retroactividade a Novembro de 1986.

Empréstimos externos de 29 milhões para pagar dívidas de Sines

O Governo autorizou, em portaria ontem publicada no «Diário da República», a realização de duas operações de crédito externo no montante de 125 milhões de dólares americanos e de 3000 milhões de francos belgas.

Os empréstimos destinam-se ao pagamento antecipado do saldo em dívida de um conjunto de financiamentos contratados pelo Gabinete da Área de Sines (GAS), em execução do seu programa de investimentos, e enquadram-se na Lei de Orçamento do Estado em que o Governo é autorizado a contrair

empréstimos externos até ao montante máximo equivalente a 300 milhões de dólares norte-americanos.

O empréstimo de 125 milhões de dólares (18 milhões de contos) com opção multdivisas, incluindo o ECU, foi contratado junto de um consórcio de bancos liderados pelos Bank of Tokyo International, Kredietbank, Luxemburgese e S. G. Warburg Securities, podendo os bancos participantes transferir a totalidade ou parte da sua participação no empréstimo.

A amortização do empréstimo é

realizável em 6 semestralidades iguais, com início 5 anos após a assinatura do contrato.

O segundo empréstimo, no valor de 3000 milhões de francos belgas (uns 11 milhões de contos) foi colocado junto de um consórcio de bancos liderado pelo Kredietbank, Luxemburgese e Bank of Tokyo International, podendo, igualmente, os bancos participantes transferir a totalidade ou parte da sua participação no empréstimo.

A amortização está prevista para 7 semestralidades iguais, com início 5 anos após a assinatura do contrato.

Numa nova administração

Rocha de Matos foi reeleito presidente da "holding" Centrel

Jorge Rocha de Matos foi reeleito, por unanimidade, presidente do Conselho de Administração da Centrel Gestão e Participações (CGC), empresa «holding» do grupo Centrel.

Os accionistas votaram favoravelmente o Relatório e Contas da «holding», a distribuição de dividendos e, simultaneamente, elegeram um novo Conselho de Administração para o triénio 1987/1989 presidido por Rocha de Matos e integrando agora também Ricardo Bayão Horta e Luís Filipe Ribeiro.

Foi ainda eleito um Conselho

Consultivo Empresarial, com o objectivo de apoiar a administração, constituído pelos presidentes da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal, das empresas participadas e accionistas.

Ao Conselho de Administração eleito caberá a definição das grandes linhas orientadoras da estratégia e do desenvolvimento do grupo que integra 12 empresas (10 em Portugal e 2 no estrangeiro) operando em áreas que vão da investigação e desenvolvimento à produção de equipamentos de telecomunicações, passando pelos serviços e pela

formação profissional e emprego 2 900 pessoas.

O grupo Centrel propõe-se, a curto prazo, conjuntamente com o IPE, relançar a Automática Eléctrica Portuguesa, principal participada da Centrel, que tem vindo a atravessar grandes dificuldades, provocadas pela introdução da tecnologia digital na rede telefónica nacional.

A empresa registou uma quebra nas encomendas de equipamentos públicos de computação electromecânica, principal produção da empresa, e consequente subutilização da capacidade produtiva.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$50	57\$50
ALEMANHA FED. (marco)	76\$35	77\$35
ÁUSTRIA (xelim)	10\$80	11\$00
BÉLGICA (franco)	3\$487	3\$737
BRASIL (cruzado)	3\$700	6\$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	10\$520	107\$70
(notas de 5 a 1000)	10\$570	108\$20
DINAMARCA (coroa)	20\$25	20\$65
ESPAÑA (peseta)	1\$060	1\$180
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	138\$70	142\$20
(notas de 5 a 1000)	139\$20	142\$70
FINLÂNDIA (marka)	31\$40	32\$00
FRANÇA (franco)	22\$95	23\$65
HOLANDA (florim)	67\$70	68\$80
IRLÂNDIA (libra)	204\$60	208\$60
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$930	\$985
NORUEGA (coroa)	20\$45	20\$95
REINO UNIDO (libra)	227\$10	231\$60
SUÉCIA (coroa)	21\$90	22\$40
SUÍÇA (franco)	92\$60	94\$10
VENEZUELA (bolívar)	5\$70	6\$70

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Mais de 100.000 alemães federais manifestaram-se ontem em todo o país, culminando deste modo três dias dos tradicionais protestos da Páscoa contra as armas nucleares

Sete especialistas da Organização Mundial de Saúde (OMS) estudaram, em Copenhaga, o problema do síndrome de imunodeficiência adquirida infantil, formas de transmissão, diagnóstico pré-natal e tratamento. O representante espanhol da OMS em Valência para o programa especial de estudo da Sida infantil, Cipriano Canosa, disse que na reunião foi avaliada a dimensão do problema do vírus «VIH» e propostas recomendações, que serão reveladas em breve pela organização. Calcula-se que entre 30 e 50 por cento das crianças cujas mães são portadoras do vírus da Sida desenvolvam, posteriormente, a doença. Segundo os investigadores, é possível que num período de cinco anos existam no mundo cerca de 100 milhões de pessoas afectadas pelo vírus, das quais parte significativa será de mulheres.



O presidente de Cuba, Fidel Castro, denuncia o desenvolvimento dos países do terceiro Mundo que dá origem à dívida externa, durante o discurso inaugural da reunião que decorre em Havana, com a participação de cerca de 100 países

Demografia mundial galopante

Consequências catastróficas surgirão dentro de uma ou duas gerações se o mundo voltar as costas ao problema da sobrepopulação no planeta, do acordo com um relatório publicado em Washington por um instituto privado de estudos demográficos. Werner Fornos, presidente do «Population Institute», prevê como principais consequências fomes e epidemias nas populações com menos recursos, a eliminação das superfícies arborizadas, a destruição dos «habitats» naturais e a ampliação do fenómeno das chuvas ácidas. A publicação do estudo do «Population Institute», intitulado «a Blueprint For World Population Stabilization», coincidiu nos Estados Unidos com o começo da Semana da População (World Population Awareness Week). Mais de 1000 milhões de pessoas nascerão nos próximos 10 anos, assinala Werner Fornos cujo relatório, publicado no domingo, surgiu alguns dias depois de outro estudo, pelo grupo privado «Population Reference Bureau», segundo o qual, a taxa de natalidade mundial começou a crescer após um breve período de declínio. O presidente do «Population Institute» afirma que a natalidade (em baixa nos países industrializados ricos) continua a crescer mais rapidamente nos países mais pobres, precisamente os menos capazes de suportar um forte aumento da sua população. Werner Fornos acrescenta que em apenas um ano, 1986, a população mundial aumentou em 87 milhões de pessoas, o equivalente a 16 países como El Salvador. Trata-se de uma «explosão silenciosa», afirma Fornos, que deseja ver os Estados Unidos aumentarem o seu orçamento de ajuda às populações da ONU, dos actuais 200 milhões de dólares para 750 milhões dentro de três anos.

Ajuda dos EUA à América Central

A ajuda militar norte-americana à América Central passou de 14,2 milhões de dólares, em 1981, para 215 milhões de dólares em 1986, revelou o diário «The New York Times», citando fontes do Pentágono. O diário norte-americano salienta que os efectivos numéricos das Forças Armadas e de segurança da Guatemala, El Salvador e Honduras duplicaram nos últimos cinco anos e que a América Central regista «o maior aumento dos arsenais militares da história». Os países mais beneficiados foram os dois últimos, onde a ajuda militar norte-americana passou, nos últimos cinco anos, de 10 para 122 milhões de dólares e de 4,2 para 79,4 milhões de dólares, respectivamente. Sobre o aumento das Forças Armadas centro-americanas, o crescimento numérico entre 1981 e 1986 foi de 5000 para 9500 homens na Costa Rica, de 16 850 para 57 640 em El Salvador, de 18 050 para 43 600 na Guatemala, de 14 000 para 24 200 nas Honduras e de 11 000 para 12 000 no Panamá.

Leite polaco contaminado?

Peritos da Agência Internacional de Energia Atómica vão analisar leite em pó produzido na Polónia e que o Bangladesh afirma conter níveis prejudiciais de radioactividade, anunciou em Daca o ministro do Comércio. Abdul Munin disse em conferência de Imprensa que o pedido de inspecção do leite polaco foi feito pelos «exportadores e seus agentes». «Aceitamos a proposta de inspecção, porque sabemos que vai confirmar os nossos testes», disse Munin. O Bangladesh entrou em conflito com a Polónia, no princípio deste mês, quando inspetores de Daca revelaram que um carregamento de 1600 toneladas de leite em pó importado da Polónia mostrou níveis elevados de radioactividade, superiores aos recomendados pelo Bangladesh.

Previsível agravamento nas relações com a Jordânia

CONSELHO PALESTINIANO REF LIDERANÇA DE ARAFAT NA OI

As tensas relações entre a Jordânia e a Organização de Libertação da Palestina (OLP) poderão agravar-se ainda mais com a reunião do Conselho Nacional Palestino, que desde ontem decorre em Argel - comentaram diplomatas e analistas jordanos. A reaproximação entre as várias facções da Palestina (à excepção do grupo de Abu Nidal), um dos grandes objectivos da reunião, poderá complicar as futuras negociações entre aquele país e a organização de Yasser Arafat, com vista à realização de uma conferência internacional sobre a paz no Médio Oriente.

Diplomatas observaram que a sessão do Parlamento palestino deverá renunciar formalmente a um acordo OLP-Jordânia sobre uma iniciativa conjunta de paz para a região. As relações entre a Jordânia

e a OLP têm estado tensas desde Fevereiro de 1986, quando o rei Hussein terminou publicamente conversações que duravam há um ano com o líder palestino Arafat sobre um acordo conjunto.

Hussein acusou Arafat de re-negar uma promessa de aceitar resoluções do Conselho de Segurança da ONU como base para uma proposta conferência.

O monarca não revogou o acordo, concluído depois da última sessão do Conselho Nacional Palestino em Novembro de 1984, em Amã, mas apelou para uma liderança mais responsável da OLP na negociação da paz.

Diplomatas salientaram que será um golpe político para a Jordânia e para as relações bilaterais se a sessão do Parlamento palestino (no exílio) abandonar o acordo sob pressão de grupos radicais.

Unidade em torno de Arafat

O regresso à reunião dos grupos baseados na Síria (que tinham boicotado a anterior sessão do Conselho Nacional da Palestina, em 1984), considerados de linha dura, é visto pelos observadores árabes como um reforço da liderança de Arafat na OLP.

Um dos grupos que têm contestado Arafat, mas desta vez vieram à reunião, é a Frente Popular de Libertação da Palestina, dirigida por George Habash.

Só o grupo de Abu Nidal anunciou ter decidido não comparecer, alegando como motivo o facto de não terem sido aceites as tentativas de restrição das «prerrogativas

Demissões no Exército argentino

Exigências dos rebeldes parecem ter sido aceites po

O ministro da Defesa da Argentina, Horacio Jaunarena, ordenou segunda-feira a instauração imediata de processos aos militares sublevados nos últimos dias, enquanto o presidente Raul Alfonsín nomeava o general José Segundo Caridi para o cargo de Chefe de Estado Maior do Exército. A nomeação de Caridi ocorreu depois de Alfonsín ter aceite a demissão de Rios Erenu, exigida pelos militares sublevados, e que se traduzirá agora numa mudança completa nos altos comandos do Exército.

Um porta-voz do Ministério da Defesa confirmou que ainda hoje é aguardada a declaração de demissão de nove generais do Exército. Com

efeito, a legislação em vigor nas Forças Armadas argentinas implica a passagem à reserva, na altura da nomeação de um novo Chefe de Estado Maior, de todos os oficiais de patente superior ou de maior antiguidade no posto que a do novo comandante.

Conforme temos notícia, a demissão de Rios Erenu era uma das exigências formuladas, desde o início, pelos militares rebeldes, irritados com o Chefe de Estado Maior do Exército por este ter obrigado militares de patentes inferiores (que foram os principais protagonistas da crise iniciada quarta-feira) a aceitarem comparecer em Tribunais civis para serem

julgados por crimes de direitos humanos cometidos durante o regime dos generais na Argentina.

A demissão de Rios Erenu pode agora traduzir-se no afastamento dos oficiais generais que ocuparam os lugares de chefia desde a crise de 1985 provocada pelo julgamento dos ex-membros das Juntas que governaram a Argentina de 1976 a 1983, ano da restauração do poder civil no país.

Recorde-se que a revolta militar terminou domingo à noite, depois de Raul Alfonsín ter utilizado a sua influência pessoal junto dos amotinados que se encontra-

vam aquartelados na escola de infantaria de Campo de Maio. Na alocução que dirigiu, domingo, aos manifestantes concentrados na Plaza de Mayo, no centro de Buenos Aires, o presidente disse que os militares se renderam «incondicionalmente» depois da sua visita à unidade sublevada. Mas esta versão é contrariada por notícias insistentes acerca de «negociações» efectuadas pelo chefe de Estado Maior da Força Aérea, brigadeiro Ernesto Crespo, e cujos resultados parecem concretizar-se na demissão de Erenu.

Fontes políticas de Buenos Aires disseram ainda que o

Tropas de choque da direita, ambiciosas e bem definidas

Kevin J. Kelley

A Fundação Heritage foi fundada em 1973 por dois funcionários do Capitólio, Edward Feulner e Paul Weyrich. Compartilhavam a crença de que a atitude do Partido Republicano se tinha tornado complacente e pouco imaginativa, mais interessada em preservar o 'statu quo' político que em avançar vigorosamente na ideologia de direita.

Os republicanos controlavam a Casa Branca, mas eram na altura minoria no Congresso e não pareciam, segundo Feulner e Weyrich, ter vontade de desafiar um consenso político interno e externo largamente concebido pelos democratas liberais durante os 40 anos anteriores.

Alguns benfeitores ricos, maioritariamente provenientes de estados do Sul, compartilhavam o desapontamento de Feulner e Weyrich face às condições do país e à pouco brilhante resposta republicana a tal facto. Entre estes, encontrava-se Joseph Coors, um milionário do Colorado, cervejeiro e patrocinador das causas de extrema-direita.

Coors deu à Heritage um donativo para arranque no valor de 250 000 dólares, e a Fundação começou a marcar posição, emitindo publicações que, ao princípio, atraíram pouca atenção fora das fileiras de um pequeno mas enérgico grupo de reaccionários rebeldes.

A Fundação e o Movimento da Nova Direita de que fazia parte foram ganhando terreno à medida que a administração Carter foi caindo no descrédito político.

A Heritage e outras forças conservadoras, muito combativas, fora do Partido Republicano, ajudaram a preparar o palco para o triunfo eleitoral de Reagan, um dos seus heróis de há longo tempo, e para a mudança no Senado da prudência democrática para o entusiasmo do 'laissez-faire'.

Ainda mal tinha tomado o poder o mais conservador presidente dos últimos 50 anos e já o grupo da Heritage distribuía um detalhado plano de batalha para os quatro anos seguintes.

Em 1982, Feulner, o presidente da Fundação — Weyrich tinha saído para dirigir outro grupo de direita — proclamava que 62 por cento das centenas de propostas políticas da Heritage tinham sido favoravelmente votadas no Congresso ou aceites pela Administração.

Cedo a Heritage percebeu que as ideias significam pouco em Washington a menos que sejam correctamente publicitadas.

Desta forma, apresenta poucas parecenças com a previamente mais prestigiosa American Enterprise Institute, uma sóbria colecção de intelectuais conservadores que produzem tomos com grandes pés-de-página, que se pretende serem lentamente digeridos pelos burocratas.

«Bolsa de emprego»

Em contraste, os cerca de 250 estudos publicados anualmente pela Heritage são concebidos para serem lidos em 20 minutos. Não apodrecem, esquecidos, em salas de arquivo; o aparelho publicitário da Fundação distribui milhares de cópias, entregues em mão em alguns casos, a jornalistas, elementos do congresso e funcionários federais médios e superiores, todos aqueles cujos nomes e especialidades estão armazenados em arquivos de computador, constantemente actualizados.

A Heritage mantém também o seu próprio serviço noticioso, que distribui artigos originais (leader page) aos jornais de todo o país, e publica uma grande variedade de jornais e boletins, organizando também regularmente seminários e resumos legislativos.

Dos pesquisadores — muitos dos quais com menos de 40 anos de idade — espera-se que façam prosélitos para os relatórios. O pessoal da Fundação gasta bastante tempo no circuito dos almoços, cultivando contactos pessoais com políticos departamentais e membros dos comités do congresso.

Feulner descreve os seus jovens e ardentes empregados como «as tropas de choque do movimento conservador». Frequentemente chegam à Heritage provenientes de contingentes iconoclastas que têm vindo a tentar esmagar o apoio liberal nos «campus» universitários, nos Estados Unidos, na última década.

Ambiciosa e bem definida, esta nova vaga conservadora é, em parte, atraída pela reputação da Fundação como uma «Bolsa de Emprego» para a Administração Reagan. Feulner reconhece orgulhosamente que «várias dezenas» de participantes nos comités políticos «Mandate for

Leadership» de Heritage se encontram agora em cargos oficiais.

Cerca de 40 actuais ou antigos empregados mantêm também posições a tempo inteiro ou em «part-time» no governo. Alguns são relativamente proeminentes, como por exemplo o chefe de um grupo especial da Casa Branca que trata de reformas sociais.

Muitos mais trabalham numa obscuridade relativa, modelando a política nos bastidores e adquirindo a experiência e a indispensabilidade que os tornará imunes à substituição política por parte de uma futura administração.

Contestação dos programas sociais

Na maior parte dos assuntos internos, as posições da Heritage derivam mais da filosofia libertária da ala direita do que do dogma fundamentalista. Tal como os ideólogos que inspiraram a Grã-Bretanha de Margaret Thatcher, os teóricos da Heritage visionam uma sociedade rudemente competitiva, ferozmente empresarial, na qual os programas governamentais de interesse público têm um papel pequeno ou nulo.

Assim a Fundação concedeu auxílio a Charles Murray, um analista de política social que causaria uma grande agitação quando, em 1984, publicou «Losing Ground». Esse livro, acaloradamente debatido durante meses, argumenta que a «guerra à pobreza» de Lyndon Johnson e as instituições que gerou provaram ser falhanços pavorosos e prejudiciais.

A política de bem-estar social deveria ser essencialmente abolida, argumenta Murray, sendo consequentemente os pobres desabitados da sua «dependência» e dos «incentivos ao falhanço» inerente ao sistema de assistência pública.

A Heritage argumentou igualmente contra a crescente atenção do governo ao problema dos «sem casa» na América. Manteve um relatório, em 1985, que os projectos de ajuda a longo prazo iriam somente desperdiçar dinheiro com sintomas enquanto criam uma nova burocracia federal.

A Heritage centra a sua atenção mais nos problemas económicos, tais como a privatização de partes do sistema de segurança social, do que em «assuntos sociais» preferidos pela direita religiosa. É mais propensa a abraçar de todo o coração a iniciativa tatcheriana de vender apartamentos construídos pelo

Continua na pag. 17

24 HORAS

Fanfani apresenta novo Governo

O Primeiro-Ministro italiano, Amintore Fanfani, apresentou no Parlamento o seu Governo de minoria, destinado a perder uma moção de confiança e a abrir caminho para as eleições gerais de Junho. Fanfani, um democrata-cristão veterano que já foi seis vezes Primeiro-Ministro, apresentou um programa que inclui um pacote de controlos referendos sobre energia nuclear e reforma judicial. Após seis semanas de crise política, Fanfani levou menos de dois dias a escolher os membros do seu Governo - 16 democratas-cristãos e nove tecnocratas independentes.

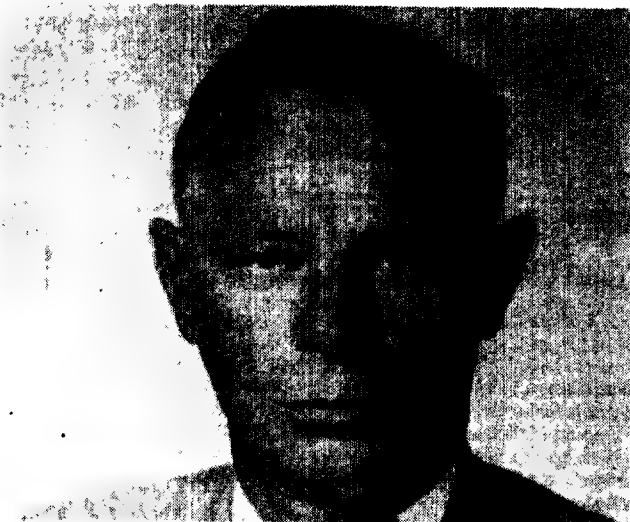
URSS desmente relações com Israel

Um funcionário soviético desmentiu que Moscovo pretendesse restabelecer relações diplomáticas com Israel. O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros Vladimir Petrovsky, que no domingo chegou aos Emirados Árabes Unidos, numa viagem pela região do Golfo, disse que as razões que conduziram à ruptura de relações entre os dois Estados, em 1967, mantêm-se: recusa de Israel de se retirar dos territórios árabes ocupados. A URSS e outros países do bloco de Leste cortaram relações com Israel depois da guerra do Médio Oriente, em 1967, salientando que as mesmas seriam retomadas após a retirada das tropas israelitas dos territórios ocupados.

A rebelião em Manila

Os militares filipinos, que continuavam em estado de alerta pelo quarto dia consecutivo, ligaram oficiais do exército no activo com a rebelião ocorrida no fim-de-semana em Manila. Acrescentaram ter capturado indivíduos que durante o motim se evadiram de prisões onde se encontravam detidos sob acusações de envolvimento numa outra tentativa de golpe efectuada em Janeiro, e que haviam escapado durante o motim. Fontes militares indicam esperar acções semelhantes da parte de militares dissidentes até às eleições para o Congresso, marcadas para Maio.

Alegado nazi extraditado para URSS



Karl Linna, condenado à morte há 25 anos na União Soviética, vai ser transferido para Moscovo depois de ter sido extraditado dos Estados Unidos para a Checoslováquia - anunciou a agência Tass, criticando o sistema judicial norte-americano, por só em 1981 ter considerado o pedido de extradição do alegado nazi. Linna foi em 1962 condenado à morte, à revelia, por um tribunal soviético que o acusou de ter participado «pessoalmente no assassinio de prisioneiros» num campo de concentração nazi, na Estónia, na Costa Báltica. «Os advogados do carneiro, usando várias artimanhas judiciais, tentaram adiar a execução da ordem (do tribunal soviético), mas finalmente o Supremo Tribunal (norte-americano) confirmou a legalidade da deportação de Linna para a URSS», comentou a Tass. A execução, por fuzilamento, ainda não foi marcada.

Incidentes em Guernica

Dezenas de pessoas ficaram feridas em incidentes em Guernica, na sequência de um festival de música destinado a comemorar o quinquagésimo aniversário do bombardeamento desta cidade basca durante a guerra civil espanhola. O Ministério do Interior do País basco declarou que os incidentes começaram quando um esquadrão da polícia autónoma da região foi alvejado com garrafas e vidros de copos, ao tentar pôr termo a uma rixa num bar.

p, denunciou os entraves ao do que decorrem do serviço da reunião do «Grupo dos 77», cerca de 600 delegados

EFORÇA OLP

ilimitadas de Yasser Arafat, presidente da OLP.

Fontes em Argel consideram entretanto que a ausência de Abu Nidal, considerado um mestre do terrorismo internacional, melhora as hipóteses de unidade entre as sete facções da OLP.

Arafat, que discursou na sessão de abertura do conselho, apelou para a criação de um Estado soberano palestino, sublinhando: «Mantemos a luta armada contra Israel, não porque procuramos a guerra, mas porque queremos a paz - uma paz justa e completa na base do direito palestino à autodeterminação e a um Estado independente, com Jerusalém como capital».

por Alfonsin

compromisso que permitiu acabar com a sublevação tem por base a «Acta de Compromisso Democrático», assinada por todas as forças políticas, e que contém um parágrafo que abre a via para a absolvição dos oficiais subalternos acusados de violações dos direitos humanos, através da delimitação do conceito de «obediência devida aos superiores» pelo Supremo Tribunal de Justiça.

A invocação da «obediência devida» permitiria a muitos oficiais ainda em serviço activo conseguirem que denúncias por violações dos direitos humanos sejam arquivadas, alegando que se limitaram a «executar ordens».

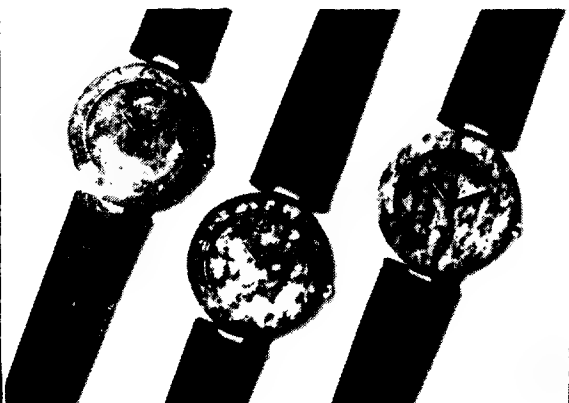


Totta e Açores cria "moeda" electrónica

Concluída a fase de teste do novo serviço da S.I.B.S., entraram já em funcionamento os quatro primeiros «pontos de venda», instalados em postos abastecedores de gasolina, que permitem efectuar a transferência electrónica de fundos, directamente da conta do cliente para a conta do comerciante.

O Banco Totta & Açores lidera, uma vez mais, o mercado dos «meios de pagamento do futuro», ao celebrar contratos de Banco de Apoio com três das quatro gasolinehas da Mobil, instaladas no Aeroporto de Lisboa, Almada e Estoril, que começaram já a prestar este novo serviço.

Brevemente entrarão em funcionamento outros «pontos de venda», instalados em gasolinehas e supermercados. Estão, igualmente, criados os mecanismos que permitirão aos balcões do Banco Totta & Açores prestar as informações necessárias aos comerciantes que desejem aderir ao Sistema «P.O.S.» da Multibanco.



Tissot lança relógio de granito

A Companhia Tissot, inovadora por tradição, subsidiária da SMH (Swiss Corporation for Microelectronic and Watchmaking Industries (Ltd.)), lançou na passada semana um relógio nunca antes visto: tem uma caixa em genuíno granito suíço! Por isso, o seu inventor dr. Ernst Thomke, vice-presidente da SMH e presidente da Tissot Ltd., lhe chamou o Rock Watch.

E porque na natureza não há duas rochas iguais ele definiu-o como o mais natural, e inconfundivelmente o mais personalizado relógio do mundo.

Mas apesar da rocha ter mais de 300 milhões de anos, a tecnologia no seu interior é das mais avançadas. O movimento do quartzo garante um perfeito funcionamento e um vidro de safira da mais alta qualidade, resistente aos riscos e quase invisível, protege os ponteiros amarelos e vermelhos.

Não é por mero acaso que a Tissot está por detrás deste produto único e inédito. Fundada em Le Locle em 1853 por Charles-Felicien Tissot, a companhia tem-se caracterizado sempre por um espírito de pioneirismo e inovação. Os seus primeiros relógios foram usados por magnatas industriais americanos e pela aristocracia russa; a Feira Mundial de Paris de 1900 conferiu à Tissot o «Grande Prémio».

Em 1930, a companhia produziu o primeiro relógio antimagnético, que foi, mais tarde, copiado por muitas outras marcas. Em 1944, Paul Tissot criou o seu primeiro relógio automático; em 1953, o primeiro relógio automático do mundo com calendário internacional. Em 1958, houve uma revolução na construção dos relógios com a introdução de um movimento de calibre único para racionalizar a produção. Em 1978, no seu 125.º aniversário, a firma apresentou o seu primeiro cronómetro suíço de quartzo de multifunções.

Hoje, a Tissot lidera o mercado suíço na categoria do preço médio, empregando 250 pessoas. A gama geral inclui relógios desportivos, elegantes e clássicos, todos eles de extremo bom gosto.

Segundo Urs H., director-geral da Tissot, o Rock Watch promete vir a ser um estrondoso sucesso. Como complemento deste relógio — peça única — uma pulseira em pele genuína a condizer com a caixa e um ano de garantia internacional (150 países). Esta nova jóia da indústria relojoeira suíça foi lançada simultaneamente na maior parte dos países da Europa.

British Airways

No dia 27 de Março de 1987, Michael Beaumont, director mundial de Vendas da British Airways, inaugurou oficialmente, na presença de representantes das agências de viagens e órgãos da Informação, os novos escritórios da British Airways.

O sr. Beaumont agradeceu, em português, aos agentes de viagens e ao Público em geral, o apoio que ao longo destes 40 anos deram à transportadora Britânica, tornando possível a mudança para as modernas instalações no n.º 36 — 2.º andar da Avenida da Liberdade, reunindo assim, num único local, todos os seus serviços de forma a facilitar a comunicação com os agentes e passageiros. Na vontade de servir melhor, a British Airways equipou-se com os melhores sistemas de tele-informática de forma a permitir que os seus clientes a continuem a considerar a sua companhia aérea preferida.

Grundig

A Grundig Informática Profissional equipou a Têxtil Vila Verde, Lda., com um sistema informático Grundig constituído por um C.P.U. de 130MB, um disco de 20MB, seis terminais monocráticos, duas impressoras de 420 CPs e um conjunto de programas de Gestão.

A Têxtil Vila Verde, Lda., que dedica a sua actividade à confecção de vestuário de alta qualidade, exporta 35% desta produção para os mercados da Escandinávia, Alemanha e Bélgica. É uma empresa moderna, em franco desenvolvimento e empenhada na adaptação decorrente da entrada de Portugal na CEE. Por isso, decidiu informatizar os seus serviços e escolher o sistema Grundig por ser o que mais se adequa aos seus objectivos.

Escola de Ténis

Da autoria de Luís Noronha Cardoso, acaba de ser editado o livro «A escola do Ténis», uma edição profusamente ilustrada com fotografias e outros esboços, onde se faz uma análise profunda ao jogo, regras, técnicas,



aprendizagem, aperfeiçoamento e métodos de treino. Professor de educação física e monitor de ténis, Luís Noronha Cardoso não só explica neste seu trabalho as regras do ténis, como dá a conhecer as atribuições dos outros elementos que participam no jogo, além dos jogadores, como são os casos do juiz-árbitro e do árbitro de cadeira. Mas as informações não ficam por aqui. São apresentados os boletins de árbitro e ensina o processo correcto de preenchimento desses formulários, instruções muito úteis especialmente para os jogadores que a maioria das vezes não conhecem as atribuições dos vários juizes de campo. Na parte final deste trabalho didáctico, Luís Noronha Cardoso refere-se ao Código para Oficiais (MIPTC) e ao Código de Conduta e ensina os vários processos para a organização de torneios.

«A escola do ténis», já à venda no mercado nacional por 2200\$00.

Lufthansa

O júri livre e independente do concurso internacional de filmes turísticos, a «Prix ITB 1987», aberto pela AMK de Berlim por ocasião da Bolsa Internacional de Turismo — IT 1987, outorgou a «Bússola de Ouro», o primeiro prémio, ao filme da Lufthansa «Grous e outras imagens da Europa». É a quarta vez que esse filme da Lufthansa ganha um prémio internacional.

Unisys

Graças à imaginação e criatividade dos seus alunos, várias escolas do país vão receber microcomputadores UNISYS PC/HT 200, prémio atribuído aos vencedores do concurso «O Natal visto pelas crianças», levado a efeito pelo Clube do Coleccionador dos CTT com o patrocínio da UNISYS.

Esta oferta, para além de promover e incentivar nas crianças o gosto pela informática, permitirá desenvolver aplicações de carácter recreativo, pedagógico (da matemática à história, passando pela geometria e o desenho), e mesmo de apoio escolar e administrativo.

Os vencedores pertencem às Escolas Preparatórias de Miraflores (Algés), Peso da Régua, n.º 2 de Torres Vedras, Secundárias Padre António Vieira (Lisboa), e os colégios Nossa Senhora da Assunção (Anadia) e Nossa Senhora do Rosário (Porto).



Philips comunica resultados de 1986

«O ano de 1986 foi caracterizado por uma conjuntura internacional particularmente favorável à economia portuguesa. As quedas sucessivas dos preços do petróleo e do dólar, a adesão às Comunidades Europeias e a baixa generalizada das taxas de juro, influenciaram positivamente a balança de transacções correntes, acentuando a tendência de melhoria esboçada no ano anterior», afirmou o eng.º Edmond Ghislain, administrador-delegado da Philips Portuguesa, no decurso de um encontro com os órgãos da Comunicação Social, onde foi dada conta dos resultados do exercício de 1986, referentes às Organizações Philips em Portugal e no Mundo.

Em 1986 o volume de vendas mundial das Organizações Philips cifrou-se em mais de 55 biliões de florins holandeses, isto é, 3 biliões e 687 milhões de contos aproximadamente, enquanto os investimentos realizados ultrapassaram os 4,3 biliões de florins holandeses, cerca de 288 milhões de contos.

Relativamente a 1985 o volume de facturação mundial aumentou 6%, contudo dada a continuada desvalorização do dólar, o valor das vendas em florins holandeses foi de cerca de 8% mais baixo do que no ano anterior.

No entanto, os resultados do exercício melhoraram em mais de 10%, traduzindo-se em cerca de 1 bilião e 15 milhões de florins, o equivalente a 68 milhões de contos.

Em Portugal, as Organizações Philips contam com a Philips Portuguesa, SA, a FAPAE — Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos, SA, a Corel, Consórcio Rádio-Eléctrico, Lda. e a Philips Sistemas Médicos, Lda., tendo como actividades principais as de produtor, exportador e importador de material eléctrico e electrónico, empregando 1560 pessoas.

Em 1986, o volume de facturação foi de 21 milhões de contos, cabendo às exportações mais de seis milhões e trezentos mil contos, cifrando-se em 493 705 contos o resultado de exploração antes de impostos.

No ano transacto, os investimentos excederam os 336 mil contos, prevendo-se que em 1987 atinjam o milhão de contos, ou seja, sete vezes e meio menos que o valor previsto para as exportações.

Números curiosos são os da produtividade por empregado, em 1986: 2928 contos se se atender à relação com o Valor Acrescentado Bruto, ou 13 314 contos se se atender ao Volume de Facturação.

Dados históricos

A Philips, que completa em 1987 60 anos de actividade em Portugal, foi fundada em 1891 em

Eindhoven, na Holanda, como resultado da iniciativa do eng.º Gerard Philips (1858-1942) que com capital emprestado por seu pai começou então a produzir lâmpadas de filamento de carvão, embora já tivesse planos para a produção e comercialização de outros artigos eléctricos, como se veio a verificar mais tarde.

As dificuldades dos primeiros anos foram ultrapassadas com a ajuda do irmão mais novo do fundador da companhia, Anton Philips (1874-1951) que actuou com o verdadeiro motor da organização, tomando a seu cargo a responsabilidade da comercialização dos artigos que a Philips ia produzindo.

A marca Philips tornou-se mundialmente conhecida a partir de 1927, ano em que foram pela primeira vez apresentados e comercializados os rádios Philips, que rapidamente rivalizaram com o negócio das lâmpadas, a origem da companhia.

Foram os primeiros passos da que é hoje a conhecida multinacional de raiz europeia, actuando em cerca de 70 países, em todos os continentes, empregando aproximadamente 350 000 pessoas, das quais mais de 220 000 na Europa, destas mais de 70 000 só na Holanda.

A Philips possui cerca de 450 fábricas espalhadas pelo Mundo, das quais cerca de 220 na Europa.

A Organização Mundial Philips integra uma vasta série de importantes companhias subsidiárias que no conjunto das suas actividades consubstanciam um notável efeito de sinergia, contribuindo para a posição de liderança da multinacional, verdadeiro gigante da indústria europeia no domínio da electrónica.

A Philips emprega mais de 4000 pessoas nos seus oito laboratórios de Pesquisa instalados em seis países, Holanda, Bélgica, Alemanha Ocidental, Inglaterra, França e Estados Unidos da América, investindo cerca de 10% do seu volume total de vendas por ano em Pesquisa e Desenvolvimento.

A Philips conduz com as seguintes empresas, estes programas de cooperação conjunta: Matsushita (iluminação e componentes); Dupont de Nemours (fitas magnéticas); Siemens (pesquisa); RCA/Intel (circuitos integrados); Bull («Memory Cards» — cartões inteligentes); AT & T (telecomunicações); Grundig (electrónica de consumo); Control Data (gravação óptica digital); CIT Alcatel/Thompson/Siemens (sistemas telefónicos automáticos móveis), participando ainda nos programas: Esprit (European Strategic Research Program) — Tecnologia de informação; e Eureka (advanced Technology Project).

Telecine-Moro em expansão

A Telecine-Moro, fundada em 1961, tem vindo a operar diversas transformações, expressão das suas enormes potencialidades, sinal inequívoco de novas metas de crescimento e expansão. A sua longa e vasta experiência situa-se nos domínios publicitário e documental, nomeadamente no campo do documentário industrial, bem como na produção de programas e na realização de trabalhos diversos para a RTP (está agora em preparação a produção de uma primeira série de programas de desenhos animados). Foi pioneira na utilização do «vídeo-tape» em Portugal e tem aumentado a sua intervenção em matéria de legendagem, nomeadamente a legendagem de cassetes de vídeo.

Entre as mudanças registadas salientam-se: aumento do capital social de 24 mil contos para 50 mil contos; resultado positivo, em 1986, no montante de 15 mil contos e crescimento da facturação, no mesmo ano, da

ordem dos 65 por cento. Encontra-se ainda em estudo a apresentação do pedido de admissão à Bolsa de Valores com emissão de acções destinadas ao público.

No aspecto técnico destacam-se as seguintes melhorias: aquisição de novos equipamentos de cinema e «vídeo-tape», este tendo nomeadamente em vista a realização de trabalhos para cadeias de televisão estrangeiras e entrada de novos quadros para a área da produção e operações.

Entretanto, estão em curso diligências para a participação maioritária da Telecine num centro autónomo de produção no Porto, visando, em particular, o vídeo industrial e a publicidade. Por outro lado prosseguem os esforços destinados a assegurar uma posição da empresa na actividade da Televisão privada em Portugal, quer a título individual quer integrada em projectos conjuntos mais vastos.

A ementa do mestre Lima

Hoje há bacalhau assado para amanhã não esperem canja

Creme de legumes, bife grelhado, sumos e fruta foi o «plan-tel culinário» escolhido pelo cozinheiro António Lima para a primeira refeição em Kiev da comitiva portista que se prepara para o jogo da segunda «mão» da Taça dos Campeões Europeus em Futebol.

António Lima, de 60 anos, é um dos 25 membros da comitiva portista presente na capital da Ucrânia e aquele sobre quem recai uma das mais pesadas tarefas desta deslocação portista.

Mais de 300 litros de água, 70 quilos de carne de bife, 20 quilos de carne de vitela, 70 postas de bacalhau, 10 frangos para canja, 400 maçãs e outros tantos pês, 100 quilos de batata, 0 quilos de cenoura, alhos, marmelada, queijo, fiambre e ovos são alguns dos muitos atributos que o tornam um homem importante e apetecido nesta viagem do FC Porto a Kiev.

«É a minha quarta viagem com o FC Porto ao estrangeiro, depois de ter estado em Donetsk (URSS), Aberdeen (Escócia) e na final da Taça das Taças em Basileia (Suíça)» — revelou este homem de meia estatura, de face vincada pelas melhores refeições que ao longo de 25 anos alimentou os clientes do Hotel Batalha, no Porto.

Hoje trabalha com um antigo colega de hotel, estabelecido com um restaurante de «bem servir» em Campanhã, mas recordou que foi durante o estágio de uma equipa portista no Hotel Batalha que nasceu a sua primeira convocação.

«O meu grande problema nas deslocações não é confeccionar a comida para toda esta gente, mas sim manobrar esta avalanche de caixas sem me baralhar» — afirmou António

Lima, aludindo aos cerca de 600 quilos de comida, repartidos por várias caixas sob a sua total responsabilidade.

Para hoje, o almoço escolhido, e que se estende não só à comitiva portista, mas também aos 18 jornalistas portugueses, é: bacalhau assado na brasa, canja, fruta e sumos. Os jornalistas portugueses vão sentir a falta de vinho, único elemento que não faz parte da «comitiva» do chefe Lima. «Vinho desta vez não vai haver. Trocou-se por muitos sumos e muito leite» — referiu António Lima para quem a ajuda de um colega soviético será preciosa. «Não sei quem vai ser, mas tal como aconteceu noutros lugares onde também estive, também agora vou ter que desencantar um, nem que seja a troco de umas garrafas... de vinho» — salientou.

O lanche também está previsto com «pregos», pão torrado, tostas mistas e sumos.

A vitela é tema para ser digerido ao jantar de hoje quanto à ementa para amanhã, António Lima disse não poder haver contempelações: bife grelhado, com arroz branco e canja.

Para o cozinheiro «canja não deverá ser, contudo, a passagem do FC Porto à final da Taça dos Campeões Europeus». «A minha filha de 13 anos diz que o FC Porto vai empatar 1-1, mais não sei. A gente tem que ter fé, mas lá canja não vai ser não senhor».

António Lima, casado, pai cinco vezes e já avô, afirmou-se portista, mas referiu que não é sócio porque a sua actividade profissional não o permite. «Além disso, com cinco filhos e quatro netos — interroga-se — onde ia arranjar tempo para ir ao futebol?»



Artur Jorge e seus pupilos à saída de Pedras Rubras

“Dragões” em Kiev

OPTIMISMO ACOMPANHA A BAGAGEM

À chegada a Kiev reinava um ambiente de optimismo entre os jogadores e dirigentes. O presidente, Jorge Nuno Pinto da Costa, disse acreditar num empate sem golos, o que colocaria o Futebol Clube do Porto na final em Viena, dada a vantagem de 2-1 conseguida nas Antas.

Para o técnico Artur Jorge a qualificação da equipa é o mais importante e o melhor resultado será aquele que possibilite a qualificação dos «dragões».

À chegada a Kiev, a comitiva portista não estranhou o forte aparelho de segurança instalado pelas entidades soviéticas que na alfândega procederam a uma minuciosa operação. Os funcionários alfandegários mostravam alguma curiosidade em revistar as malas dos jogadores e dirigentes portistas e detiveram-se algum tempo a verem revistas com

capas atractivas do sexo feminino.

O vice-presidente do Futebol Clube do Porto, Alexandre Magalhães, foi interpelado por um funcionário sobre o conteúdo de um livro de anedotas e o responsável soviético perguntou se as anedotas diziam respeito à União Soviética.

O Futebol Clube do Porto tem programado para hoje um treino no campo principal do Dynamo de Kiev, à hora do jogo, e é provável que amanhã de manhã os pupilos de Artur Jorge efectuem uma ligeira sessão.

Sobre a equipa a apresentar Artur Jorge parece ter uma única dúvida e ela reside na utilização de Quim ou Eduardo Luís no sector defensivo.

Entre os 17 convocados as únicas alterações foram as saídas de Semedo e Inácio compensadas pelas entradas de Paulo Ricardo e Festas.

Lobanovsky revela a formação da equipa.

Os defesas soviéticos Bessonov e Yartutchenko são as hipóteses escolhidas pelo treinador do Dynamo de Kiev (Valeri Lobanovsky) para substituir o defesa Bal no jogo com o Futebol Clube do Porto.

Bal, habitual titular da turma soviética, está impossibilitado de alinhar em virtude de um castigo aplicado pela UEFA na sequência da sua expulsão no jogo da primeira «mão» nas Antas.

A única dúvida de Lobanovsky prende-se apenas com a provável recuperação de Yartutchenko da lesão que contraiu num jogo do Campeonato soviético. Segundo a prioridade de Lobanovsky, Yartutchenko seria em circunstâncias normais o substituto natural de Bal.

O Dynamo de Kiev está a rodear o encontro com o Futebol Clube do Porto de um máximo de

cuidados e responsabilidade, encontrando-se em estágio numa base desportiva do clube, situado a cerca de 30 quilómetros de Kiev, efectuando três sessões de treinos diários.

Segundo um jornalista de Kiev, Lobanovsky deverá escolher para o jogo com o Futebol Clube do Porto a seguinte formação: Tchanov; Bessonov, Baltacha ou Yartutchenko, Kutnezov e Demianenko; Yakuvenko, Mikhaililithenko e Zavanov; Rats, Belanov e Blokhine.

Ainda segundo a mesma fonte, Lobanovsky fez declarações à imprensa local manifestando o seu optimismo em relação à passagem do Dynamo de Kiev à final da Taça dos Campeões Europeus. Para o técnico e seleccionador soviético, o Futebol Clube do Porto possui um bom futebol, é uma boa equipa, mas peca pelo «mal geral» do futebol português: a falta de velocidade e agressividade atacante.

Meias-finais da “Taça”

FC Porto-Sporting e Benfica-Portimonense

Com a presença de dirigentes federativos e dos clubes em prova e de muitos «curiosos» adeptos das quatro colectividades ue ainda sonham com a honrosa presença na «festa do Jamor», realizou-se, no final da tarde de ontem, o sorteio relativo às meias finais da Taça de Portugal cujos encontros terão lugar no próximo dia 10 de Maio.

Naturalmente que os mais nervosos (antes da retirada das bolinhas) eram Gaspar Ramos, Ribeiro de Magalhães, Ferreira Canais e Mira Pacheco (os homens que representavam os clubes envolvidos ainda na disputa da segunda prova do calendário federativo) e no final o benfiquista Gaspar apresentava semblante diferenciado dos demais. Isto porque o sorteio caprichou

em determinar que o Sporting se desloque às Antas enquanto o Portimonense terá que se apresentar na Luz. Uma breve síntese das reacções dos dirigentes citados: Ribeiro de Magalhães (FCP): «o facto do jogo se realizar nas Antas, é efectivamente, uma vantagem que me agrada, no entanto, trata-se dum encontro entre duas grandes equipas que tornará o confronto equilibrado mas um grande espectáculo». Ferreira Canais (SCP): «Para mim foi o pior que poderia ter acontecido ao Sporting.

Realmente o sorteio não nos foi nada favorável». Gaspar Ramos (SLB): Teoricamente o Portimonense é a equipa que se apresenta mais acessível, mas tal não significa que sejamos já os finalistas». Mira Pacheco



Sorteio de ontem: o Portimonense era o mais desejado pelos três «grandes»

(PSC): «Só queria que o sorteio ditasse a realização do jogo em Portimão, só que a sorte assim não quis. Mas não há vencedores antecipados e estaremos na Luz para realizar um grande jogo».

Sporting em África

No próximo defeso futebolístico, é natural que o Sporting actue em África, estando programados jogos na Mauritânia, Senegal e Mali.

Académica trata da vidinha

Procurando evitar «namoros» indesejáveis aos seus futebolistas do quadro principal, os dirigentes da Académica de Coimbra já começaram a fase de renovação, assegurando a continuidade de Quinto (1 ano) e Tomás (2 anos). Quanto ao jovem Eurico, que tem estado a mostrar as suas aptidões a Mortimore, dizem, em Coimbra, que ele tem contrato assinado com a Académica.

Torneio de futebol de salão-Festa do Avante/87

O Comité Local de Lisboa do PCP leva a efeito um torneio de futebol de salão, iniciativa desportiva integrada nas actividades da Festa do Avante/87.

As inscrições devem ser feitas até ao dia 30 de Abril, de acordo

com o regulamento, podendo participar todas as equipas amadoras que o queiram.

O torneio realiza-se pelo sistema «poule» em séries de 4 equipas.

Outros esclarecimentos podem ser dados pelo telefone 532161/2/3/4 ou 383257.

Tomé renova contrato

O treinador do Famalicão, Fernando Tomé, renovou o seu contrato com aquele clube por mais uma época.

«De início as coisas não correram pelo melhor mas agora estão bem, e o fruto do nosso trabalho está a sobressair», disse Fernando Tomé, que na anterior temporada, dirigiu o Vitória de Setúbal, começando esta época no Oriental, de onde saiu para o Famalicão.

Jogos Desportivos "Cidade de Lisboa"



A 1.ª edição dos «Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa» continua a decorrer com a esperada adesão de praticantes (só na primeira fase estiveram presentes cerca de 3 500) das 53 freguesias da capital. Enquanto as modalidades de andebol e basquetebol se realizaram, diversos torneios de preparação, no futebol de salão (masculino) as 40 equipas concorrentes (distribuídas por 5 séries) têm intensa actividade nos ginásios da Escola Sec. Josefa de Óbidos, CAR Encarnação, Parque de Jogos do Campo Pequeno, Escola Secundária do Restelo, Junta de Freguesia de Benfica e Escola Preparatória Nuno Gonçalves.

A foto documenta a entrega de diplomas aos participantes dos «Jogos» em cerimónia presidida pelo dr. Vitor Gonçalves, vereador do Pelouro de Desportos da CML, e o quadro que se segue refere o número de participantes na primeira fase:

ATLETAS (IDADE)

MODALIDADES	I=13	I=14	I=15	TOT.	EQUI.	ARB.	DEL.	TREI.	TOT.
ANDEBOL (M)	64	89	54	207	18	17	14	18	256
ATLETISMO (M)	79	70	54	203	23	10	19	18	250
BASQUET. (M)	48	60	58	166	13	16	10	14	206
F. DE SALÃO (M)	584	640	563	1787	165	152	154	158	2251
ANDEBOL (F)	40	29	15	84	8	5	6	9	104
ATLETISMO (F)	57	15	14	86	12	3	8	9	106
BASQUET. (F)	45	56	25	126	13	13	8	9	156
F. DE SALÃO (F)	37	38	27	102	10	6	9	9	126
TOTAL	954	997	810	2761	262	222	228	244	3455

Greg Lemond ferido a tiro

O norte-americano Greg Lemond, vencedor do último «Tour» de França em ciclismo, ficou gravemente ferido a tiro num acidente de caça — disseram familiares do ciclista em Sacramento, Califórnia.

O ciclista, de 26 anos, foi transportado de imediato ao hospital por helicóptero e submetido a uma operação que durou mais de duas horas, sendo grave o seu estado de saúde.

Não foram dados mais pormenores sobre o sucedido com Lemond, sabendo-se apenas que o acidente de caça teve lugar numa serra a 55 quilómetros de Sacramento.

Mais um triunfo da menina da Foz

PERFUME DE ROSA EM BOSTON

Poupar energias para os últimos 10 quilómetros parece ter sido a tática utilizada por Rosa Mota, vencedora da maratona de Boston, com o tempo de 2.25,20 horas. «Foi uma grande vitória. Estou muito feliz» — foram as primeiras palavras de Rosa Mota ao cortar a linha de chegada, acrescentando: «Pode-se perder ou ganhar. Eu tentei correr o mais rápido possível».

Rosa Mota, de 28 anos, que ganhou 40 000 dólares (cerca de 5700 contos) e um «Mercedes Benz», revelou no final a sua tática, dizendo: «Comecei de uma forma lenta, aumentei gradualmente de ritmo e ao trigésimo quilómetro tentei correr o mais rapidamente possível».

Medalha de bronze nos últimos Jogos Olímpicos de Los Angeles, Rosa Mota superou as belgas Agnes Pardaens e Ria Van Landeghem, segunda e terceira classificadas, respectivamente. Mais atrás, e no pelotão de atletas, ficaram Lisa Larsen-Weidenbach e a canadiana Jacqueline Gareau, vencedora das edições de 1985 e 1980, respectivamente.

As atletas tiveram que enfrentar vento e chuva, com a temperatura a rondar os 10 graus centígrados, o que não permitiu grandes marcas na distância.

Seko sem concorrência

Em masculinos, o japonês Toshihiko Seko não teve rivais à sua altura, tendo cortado a meta em primeiro lugar, com o tempo de 2.11.50 horas e com um avanço confortável sobre o segundo classificado, o britânico Steve Jones (2.12.37 horas).

Geoff Smith (Inglaterra) foi terceiro, com 2.12.42 horas, seguido de Dave Gordon (EUA), 2.13.30 e do japonês Tomoyuki Taniguchi, com 2.13.40 horas.

Seko, de 30 anos, lançou o seu ataque ao quilómetro 32, tendo defendido com muita determinação o fosso de 350 metros que criou em relação aos seus mais directos perseguidores. Recordou-se que Seko, já havia vencido a maratona de Boston em 1980, com 2.09.26 horas, queixou-se do vento, tendo dito a propósito: «Estava ansioso para bater o recorde mundial, mas o vento dificultou tudo».

De resto, as condições atmosféricas adversas para os atletas fizeram com que esta maratona fosse uma das mais lentas das nove edições.

Entre os 6313 concorrentes à partida figuravam os grandes especialistas da prova, caso do tanzaniano Juma Ikangaa e do australiano Rob de Castella, vencedor da edição de 1986.

Foi a primeira vez que Seko, Castella e Ikangaa se defrontaram desde os últimos Jogos Olímpicos de Los Angeles, quando finalizaram em 14.º, 5.º e 6.º respectivamente.

Seko (que dedicou a vitória ao seu filho de sete anos) já



Rosa Mota: um caso de orgulho nacional

ganhou as maratonas de Tóquio, Chicago e Londres.

A classificação oficial dos 10 primeiros concorrentes masculinos a cortarem a meta é a seguinte:

1.º Toshihiko Seko (Japão), 2.11.50 horas; 2.º Steve Jones (Grã-Bretanha), 2.12.37; 3.º Geoff Smith (Grã-Bretanha), 2.12.42; 4.º Dave Gordon (Estados Unidos), 2.13.30; 5.º Tomoyuki Taniguchi (Japão), 2.13.40; 6.º Rob de Castella (Austrália), 2.14.24; 7.º Dirk Vanderherten (Bélgica), 2.15.02; 8.º Eddy Hellebuyck (Bélgica), 2.15.16; 9.º Hideki Kita (Japão), 2.15.23 e 10.º Ken Martin (Estados Unidos), 2.15.41.

Modalidades

Canoagem: Troféu para o Crestuma

A dupla João Fernandes/José Rodrigues, do Recreio Desportivo de Águeda, venceu a maratona «Bério Marques», de canoagem, classe seniores K 2.

Nos lugares secundários ficaram Agostinho Vieira e António Vieira, do Náutico de Crestuma, e Manuel Gomes e Oscar Brito, do Prado.

Em K 1, o triunfo pertenceu a João Brinco, também do Recreio de Águeda, seguido de Vitor Cruz, do CDUP e Joaquim Gomes, do Crestuma.

Em juniores, classe K 2, venceram Jorge Araújo e José Couto, do Prado, em K 1, Carlos Pina, do Recreio de Águeda, em infantis K 1, triunfou Carlos Magalhães, do Kayak Vilacondense, e em seniores a vitória coube a Ivone Oliveira, do Fluvial Vilacondense.

Collectivamente o troféu foi atribuído ao Náutico de Crestuma, com 193 pontos, seguido do Recreio Desportivo de Águeda, com 136, e do Náutico do Prado, com 128.

Participaram na maratona «Bério Marques» 114 atletas de 11 clubes.

Basquetebol: Benfica e Cristal Palace Finalista na Maia

A turma inglesa do cristal Palace e o Benfica são os finalistas do torneio internacional de basquetebol da Páscoa, cuja primeira jornada foi disputada ontem à noite no pavilhão da Maia, arredores do Porto.

O Cristal Palace derrotou a Ovarense por 94-91, enquanto a turma do Benfica venceu a do FC Porto por 72-64.

Os vencidos da jornada inaugural defrontam-se hoje às 16 horas, enquanto os finalistas vão encontrar-se às 18 horas (em encontro televisado).

COVA DA PIEDADE



JOSÉ MANUEL DA SILVA PEREIRA MEDEIROS MISSA DE 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Graziela da Silva Medeiros, Luís Fernando Medeiros, mulher e filha e mais família participam, a todas as pessoas das suas relações que, amanhã, dia 22 pelas 9 horas, na Igreja Paroquial da Cova da Piedade, será rezada missa pelo eterno descanso do seu ente querido, aproveitam a oportunidade, para penhoradamente agradecer a quantos o acompanharam à sua última morada, bem assim a quem se dignar assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
TELEF. 2767583 — 2767410

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 5874

2.ª Secção

EXECUÇÃO ORDINÁRIA

Exequente: COMPRANE — Empresa Distribuidora de Alcatifas, Ld.ª, com sede em Pinhal de Frades, Casal do Marco, Seixal.

Executada: GALTAR — Gabinete de Gestão e Administração Imobiliária, Ld.ª, ausente em parte incerta, mas que tem as suas últimas instalações na Av. Infante Santo, 61-3.º Esq., em Lisboa.

Correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando aquela executada acima identificada, para, no prazo de 10 dias, fido o dos editos, deduzir oposição àquele execução ordinária, cujo fundamento consiste no pagamento à exequente da quantia de 463 956\$00, juros e demais despesas, ou nomear bens à penhora suficientes para tal pagamento, sob pena de não o fazendo, esse direito se devolver à exequente.

Lisboa, 9 de Abril de 1987

O Juiz de Direito
Rogério da Silva e Sousa
A Escrivã-Adjunta
Cecília Pereira Ferreira

«D.L.» 21/4/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATACÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 4 de Maio de 1987, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: POLITUR — URBANISMO E CONSTRUÇÕES, Ld.ª, com sede na Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 148-3.º Esq., Lisboa, no processo executivo n.º 208/85.

BENS PENHORADOS

VERBA ÚNICA — O direito ao trespassar e arrendamento do escritório sito na Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 148-3.º C (fracções C e D), e o respectivo recheio composto de: 1 máquina fotocopadora Xerox 3100 n.º 261534; 1 quadro didax 0,90 m x 1,20 m; 1 mesa de madeira metálica e tampo em madeira cortez; 1 cadeira cortez e 6 cadeiras prestígio CR, tudo no valor de 10 000 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 10 de Abril de 1987

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias
O Escrivão
J. Henriques

D.L. 21/4/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de 20 dias, fido o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: no pagamento de 1 157 886\$10 e legais acréscimos de dívida à Autora como tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado fica na Secretaria deste Tribunal, à ordem do citando.

Acção Ordinária n.º 2887, 1.ª Secção. Autor — Valplaca-Comércio e Indústria de Madeira, Ld.ª, com sede na Q.ª de S. João de Areias, lote 47, Sacavém.

Réu — MOVIDERNO-Indústrias de Mobiliário Moderno, Ld.ª, com última sede na Av.ª General Humberto Delgado, Vila Verde, 2710, em Sintra.

Lisboa, 10 de Março de 1987

O Juiz de Direito
José Nuno de Almeida Valadas
Pel' O Escrivão de Direito
Maria Helena dos Santos Gonçalves

«D.L.» 21/4/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família — 2.ª Secção — da Comarca de Lisboa, no processo de Divórcio Litigioso n.º 5948, em que é autora Ana Paula Freire da Conceição Vicente, empregada de escritório, residente na Rua da Rosa, n.º 115-2.º D, em Lisboa, e réu FERNANDO PEREIRA VICENTE, filho de José Vicente e de Irene Constantina, natural da Freguesia do Socorro — Lisboa, que teve a sua última residência conhecida na Av.ª Infante Santo, n.º 374-Pátio, em Lisboa, e ora ausente em parte incerta, correm editos de 30 dias, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o referido réu para, no prazo de 20 dias, decorrido o dos editos, contestar o pedido de divórcio litigioso que lhe move a sua mencionada mulher, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção.

A autora baseia o seu pedido de divórcio nos termos da al. b) do art.º 1781.º do C. Civil.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1987.

O Juiz de Direito
SOUZA GRANDÃO
O Escrivão-Adjunto
LEONEL DE SOUSA

D.L. 21/4/87 — 2.ª Pub.

Rali Safari

AUDI FEZ A "DOBRADINHA"

A Audi obteve em Nairobi uma dupla vitória, ao colocar dois carros nos dois primeiros lugares do rali Safari e obter o primeiro triunfo para veículos de tracção às quatro rodas numa das provas mais duras do mundial de ralis.

O finlandês Hannu Mikkola, ao volante de um Audi 200 Quattro, foi o primeiro classificado, 15 anos depois de obter a sua primeira vitória na prova, tornando-se o primeiro piloto estrangeiro a vencer o rali Sa-

fari, com o seu sinuoso e desgastante percurso de 4000 quilómetros.

A Audi, que em 1986 não participou no Safari, teve a dupla satisfação de ver o alemão-federal Walter Rohrl, também num 200 Quattro, na segunda posição final, a 17 minutos de Mikkola. «O carro é bom, e este é na verdade o rali mais difícil do mundo», afirmou Mikkola ao terminar a prova, quarta do calendário

mundial de ralis.

«Tivemos muitas dificuldades durante o rali. Por vezes surgiam as chuvas e tornava-se quase impossível utilizar os travões, com o carro a derrapar nas curvas e a embater nos arbustos, pois felizmente não havia rochas», acrescentou o vencedor.

O segundo classificado, Walter Rohrl, atribuiu a sua classificação ao bom trabalho do navegador Christian Geistdorfer: «foi ele que desde início controlou o andamento».

Após o rali Safari, o finlandês Juha Kankkunen comanda, com 37 pontos, seguido do compatriota Markku Alen (28), de Rohrl (27), do italiano Massimo Biasion (23) e do sueco Eriksson (21). Mikkola e Salonen partilham o 6.º lugar, com 20 pontos.

A Lancia continua no 1.º lugar por marcas, com 57 pontos, seguida da Audi (48), Volkswagen (38), Mazda (34), Renault (23) e Ford (22).

Como funciona a Heritage

Continuação da pag. 13

Estado do que dedicar-se energeticamente aos pedidos de interdição do aborto ou do ensino da religião nas escolas.

O papel deste grupo como importador do estilo conservador de Thatcher é também aparente na sua defesa das «zonas empresariais». Stuart Buler, um economista da Heritage, de origem britânica, que ajudou a estabelecer um instituto similar em Londres, propôs em 1979 que zonas especiais sejam designadas como «ghettos» urbanos onde as empresas privadas poderiam operar sem pagamento de impostos e sem obediência às leis laborais.

Butler pediu emprestado este conceito de livre capitalismo

como salvação dos bairros pobres a Sire Geoffrey Howe, o principal arquitecto da política económica Tory nos anos 70.

A ideia da zona empresarial foi então adoptada pelo congressista Jack Kemp, que dela fez um ponto central na plataforma que está a edificar para a nomeação republicana para as Presidenciais de 1988.

O aval igualmente caloroso de Reagan a esta proposta mostra a influência que a Heritage exerce nos círculos de política interna em Washington.

É, de todo em todo, uma história de sucesso notável — do tipo que só é possível na América, tal como a concebe Ronald Reagan.

Ténis: "Tabaqueira /Open de Portugal"

Portugueses entram (hoje) em acção

O 'Tabaqueira/Open de Portugal', que decorre nos 'courts' do Estádio Nacional, teve ontem a primeira jornada do quadro principal de singulares, realizando-se dois encontros de bom nível, que entusiasmaram os adeptos da modalidade presentes no Jamor.

No primeiro encontro do dia, o italiano Francesco Cancellotti, 'cabeça-de-série' n.º 2 derrotou o argentino Roberto Alar, por 6-3 e 6-2.

A excelente categoria de Cancellotti ficou bem demonstrada durante a hora e meia que durou o encontro, ficando desde já a sensação que o italiano será um dos grandes candidatos à vitória final no torneio.

No segundo encontro, o sueco Magnus Tideman, que já o ano passado tinha estado presente no 'Open de Portugal', foi surpreendido pelo alemão-federal Dieter Beutel, que venceu justamente, em apenas dois 'sets', pelos parciais de 6-3, 6-2.

Os portugueses iniciam hoje a sua participação no 'Tabaqueira/Open de Portugal', sendo Pedro Cordeiro o primeiro tenista nacional a entrar em acção, ao defrontar o argentino Eduardo Masso no 'court' central do Estádio do Jamor.

Também João Cunha e Silva tem um encontro difícil, frente ao neo-zelandês Bruce Derlin, que ganhou a prova de pares da edição do ano passado do 'open'. Desde então, Derlin melhorou ainda mais o seu jogo, e está agora na 189.ª posição da tabela ATP. Para mais o campeão nacional não se poderá apresentar nas melhores condições físicas, já que uma micro-rotura na coxa esquerda o tem impedido de treinar a cem por cento.

O encontro entre Cunha e Silva e Bruce Derlin realiza-se igualmente no 'court' central, imediatamente a seguir aquele que opõe Pedro Cordeiro a Eduardo Masso.

Nuno Marques, que defronta o 'cabeça-de-série' n.º 5, Olivier Delaitre (Fra), também o jovem tenista do Boavista não foi feliz no sorteio, cabendo-lhe defrontar um dos tenistas mais cotados da prova, e que tem relativamente ao jovem jogador português a vantagem da maior experiência no circuito profissional.

Finalmente, Manuel de Sousa defronta o italiano Marco Armellini, em encontro que se realizará no 'court' n.º 4 do Jamor. Armellini é um dos bons valores transalpinos da actualidade, ocupando a 179.ª posição do 'ranking' dos tenistas profissionais, razão pela qual tem a posição de 'cabeça-de-série' n.º 4 do 'Tabaqueira/Open de Portugal'.

Como se vê, tarefa difícil aguarda os melhores jogadores portugueses, muito embora a categoria individual de cada um permita pensar que a passagem aos 'oitavos-de-final' não é inatingível.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Max.	As 13 h.
Bragança	11	10	0,0	Eacob.
V. Castelo	13	12	0,0	Nebul.
Vila Real	12	12	0,0	Eacob.
Porto	13	12	0,0	Nebul.
Coimbra	11	11	0,0	M. Nub.
C. Carvoeiro	14	14	0,0	Eacob.
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	15	15	0,0	M. Nub.
Lisboa	14	13	0,0	Nebul.
Évora	16	14	0,0	M. Nub.
Beja	14	13	0,0	M. Nub.
Faro	17	15	0,0	Eacob.
Sagres	15	15	0,0	Eacob.
P. Delgada	10	9	0,0	M. nub.
Funchal	16	15	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 22, Porto 20, Faro 23, Ponta Delgada 15, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Mín.	Max.	As 13 h.
Madrid	11	11	Pouco nub.	
Londres	5	4	Muito nub.	
Paris	4	3	Pouco nub.	
Bruxelas	6	6	Muito nub.	
Amsterd.	7	6	Muito nub.	
Genebra	7	6	Pouco nub.	
Roma	14	13	Eacoberto	
Oso	1	1	Muito nub.	
Copenhaga	5	4	Nebul.	
Estocolmo	-1	-	Muito nub.	
Berlim	7	7	Chuva	
Viena	10	10	Eacoberto	
Varsóvia	8	8	Chuva	
Atenas	12	11	Nevoeiro	
Moscovo	-1	-	Muito nub.	

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Mín.	Max.	As 13 h.
Caracas	22	22	Nublado
Janeiro	0	0	Limpo
Los Angeles	12	12	Limpo
Montreal	11	11	Nublado
Nova Deli	-	-	-
Nova Iorque	14	14	Nublado
R. de Janeiro	19	19	Limpo
S. Francisco	12	12	Limpo
São Paulo	-	-	Nublado
Tóquio	15	15	-

	Mín.	Max.	As 13 h.
Caracas	22	22	Nublado
Janeiro	0	0	Limpo
Los Angeles	12	12	Limpo
Montreal	11	11	Nublado
Nova Deli	-	-	-
Nova Iorque	14	14	Nublado
R. de Janeiro	19	19	Limpo
S. Francisco	12	12	Limpo
São Paulo	-	-	Nublado
Tóquio	15	15	-

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



A EUROPA ÀS 6 HORAS



Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Informação da agência Lusa

TUDO A POSTOS EM FARO PARA O FESTIVAL DE MÚSICA

Cerca de 300 artistas vão participar na 11.ª edição do Festival Internacional de Música do Algarve que se inicia no próximo dia 30, em Faro.

O festival, organizado pela Região de Turismo do Algarve, prolongar-se-á até ao dia 26 de Junho, com um total de 45 espectáculos.

A organização do festival revelou em conferência de Imprensa que os custos previstos estão orçados em mais de 20 mil contos, não incluindo os apoios recebidos da Fundação Gulbenkian e das câmaras municipais algarvias.

A descentralização do festival através da realização de espectáculos em todos os concelhos da região é considerada a principal novidade da edição deste ano sem prejuízo da «linha qualitativa que se pretende manter».

Pereira Leal, director do festival, sublinhou a importância da política de descentralização como «semente de futuro que só frutificará se tiver uma acção continuada ao longo do ano».

A falta de estruturas na maior parte das cidades e vilas algarvias para a realização de manifestações deste género, foi um dos obstáculos que a direcção técnica do festival encontrou na programação dos espectáculos.

Neste contexto, Pereira Leal referiu que «a programação será sempre um compromisso entre o que se pretende e as estruturas disponíveis» acentuando que, por exemplo, no Algarve «apenas três cidades dispõem de piano de concerto».

A Companhia Nacional de Bailado do Teatro de S. Carlos, o Quinteto de

Sopros da Orquestra Filarmónica de Estrasburgo, o Ballet e Orquestra Gulbenkian, o Quarteto de Cordas de Lisboa e os solistas de Zagreb constituem alguns dos nomes que integram o programa deste festival.

Maria João Pires, Esther Lamandier, Janee Johnson, Tania Achot, Quarteto Jean-Marie Leclair e o Duo Quaternaria, são outros participantes no certame, que abrange estilos que vão da música medieval aos compositores contemporâneos.

No encontro com os jornalistas foi revelado ainda que cerca de 40 por cento dos artistas presentes no festival são portugueses e que na escolha dos nomes estrangeiros houve a preocupação de escolher «nomes laureados em concursos internacionais».

Um Museu de Armaria Medieval para Vila Real

A Torre de Quintela, situada a escasos quatro quilómetros de Vila Real, poderá constituir-se em Museu de Armaria Medieval, atendendo às características da sua construção, que remontam à Idade Média, soube a Lusa de fonte autárquica.

A Câmara Municipal já solicitou ao Museu Militar de Lisboa equipamento para a Torre, tendo resultado dos primeiros contactos, a indicação de que a pretensão poderá ser satisfeita, atendendo também à colaboração que aquela entidade tem prestado a alguns museus congéneres nacionais.

Após a classificação da Torre de Quintela como monumento nacional, é intenção das entidades autárquicas desenvolver esforços para tomarem posse

do edifício, que recentemente foi objecto de obras de restauro, estimadas em mais de dez mil contos.

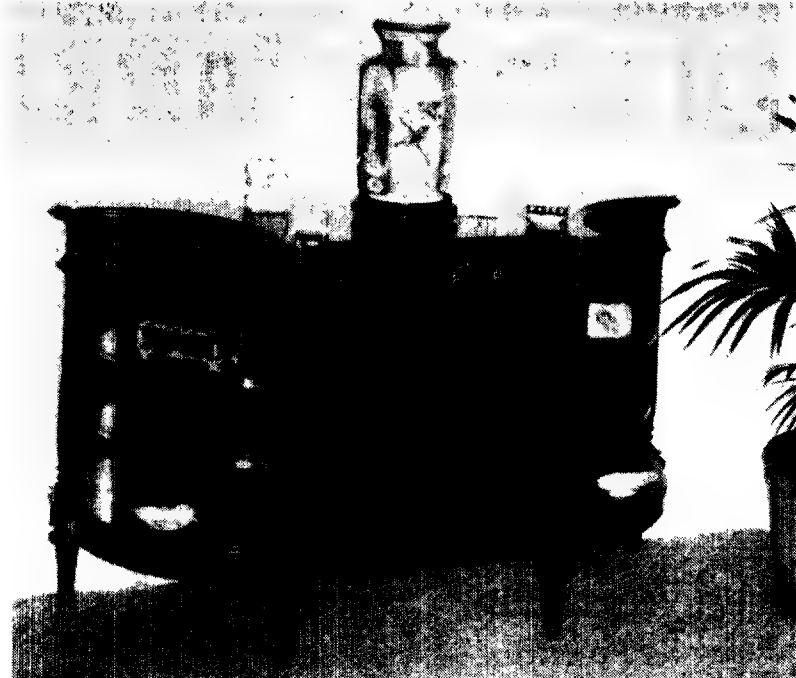
Bem situada e sóbria, a Torre foi recuperada sob a supervisão do Instituto Português do Património Cultural, que recomendou à Câmara Municipal a anexação de pequenas casas limítrofes, para enriquecimento do património e preservação condigna de toda a sua área envolvente.

Segundo se crê, a construção da Torre acastelada não obedeceu a fins militares, tendo sido apenas destinada a mansão senhoria, possivelmente, os seus donos e senhores guardavam ali os largos foros, que recebiam, servindo-lhes também de recolha em certas épocas do ano, quando visitavam as suas vastas propriedades, que dali se avistavam em

largos horizontes.

«Dos balcões ameaçados que coroam os seus quatro cunhais, podia-se recrear a vista pelos campos em redor, vigiar, até, as fainas agrícolas e abarcar todo o alfoz de Vila Real, a que o Bolonhês e o Lavrador deram vida com forais ricos de privilégios», diz o etnógrafo Alves Plácido.

Anteriormente foi admitida a hipótese de ser instalado na Torre de Quintela um Museu de Numismática que contaria com a preciosa colecção de moedas romanas do padre João Parente, espécies numismáticas que «naturalmente não deixarão de enriquecer todo o conjunto de objectos antigos a instalar no monumento», disse uma fonte ligada ao Turismo.



Mobiliário da Modecora e pintura em porcelana de Lourdes Abraços

Porcelanas e mobiliário no Casino Estoril

Continua patente na Galeria do Casino Estoril a exposição de porcelana pintada de Lourdes Abraços e mobiliário artístico da Modecora.

Lourdes Abraços, que reside no Brasil desde 1962 com largos períodos de permanência no nosso país, é hoje uma das mais qualificadas artistas da difícil modalidade de pintura sobre porcelana, em que para além de sensibilidade artística é necessário dominar-se com maestria a técnica do fogo.

Em simultâneo com esta exposição de porcelana e como suporte privilegiado das belas peças presentes, encontra-se patente uma exposição de mobiliário

artístico da Modecora, com a apresentação de um valioso conjunto de peças de diversos estilos e fabricadas nas mais seleccionadas madeiras exóticas, que honram os artesãos que as manufacturaram e a firma que as comercializa.

O mobiliário é um dos sectores mais apurados do artesanato português, encontrando-se espalhados pelo País alguns centros de produção com elevado nível de apuramento e um fabrico que pode ombrear com o que de melhor se faz por essa Europa da CEE. Quem o quiser comprovar que passe pelas galerias do Casino até ao próximo dia 26, das 15 às 24 horas.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

Em exibição

Aqui está um espectáculo FANTÁSTICO com uma história verdadeiramente DIABÓLICA!

O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação de Helder Costa

com Maria do Céu Guerra, João Maria Pinto, António Cardoso, Luís Tomar, António Gomes, Maria João, João Azevedo, Paula Sousa, José Carreiras, Teresa Faria

cenografia: Rui Pimental
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carreiras

3ª a Sábado às 21.45h
Sábados e domingos às 16h

SYLVIA PLATH - Quem a matou?

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 788609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

VEJA TEATRO ÀS 19 H

— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH - Quem a matou?

de BARRY KYLE

Trad. M.ª TERESA GUERREIRO

Dir. LUZIA MARIA MARTINS

Mont. FERNANDO FILIPE

INTERPRETES (ordem de entrada em cena)

CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *

MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

ACTA NÚMERO TRINTA E UM

Pelas quinze horas do dia trinta de Março de Mil Novecentos e Oitenta e Sete, reuniram-se em Assembleia Geral os Sócios de Urbanizações e Construções Gerais de Lagos, Lda., na Sede Social, Avenida Miguel Bombarda, n.º 131-1.ª Esq.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 - Nomeação de novo Conselho de Gerência, e definição das suas competências remuneratórias e duração de mandatos, para substituição do Conselho de Gerência cujo mandato expira nesta data.

2 - Estando presentes Domingos da Cunha, por si próprio, e em representação de Albino Nunes de Almeida Morgado, António Augusto Gêmeo (Filho), Virgílio Joaquim Tavares Aguiar, João Manuel Carvalho Cunha, Carlos Manuel Carvalho Cunha e Rogério Antunes, representando 100% do Capital Social, em conformidade com o parágrafo único do artigo oitavo dos Estatutos, foi declarada aberta a sessão, tendo nela sido deliberado e aprovado por Unanimidade:

1 - Nos termos do artigo décimo terceiro dos Estatutos, nomear o Conselho de Gerência constituído pelos sócios: António Augusto Gêmeo (Filho), Albino Nunes de Almeida Morgado, Rogério Antunes, Virgílio Joaquim Tavares Aguiar e Domingos da Cunha.

Ao Conselho de Gerência ora nomeado, competem, para além daqueles que o Estatuto lhe conferem, os poderes de Administração ordinária e extraordinária da Sociedade, inclusive os de adquirir, onerar, tomar de arrendamento ou trespasse, quaisquer prédios rústicos ou urbanos ou estabelecimentos necessários à implantação das actividades que constituem o objecto da Sociedade, abrir e movimentar contas bancárias, assinar cheques, e ainda aceitar letras e livranças, e negociar financiamentos em nome da Sociedade.

2 - Ao Conselho de Gerência compete definir os âmbitos de competência, níveis e qualificações dos seus membros. Os membros do Conselho de Gerência não auferem qualquer remuneração pelo exercício das funções que são agora nomeados.

3 - A sociedade fica obrigada perante terceiros da seguinte forma:

a) Se se tratar de actos que obriguem a Sociedade, pela assinatura conjunta de dois membros do Conselho de Gerência;

b) Se se tratar de um acto de mero expediente e que não implique a assunção de novas obrigações ou modificações das já existentes, pela assinatura de um único membro do Conselho de Gerência.

4 - O prazo da Vigência do mandato do dito Conselho de Gerência, ora eleito, tem a duração de um ano, entrando em vigor nesta data.

E nada mais havendo a tratar, é encerrada a sessão pelas dezasseis horas.

Esta acta, depois de lida e aprovada, vai ser assinada por todos os presentes.

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

DEBEN PENHORADOS

Verba n.º 1 - Um balcão frigorífico, marca imperial c/4 m de comprimento, c/vitrinas e câmaras e o respectivo motor, no valor de 600 000\$00.

Verba n.º 2 - Uma balança electrónica marca TISSOT, mod. Cardiff, de 100 gramas a 12 kg c/ o n.º 9555/86, no valor de 50 000\$00.

Verba n.º 3 - Duas balanças automáticas de 30 kg, marca Medinas, no valor de 60 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 10 de Abril de 1987

O Juiz de Direito

João Cordeiro Dias

O Escrivão

José Henriques

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

«DL» 21/4/1987

DESENHOS ERÓTICOS DE LE CORBUSIER EM EXPOSIÇÃO NA SUÍÇA

UMA exposição original em Lausanne revela que o arquitecto suíço Le Corbusier, mais conhecido pelos seus edifícios rectangulares e funcionais, era também um mestre da criação erótica e da representação pictorial de mulheres nuas. Os desenhos íntimos, apresentados este mês no Museu das Belas-Artes de Lausanne, são propriedade dos coleccionadores Theodor e Ulla Ahrenberg, que eram amigos de Le Corbusier.

A exposição é uma das mais de 100 que este ano assinalam na Europa o centenário do nascimento de Le Corbusier. Na Galeria Hayward, de Londres, está patente uma retrospectiva, enquanto o Centro Georges Pompidou, em Paris, está a preparar uma outra para o Outono.

Intitulada «O Segredo de Le Corbusier», a mostra de Lausanne apresenta 190 desenhos e colagens executados entre 1920 e 1964.

Com a assinatura «L-C», muitos dos esboços mostram mulheres nuas deitadas, a tomar banho ou a dançar. Algumas mostram cenas de sexo explícitas enquanto outras apresentam cómicas mulheres gordas.

As imagens sensuais e espontâneas, parcialmente inspiradas por Picasso, constituíam aparentemente para Le Corbusier uma maneira de se distrair do seu trabalho de arquitecto.

Erika Billeter, directora do Museu das Belas-Artes de Lausanne, disse à Agência Reuter: «Estes desenhos não foram feitos para o público, foram fei-

tos para sua alegria pessoal.»

«Revelam o lado até agora desconhecido de Le Corbusier. Era fascinado pelo corpo da mulher e pela sua beleza. Era um universo completamente separado da sua arquitectura», disse Billeter.

Pouco antes da sua morte em 1965, Le Corbusier escreveu: «Para o artista, desenhar é a única maneira de se abandonar em busca do gosto, das expressões da beleza e das emoções. Uma parte dos meus dias foi passada a desenhar».

Le Corbusier nasceu em Outubro de 1887 em La Chaux-de-Fonds, perto de Neuchâtel, e foi-lhe posto o nome de Charles-Edouard Jeanneret mas tornou-se conhecido mais tarde pelo nome de «Le Corbusier».

Theodor Ahrenberg disse à Reuter: «Le Corbusier considerava-se a si mesmo um artista. Ganhou a vida exercendo a sua profissão de arquitecto, mas punha o seu coração na pintura e nos desenhos».

A mulher de Ahrenberg, Ulla, dis-

se: «sempre que vinha a nossa casa, Le Corbusier trazia um pequeno caderno e um lápis. Estava sempre a desenhar. Era-lhe tão necessário como respirar».

Le Corbusier, que era um grande viajante, comoveu-se até às lágrimas quando viu actuar a cantora e bailarina negra Josephine Baker, no Brasil.

Fascinado pelos movimentos da artista, fez vários desenhos dela, seis dos quais se encontram na exposição de Lausanne. Mais tarde, escreveu: «quando ela dança, está num outro mundo».

Várias naturezas mortas e cenas de touradas rematam a exposição, que está patente em Lausanne até ao dia 4 de Maio, antes de ser apresentada na Dinamarca, Suécia, Finlândia e Áustria.

Poucos dos austeros edifícios concebidos por Le Corbusier foram, executados. Uma vez ele escreveu: «o ângulo exacto é aquele em que a soma das forças mantém o mundo em equilíbrio».

Entre os seus projectos construídos em França, figuram um importante complexo habitacional em Marselha, a vivenda «Saboia», construída perto de Paris em estuque branco e forma de cubo, e a capela de Ronchamp.

O crítico de arte Robert Hughes, no seu livro «O Choque do Novo»,

escreveu sobre Le Corbusier: «Era em certa medida o Picasso da arquitectura, porque as suas concepções provocam sensações tão fortes, contém ritmos tão fortes e mostram um grande vigor no traço».

Le Corbusier, que se fixou em Paris em 1917, onde se tornou o principal representante do estilo internacional dos anos 20, considerava-se a si mesmo um «arquitecto sociólogo».

Os seus trabalhos têm paralelo nos de Mies Van Der Rohe e Walter Gropius, que lideraram o movimento «bauhaus», na Alemanha, que se concentrou na construção de habitações de massa.

«Gropius e Mies Van Der Rohe, na Alemanha, a par de Le Corbusier em França, acreditavam na função sociológica dos arquitectos».

Um dos grandes projectos de Le Corbusier, nunca executado, foi o que concebeu em 1925 para a margem direita do Sena e que previa a construção de arranha-céus de vidro.

«A guerra contra Le Corbusier em Paris, tornou-se uma tradição entre arquitectos», escreveu Hughes.

«Construiu em todas as cidades do mundo a partir de 1945, concebendo zonas de torres habitacionais e aldeias desertas que mostram a face colectiva do «habitat» moderno», conclui aquele crítico.

Simpósio luso-espanhol de História de Arte

Investigadores, docentes e estudantes participaram no quarto simpósio luso-espanhol de História da Arte, que decorreu até ontem, em Coimbra.

A iniciativa, integrada no plano de intercâmbio e cooperação da Universidade de Coimbra com as suas congéneres de Salamanca e Valladolid, subordina-se ao tema «Portugal e Espanha entre a Europa e além mar: do início do século XV aos meados do século XIX».

O simpósio do presente ano surgiu na sequência de outros que se debruçaram sobre as relações artísticas dos dois países, as suas relações na época dos descobrimentos e a introdução da arte da Renascença na Península Ibérica.

No Simpósio deste ano, os organizadores pretendiam efectuar o balanço das investigações sobre o tema em análise e discutir o impacto da estética europeia nos países ibéricos.

Centro Nacional de Cultura programa novas actividades para a juventude

Um protocolo visando lançar acções piloto para a juventude foi celebrado entre a Secretaria de Estado da Juventude, representada pelo FAOJ, e o Centro Nacional de Cultura.

A realização de seminários e colóquios, viagens e intercâmbios juvenis, são algumas das acções previstas no âmbito do acordo assinado por Helena Vaz da Silva, directora do Centro Nacional de Cultura e Pedro Cebola, director do FAOJ.

O protocolo prevê um primeiro financiamento de 3000 contos da Secretaria de Estado da Juventude ao Centro Nacional de Cultura, que se encarregará da organização e execução das acções de intercâmbio juvenil que considere de mais fácil enquadramento nas actividades que já desenvolve e organizará colóquios e seminários que promovam a reflexão sobre a problemática juvenil e os novos valores culturais.

Helena Vaz da Silva anunciou que o Centro Nacional de Cultura vai criar um espaço permanente para a juventude e projecta organizar uma espécie de entreposto de trabalho voluntário para jovens de modo a que estes possam ocupar-se de tarefas relacionadas com os estudos que estão a fazer.

A integração nos currículos escolares destas actividades é outro dos objectivos do Centro Nacional de Cultura, anunciou ainda a sua directora.

Pedro Cebola sublinhou a preferência da Secretaria de Estado da Juventude pelos intercâmbios deste género, com instituições privadas, já que «a complexidade e meios técnicos que o intercâmbio juvenil exige não são compatíveis com a rigidez existente na administração pública».

«Seiva Trupe» em Angola no 25 de Abril

Os actores da companhia «Seiva Trupe», do Porto, Estrela Novais e Júlio Cardoso, participarão, em Angola, nas comemorações do «25 de Abril» — anunciou a companhia.

Os dois elementos daquele grupo português de Teatro darão, em Luanda, vários recitais de poesia de autores portugueses, dos países africanos de língua oficial portuguesa e do Brasil.

O actor Júlio Cardoso apresentará a peça «Mistério Cómico» do dramaturgo italiano Dario Fo.

A estada em Angola decore de 21 a 29 e deve-se a convite da Associação de Amizade Portugal-Angola.

Filme francês rodado na Madeira

«Inimigos Íntimos» é o título de uma longa metragem, realizada pelo francês Demis Amard, e que será rodada integralmente na freguesia do Caniçal, a leste do Funchal.

«Inimigos Íntimos» conta a história de dois homens que se apaixonam pela mesma mulher, o que causa todos os «sarilhos» inerentes a situações semelhantes.

Realizada por Demis Amard, esta película, produzida pela «Filmes Ane Marie» (produtora de «O Nome da Rosa»), terá como principais intérpretes Michel Serrault e a jovem Ingrid Hert, uma estreante apontada como a esperança do cinema francês.

O filme, a ser rodado integralmente no Caniçal, custará mais de 500 mil contos e inclui a montagem no local de um «decor». Trata-se de uma estrutura, totalmente montada em ferro, e no interior da qual se desenrolará a história.

As filmagens decorrerão durante dois meses e aproveitarão as magníficas panorâmicas oferecidas pela paisagem do Caniçal, segundo revelou o realizador da película.

Quem são os candidatos à Palma de Ouro de Cannes

Candidaturas da França, Itália, Estados Unidos e Inglaterra predominam entre os 19 filmes anunciados como concorrentes à Palma de Ouro do Quadrágésimo Festival Internacional de Cinema de Cannes.

A Casa Real Britânica, dezenas de estrelas de cinema e patrões da indústria são esperados nesta cidade mediterrânica entre 6 e 20 de Maio, para um festival que deverá atrair 15 000 espectadores e 3000 jornalistas, bem como comerciantes e distribuidores.

Os organizadores do festival anunciaram em Paris os 19 filmes que, em princípio, constituem a selecção oficial na competição para a cobiçada Palma de Ouro a atribuir à melhor película, prémio de um júri encabeçado pelo actor francês Yves Montand.

Entre os restantes membros do júri contam-se o escritor norte-americano Norman Mailer, o realizador grego Theo Angelopoulos, o presidente do Sindicato Soviético dos Realizadores, Elem Klimov, o compositor italiano Nicola Piovani, o produtor britânico Jeremy Thomas, o realizador polaco

Jerzy Skolomowski, a jornalista francesa Daniele Heymann e o produtor-realizador Gerard Calderon.

Os organizadores esperam que estrelas do cinema americano afastadas na última edição do festival devido a ameaças terroristas contra cidadãos dos EUA na Europa compareçam desta vez em grande número.

As presenças previstas incluem Mickey Rourke, Faye Dunaway, John Travolta, Anthony Quinn, Mia Farrow, Peter Falk, Diane Keaton, John Voigt e Nastassja Kinski.

Os filmes já seleccionados para a competição oficial são: «Pierre et Djemila», de Gerard Blain (França), «Champ d'Honneur», de Jean-Pierre Denis (França), «Un Homme Amoureux», de Diane Kurys (França), «Sous le Soleil de Satan», de Maurice Pialat (França), «Pokayanye», de Tengiz Abuladze (URSS), «Yeelen», de Souleyman Cisse (Mali), «Um Comboio para as Estrelas», de Carlos Diegues (Brasil), «Prick Up Your Hears», de Stephen Frears (Inglaterra), «The Belly of an Architect», de Peter Greenaway

(Inglaterra), «Zegen», de Shohei Imamura (Japão), «Shy People», de Andrei Konchalowsky (EUA), «Le Dernier Manuscrit», de Karoly Makk (Hungria), «Oci Ciornie», de Nikita Michalkov (Itália), «The Glass Menagerie», de Paul Newman (EUA), «Crónica de uma Morte Anunciada», de Francesco Rossi (Itália / França), «Barfly», de Barbet Schroeder (EUA), «La Famiglia», de Ettore Scola (Itália) e «Der Himmel Über Berlin», de Wim Wenders (RFA).

Alguns dos filmes mais esperados serão vistos extraconcurso, como é o caso de «Radio Days», de Woody Allen, «Good Morning Babyloka», dos italianos Paolo e Vittorio Taviani, ou de «Intervista», o último filme de Federico Fellini.

Um total de 1500 filmes, nas várias secções do festival, vão ser exibidos durante o certame, que este ano comemora o seu quadragésimo aniversário.

As celebrações da data incluem uma homenagem ao actor inglês Alec Guinness, em que participam os príncipes de Gales, Carlos e Diana.

Convento de Cristo é cenário de exposição

O Convento de Cristo, em Tomar, vai hoje abrir pela primeira vez os seus claustros, para acolher uma exposição de pintura.

A exposição intitula-se «Tudo o que Nasce Converte na Arte» e exhibe obras dos pintores José Alves e do alemão-federal Rainer Mathemeier, informou a comissão organizadora.

José Alves, nascido em 1954, parti-

cipou em várias exposições colectivas e realizou a sua primeira exposição individual no Centro Cultural de São Lourenço, em Almansil, Faro.

Rainer Mathemeier, 36 anos, participou em exposições na Dinamarca, Espanha, França e Alemanha Federal.

A iniciativa tem o apoio do Instituto Português do Património Cultural e da direcção do Convento de Cristo.

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍPOLE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
BLUSÕES DE CABEDAL PARA HOMEM E SENHORA
A PARTIR DE 20 000\$00
CONFECCÕES STAHL. LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.º
Telef.: 77 11 58 — 1000 LISBOA

Alfas Triplex

— T. 806496

O LUTADOR

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)

13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

A MANHÃ SEGUINTE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

A DAMA E O

VAGABUNDO

(falado em português)

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24 h

Alfa Club

FILHOS DE UM DEUS

MENOR

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 hShopping Center
de Lisboa

O LUTADOR

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 00.15

QUARTO COM VISTA

SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)

13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 24.00 h

A DAMA E O

VAGABUNDO

(m. 6 anos)

13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 23.45 h

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A MISSÃO

(m. 6 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Apolo 70

A MANHÃ SEGUINTE

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19.00, 21.30 h

Avila

— T. 539930

A DAMA E O VAGABUN-

DO

de Walt Disney

(Para Todos)

15, 17, 19.10, 21.45 h

Avis

— T. 547163

A GRANDE FARRA

(int. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O LUTADOR

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano). Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Quarteto.

Capitolio

— T. 372358

SEXO EM BRASA

(Int. m. 18 anos)

15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e
23.00 h

Castil

T. 530194

SEM PERDÃO

(m. 12 anos)

15.30, 18.30, e 21.30 h

Cineblau

— T. 556824

PERIGOSAMENTE

JUNTOS

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00, e 21.30 h

HISTÓRIA DE «Q»

(Int. m. 18 anos)

24.00 h

Cinebolso

CONSULTÓRIO SEXUAL

(Porno)

(Int. m. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45 e 19.00 h

DESFLORAÇÃO

(Porno)

(Int. m. 18 anos)

21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

NOITES VERMELHAS

(Int. 13 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

FORA DOS LIMITES

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, e 21.30 h

TORNADO

(m/acons. 18 anos)

24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

OSTARADOS DO ESPAÇO

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

O GOLPE DO GÊNIO

(maiores 12 anos)

15.30, e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

FORA DOS LIMITES

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

PLATOON — OS BRAVOS

DO PELOTÃO

(m. 16 anos)

14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O LUTADOR

(m. 6 anos)

14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio

— T. 555134

BALADA DA PRAIA DOS

CÃES

(m. 12 anos)

14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

JESUS DE NAZARÉ — 2.ª

Parte

(m. 6 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 768078

JOEY

(m. 12 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

PLATOON — OS BRAVOS

DO PELOTÃO

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

A DAMA E O

VAGABUNDO

(m. 6 anos)

14.15, 16.30, 18.45, e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

A GOLPADA

(n/acons. m. 13 anos)

19.00 e 22.00 h

Gemini

A DAMA E O

VAGABUNDO

(m. 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS

DO PELOTÃO

(m. 16 anos)

14.15, 16.30, 19, 21.30 e

23.45 h

CROCODILO DUNDEE

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e

24 h

Imperio

— T. 555134

SEM PERDÃO

(m. 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON — OS BRAVOS

DO PELOTÃO

(m. 16 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

CROCODILO DUNDEE

(m. 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e

23.45 h

Londres

— T. 801313

CROCODILO DUNDEE

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O MENINO DE OURO

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e

21.30 h

A MANHÃ SEGUINTE

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

QUARTO COM VISTA

SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

SEM PERDÃO

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O BRAÇO DO

EXTERMINADOR

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

GUERRA SEXUAL

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

(Int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

ENCERRADO PARA

BENEFICIAÇÕES

Reabre brevemente

Politeama

T. 326305

MULHERES EM FÚRIA

(m. 16 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O REGRESSO DOS

MORTOS VIVOS

(Int. 18 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

ADEUSAMIGOS

23.30 h

O MATADOR

(Int. 18 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30

OS 4 AMIGOS

(maiores 16 anos)

23.30 h

O LOCAL DO CRIME

(m. 16 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

DEBAIXO DO VULCÃO

(m. 16 anos)

23.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro

— «A Cor do Dinheiro», às
15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Aliens o Reencontro Fi-
nal», às 15.30 e 21.30 h (m.
16 anos)

AMADORA — Babilónia

— «Sem Perdão», às 14.00,
16.30, 19.00 e 21.30 h (m.
12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flo-

res — «Missão Cobra», às
15 e 21.30 h (m. 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Tea-

tro Chaby — «O Rei dos
Gazeteiros», às 21.30 (m. 12
anos)

MEM MARTINS — Estú-

dio Dois Eme — «O Luta-
dor», às 21.30 h (m. 12
anos).

ODIVELAS — Cineodível

— «Dois Polícias à Solta»,
às 15.30 e 21.30 (m. 12
anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «O Menino de Ouro», às
17.00 e 21.15 h (maiores 6
anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «Regresso à Escola», às
15.30 e 21.30 h (maiores 12
anos).

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «O Crocodilo
Dundee», às 15.30 e 21.30 h
(m. 12 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os

Bravos do Pelotão», às
15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlânti-

da Cine — «Momento da
Verdade», às 15.30 e 21.30 h
(m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «O Crocodilo
Dundee», às 15.15 e 21.30 h
(m. 12 anos)

Sala 2 — «Platoon — Os

Bravos do Pelotão», às
15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «Sem Perdão», às 15.30 e
21.30 h (m. 12 anos)

JAIME SALAZAR SAMPAIO EM SETÚBAL

O Teatro de Animação de Setúbal vai terminar, no próximo dia 27, a representação de «Até Amanhã», espectáculo constituído por duas peças de Jaime Salazar Sampaio, «Junto ao Poço» e «O Sobrinho». As últimas representações terão lugar quinta-feira dia 23, sexta 24, sábado 25 e domingo 26, realizando-se na segunda-feira, dia 27, um espectáculo especial incluído nas comemorações do 25 de Abril da Câmara Municipal de Setúbal.

A cenografia é de Dalton Salem Assef, o vídeo de Carlos Curto e dos Serviços da Secretaria de Estado da Cultura, a encenação é de João Manuel e a interpretação está a cargo de Carlos César, Pompeu José, Nuno Melo, Isabel Ganilho e Rui Paulo.

Trata-se de mais um espectáculo com originais portugueses da Com-

panhia profissional de Setúbal, que já levou à cena obras de Gil Vicente, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Eça de Queiroz, Teresa Rita, Mendes de Carvalho, Fernando Gomes, Rui Mesquita e agora Jaime Salazar Sampaio.

Esta companhia tem dado grande importância aos originais portugueses, por considerar que esta é a única forma de criar um verdadeiro Teatro português. Paralelamente a este espectáculo, o TAS mantém em cena «O Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente e também uma peça pra crianças, «O Empadão e o Bolo».

Percorrendo o país, mais uma realização do TAS, dedicada à poesia portuguesa - «Conversa Poética» - com a participação de Carlos César, Filomena Gonçalves e Manuela Carlos.



Carlos César, Rui Paulo e Isabel Ganilho numa cena do espectáculo «Até Amanhã»

EXPOSIÇÕES

- **ALTAMIRA** (R. Filipe Folque, 48-A): pintura de Mário Gastão até 6 de Maio, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 13.
- **COOPERATIVA ÁRVORE** (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): em colaboração com a Galeria Nasoni, uma exposição de escultura de Paulo Neves com o título «Via Sacra», patente até 4 de Maio.
- **GALERIA A MONUMENTAL** (Campo dos Mártires da Pátria, 101): Pintura de Helena Pinto, até 5 de Maio todos os dias excepto segundas-feiras, das 15 às 20.
- **PALÁCIO ANJOS** (Algés): exposição «A Comunidade Europeia»
- **PALÁCIO D. MANUEL** (Évora): Pintura Recente de José de Carvalho, até dia 26 de Abril, todos os dias das 13 às 18.
- **MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR** (Castelo Branco): Tapeçaria de António Manuel Simões de Mendonça, até 2 de Maio.
- **GULBENKIAN** (Exposições Temporárias): exposição de Pintura do artista inglês Ben Ben Nicholson.
- **GALERIA CHAGALL** (C. D. Dinis, Leiria): exposição de Pintura de Moura Coutinho, até 26 de Abril de terça a domingo das 14 às 22.
- **ATELIER 2** (R. da Emenda, 66-3º): exposição de gouaches «Metamorfoses» de João Vieira. Patente até 30 de Abril, nos dias úteis das 10 às 13 e das 14,30 às 18.
- **GALERIA CODILVRO** (Praceta Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A): «No Silêncio da Tarde», exposição de Pintura e gravura de Marina, patente até 16 de Abril, de segunda a sábado das 15 às 20.



Pintura de Marques Gas-tão, na Altamira

- **GALERIA DA LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): Escultura e Joalharia de Gordillo, até 24 de Abril.
- **MULTIFACE ARTE** (R. Sousa Lopes, lote RS): exposição com trabalhos de Berrocal, Espiga Pinto, Emília Nadal, Francisco Simões e Manuel Cargaleiro.
- **RESTAURANTE ESCORIAL** (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Rui Cunha, até 30 de Abril todos os dias das 12 às 24.
- **GALERIA TRIANGULO** 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): Pintura de Espiga Pinto até 27 de Abril, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e domingo dia 26 das 15 às 20.
- **ATRIUM DA IMPRENSA** (R. da Horta Seca, 20): aguarelas de José de Azevedo até 28 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20.
- **GALERIA DE S. FRANCISCO** (R. Ivens, 40): trabalhos de António Araújo até 30 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.
- **GALERIA NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23-A): «Bar Atlântico - Pintura de Carlos Barroco», até final de Abril.
- **CLUBE 50** (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): exposição de Fotografia de Auzenda Coelho de Castro, até 6 de Maio de terça a

sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.

- **CLUBE 50**: exposição de Pintura de Xavier de Sousa Tavares, até 6 de Maio de terça a sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.

- **ESTREMOZ** (Pousada de Santa Isabel): «Grupo de Évora + 3» expõe escultura em pedra. Trabalhos de João Cutileiro, José Esteves, Margarida Lagarto, Pedro Fazenda, Sílvia Wesphalen, José Pedro Croft, Manuel Rosa e Nelson Cardoso.

- **GALERIA EMI** (R. da Cruz dos Poiais, 111): exposição de artistas da «Paula Cooper Gallery» até 24 de Abril. Encerrada nos dias 17, 18, 19 e 20.

- **MERIDIEN DO PORTO**: exposição colectiva da Páscoa, até 30 de Abril.

- **ARTEFACTO 3** (Travessa Água da Flor, 37): peças de ourivesaria de autor - de Teresa Seabra, Cristina

- Filipe, Fausto Guilherme, Willie Levi, Alexandra Serpa Pimentel, Manuel Júlio, Thomas Gentille e Paula Crespo. De segunda a sexta das 15 às 20.

- **PALMA-GALERIA DE ARTE** (C. de Palma de Baixo, 6): até 28 de Abril, patente uma exposição com Pintura de Salvado Pena com o título «Lisboa-A



Trabalho de Helena Pinto na Monumental

Cidade da Luz» e Escultura de Fernanda Andrade. Todos os dias (excepto domingos e feriados) das 14 às 20.

- **OLHARTE** (Calçada do Cardeal, 18): exposição de 9 pinturas e de uma edição de 15 serigrafias sob o título «Preto Paraíso» da autoria de Nodi. Patente até 25 de Abril, de terça a domingo das 16 às 20.

- **GALERIA NASONI** (Porto): exposições de Darocha (pintura com o título «Songeur Exquis I») e na Sala Atlântica «Trabalhos Recentes» de João Penalva, patentes até 6 de Maio.

- **TORRES NOVAS** integrada nas comemorações do 50º aniversário da Biblioteca Municipal de Gustavo Pinto Lopes e Museu Municipal Carlos Reis, decorre até 25 de Abril uma exposição de «Instrumentos e Documentação Musicais». Alguns dos documentos e materiais datam do século XVIII e são exemplares que, pela sua raridade e beleza são motivo de grande interesse.

- **ATELIER 15** (R. Freitas Gazul, 24-D): exposição de Pintura de Maria Soares «Homenagem à Natureza» até 30 de Abril de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

- **GALERIA DE CASINO ESTORIL**: Pintura sobre Porcelana de Lourdes Abraços e mobiliário artístico da Modedora, até 26 de Abril, todos os dias das 15 às 24.

- **ESCADA-Centro de Arte** (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de Pintura com trabalhos de Artur Bual, Guilherme Parente, Rocha Pinto e Rogério Amaral, até 9 de Maio, de segunda a sexta das 14 às 20.

- **INSTITUTO ALEMÃO** (Campo dos Mártires da Pátria): «Ser ou Não Ser», uma exposição de Pintura

de Ana Leonor, até 29 de Abril.

- **SNBA** (R. Barata salgueiro, 36): Escultura de Alvaro Carneiro, até 26 de Abril.

- **MUSEU NACIONAL DO AZULEJO**: exposição de Cerâmica de Mário Castanheira, patente durante o corrente mês.

- **EX-CAVES VIDIGAL** (Leiria): o Teatro das Quatro Estações apresenta uma exposição de Gonçalo Ruivo e Arminda Duarte (Pintura) e Sérgio Taborda (Escultura).



Escultura de Gordillo, na Galeria Barata

- **COOPERATIVA ÁRVORE** (Porto): duas exposições, de Filipe Rocha da Silva (Fundo sob figuras), 25 desenhos recentes e outra de Fotografia, de Mário Cabrita Gil, em colaboração com a galeria «Cómicos» de Lisboa.

- **SNBA** (R. Barata Salgueiro, 36): Fotografia de Valente Alves até 26 de Abril, todos os dias excepto segundas, das 14 às 20.

- **GALERIA JN** (Porto): Pintura de José Mouga com o título «Memórias/Bestiário», patente das 14,30 às 19,30 excepto domingos e segundas.

- **LOJA DE ARTE** (Algés): Pintura de António Sena, Catarina Castro Freire, Fernando Calhau, Guilherme Parente, Jaime Silva e Miguel Yeco; Escultura de Carlos Soares, Laranjeira Santos e Quirino Sebastião. Terças, sábados e domingos das 15 às 20.

de Ana Leonor, até 29 de Abril.

- **MUSEU NACIONAL DO AZULEJO**: exposição de Cerâmica de Mário Castanheira, patente durante o corrente mês.

- **EX-CAVES VIDIGAL** (Leiria): o Teatro das Quatro Estações apresenta uma exposição de Gonçalo Ruivo e Arminda Duarte (Pintura) e Sérgio Taborda (Escultura).

- **ESPAÇO POLIGRUPO** (R. Ivens, 14): aguarelas de Luisa Correia Pereira intitulada «Miríade», até ao final de Abril todos os dias úteis das 9 às 20, sábados das 9 às 14.

- **PEQUENO FORMATO** (R. do Teixeira, 25): «Expresso do Norte», uma exposição de moderna pintura da Galiza e do Norte de Portugal, com trabalhos de Alvaro César Machado, António Melo, António Mouzo, António Olaio, Juan Martin de La Colina, Miguel D'Alte, Nuno Santacruz, Pedro Maia, Sera e Soles. De segunda a sexta das 14,30 às 20, sábados das 15 às 19.

- **GALERIA DA POUSADA DE PALMELA**: exposição «Varandas de Lua Cheia» da autoria do artista moçambicano Chichorro, até 6 de Maio.

- **GALERIA DE ARTE FONTE NOVA** (Est. de Benfica, 503): exposição de trabalhos de Nuno San Payo até 23 de Abril, todos os dias das 10 às 24.

- **MUSEU REGIONAL DE SINTRA**: exposição de Pintura de Maria Brígida, patente das 9,30 às 12 e das 14 às 18.

- **ALTAMIRA** (R. Filipe Folque, 48-A): exposição retrospectiva da Pintura de Mário Botas, até 20 de Abril das 10 às 19 de segunda a sexta e das 10 às 13 aos sábados.

Lisboa — PERMANENTE
— ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziller, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); AREIRO: Lusitana, Av. de Roma, 18-A (T. 885443); AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); BENFICA - 2,ª CIRCULAR: Benfluz, E. de Benfca, 444-A (T. 7141206); CALVÁRIO: Monge, R. dos Lusitadas, 30-32 (T. 636704); CAMPO LIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª, R. Alto do Carvalhão, 5 (T. 651721); JANELAS VERDES: Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 662327); JARDIM CONSTANTINO: Portugal, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); JARDIM DOS ANJOS: Jaime Matos, R. Álvaro Coutinho, 8-10; LUMIAR: Nicolau, C. de Cariche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); OLIVAIS SUL: Lemos, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); CARNAXIDE: H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); ODIVELAS: Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); PONTINHA: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); BAIXA: Americana, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO: São Marçal, R. de São Marçal, 100-102 (T. 325318); ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); MADRE DE DEUS: Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (T. 383800); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); PRAZERES: União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643); REGO: Prates & Mota, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); SALDANHA: Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); VALE DE SANTO ANTÔNIO: Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); BRANCO - AMADORA: Correia, Urbanização Alformelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Chal, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; CORROIOS: Universo, E. Nacional, 10 (T.

2290084). Até às 19 horas; AMORA: Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; SEIXAL: Soromenho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; MNTUJO: Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; SE-TUBAL: Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; Mira, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; LINDA-A-VELHA: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDE-CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino REBELO (T. 2421015). Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; OEIRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imami, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 282313). Até às 22 horas; CASCAIS: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; Confinça, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Permanente; QUELUZ: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Permanente; CAMARATE: Fátima, Fetais. Até às 19 horas; CACÉM: Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCÊS: Clar Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RIO DE MOURO: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; SINTRA: Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; SACAVEM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Café-Teatro

Às sextas e sábados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO». Encenação de João Mota. Interpretação de ALMENO Gonçalves, Amélia Videira, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Manuel Couco e Paulo Ferreira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EMDIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson. Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Casa da Comédia

R. São Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99

De terça a domingo, às 21.30

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS». de Marguerite Yourcenar. Encenação de Filipe La Féria. Interpretação de Zita Duarte, Glória Quartim, João d'Ávila, Virgílio Castelo, Rocha Santos e Juvenal Garcês.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnitzler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Sociedade Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos, 61, 1.º — Tel. 66 59 06

Sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«MORTE NO BAIRRO», de Alfonso Sastre. Encenação de Hermínio Fernandes. Cenários e figurinos de Henrique Haytte. Grupo de Teatro da Sociedade Guilherme Cossoul.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

4.ª e 5.ª, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 19.00; 6.ª e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03

Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.
«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE». Pelo TEAR. Encenação de Castro Guedes.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De terça a domingo, às 21.30

«O DIABINHO DA MÃO FURADA», de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto, Maria do Céu Guerra, Paula de Sousa, Teresa Faria, Maria João Luís, António Gomes, João Azevedo e Luís Tomar.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

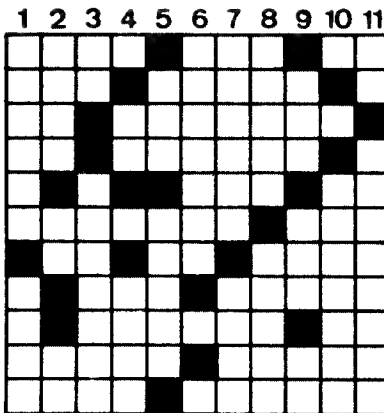
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 15 842

HORIZONTAIS:

- No lugar em que. Rio de França. Existe.
- Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Observes.
- Caminhar. Alfanges.
- Vossa alteza. Filtraria.
- Escarneceres. Gálio (s.q.).
- Região da República Democrática Alemã e da Checoslováquia. Punhado (inv.).
- Manuscrito. Autores. Galanteador.
- Rio de França. Tramar.
- Pesquisara. Em a.
- Involúcro de palha em que se metem os objectos frágeis para que não se partam durante o transporte. Racima.
- Metal precioso de cor amarela. Atravessa.



VERTICAIS:

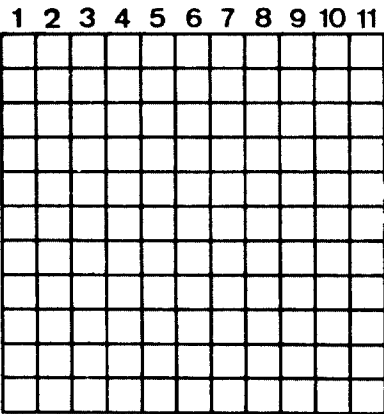
- Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Gomo de lanranja.
- Cidade do Japão. Artigo indefinido. Segundo.
- Quinhentos e um em romano. Caluniar.
- Duzentos em romano. Nome místico de Baco.
- Negativa. Retruca.
- Sorteio.
- Mamífero do Hemisfério Sul. Mulher muito gorda e feia.
- Nome de jogo. Glóbulos.
- Pequeno smio do Brasil. Rio de Portugal (inv). Césio (s.q.).
- Azar (pop).
- Ouro (s.q.). Crustáceo comestível.

Resolviu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 013

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho da Guarda.
- Despachara. Zombar.
- Decência. Zomba.
- Guarnecido de asas. Patranhas.
- Completa. Sódio (s.q.).
- Terceiro. Idem. Césio (s.q.).
- Palavra chinesa que significa Sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Exoneradas.
- Apoio (fig.). O mesmo que arrobe.
- Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh! Parcela (fig.).
- Procediam. Nome de vários rios da Alemanha.
- Trituras. Braço de mar (pl.).



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia. Antes do meio-dia.
- Pássaros. Partidário.
- Alcalóide que se extrai do tabaco, e que é um dos venenos mais violentos. Segundo.
- Tanto. Interjeição brasileira. Artérias.
- O mesmo que radiaram.
- O mesmo que ion. Progenitor.
- Isto é. Apellido.
- Alugarias.
- Bando (pop). Favoreces.
- Pêlo.
- Molestassem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 841

HORIZONTAIS:

- GATO. DE. Ais.
- Ataco. LUVAS.
- Rimo. Selara.
- Uni. Ávila.
- Osa. Bati.
- Careada.
- PS. Aa. Ras.
- Aa. Aterrara.
- Ninharas. Cl.
- Hão. Ter. NÃO.
- Asso. Oó. SSS.

VERTICAIS:

- Garu. APANHA.
- Atino. Saias.
- Tamisa. Nós.
- Oco. Aah.
- Catar.
- Sabá. Éreo.
- Elevar. RATO.
- Ulite. Rs.
- Avaliara. NS.
- Iara. Darias.
- Ssa. Casacos.

PROVERBIO: Gato de luvas não apanha rato.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 012

HORIZONTAIS:

- Lamações. CC.
- Aromassem.
- Matos. Nato.
- Ema. CTT.
- Ga. Pinheira.
- Aro. Gramais.
- Lasca.
- Mordiam. To.
- Sio. Dá.
- As. Arrancar.
- Lear. Usaria.

VERTICAIS:

- Lamegal. Mal.
- Aramaram. Se.
- Mota. Osos.
- Amo. Criar.
- Castigador.
- As. NR. Ru.
- Es. Chapadas.
- Sentem. Mana.
- Matias. Cr.
- Ri. Trai.
- Cró. Asso. Rã.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.50: Sonatas, de autores portugueses; 16.30: Álbum musical; 17.00: A voz dos instrumentos; 17.25: Concerto de câmara; 18.40: Grandes intérpretes; 19.00: Integrais; 19.29: Três madrigais, de Monteverdi; 19.45: 20.º episódio, do folhetim «Avieiros», de Alves Redol; 20.05: Orquestra de câmara; 20.40: Música, para oboé; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.30: «Concerto Madrigal», para duas violas d'órfãs e orquestra de Joaquin Rodrigo; 22.30: Novos intérpretes; 23.00: Intercâmbio musical; 00.40: Cinco sonatas, para cravo, de Cimarosa; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 23.00: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vozes aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo;

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

15.00 - Tudo é Espectáculo
2ª Parte

17.05 - Vamos Dançar
5º Episódio

17.30 - Os Açoreanos
2º Episódio

18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
«Experiências de uma Baby sitter», «A Família do Lago» e «O Cão Vagabundo»

18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Direito de Antena
«P.S.D.»

20.25 - Palavras Cruzadas
71º Episódio: - Sete meses depois Mina está a ler uma carta da mãe, enviada de Paris, mas acaba por deitá-la para o canto da sala. Margarida, já em adiantado estado de gravidez, diz a Marta que João não quer que ela faça mudanças para a casa nova. Marta decide ir ver a casa com eles e promete ajudar Margarida, logo após o nascimento do bebé. Filipe dá a Paulo o lugar de Simão. Oscar anda muito nervoso com a ideia da operação. Rosa sugere-lhe que ponha um anúncio no jornal para trespasse ou venda do estabelecimento. Rui vai com Fátima visitar João e Margarida, e diz-lhes que gostaria de casar com Fátima, mas que ela está indecisa e não sabe se gosta dele ou de Miguel.

21.10 - Portugal Sem Fim
22.05 - Dempsey e Makepeace

23º Episódio: Dempsey prende um assaltante de um banco, Simmons, enquanto um outro consegue fugir. Num curto interrogatório, Simmons declara que pode dar-lhe valiosas informações se ele lhe garantir a protecção da justiça. No entanto, a chegada de um advogado famoso leva Simmons a calar-se. Dempsey desconfia que a própria polícia o quer afastar do caso e Spikings aconselha-o a não perder tempo com um caso de tão pequena importância.

Dempsey ignora o aviso e vai fazer uma busca a casa de Simmons, ao mesmo tempo que Terence Harris, um rico construtor, convence Simmons a persuadir Dempsey a ir até um local deserto. Ao chegar lá, Dempsey encontra Simmons assassinado e acaba por ser preso, pois a polícia «encontra» no seu apartamento dinheiro roubado.

Realização: Bob Tronson

23.05 - 24 Horas
23.35 - Remate

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
«Monteiro Freitas»



No 1º canal, às 22.05, o 23º episódio de «Dempsey e Makepeace»

17.00 - Countdown
18.00 - Estádio

Basquetebol - «Torneio Internacional do Porto»

20.05 - 5ª Dimensão

132º Episódio: - Harmon Gordon, um homem rico cansado de ser explorado pela mulher pede ao irmão, que também é médico, para lhe dar uma injeção de soro da juventude. Aquele começa por recusar mas quando Harmon ameaça suicidar-se, acaba por concordar. A princípio, o soro tem um efeito miraculoso e Harmon recupera a juventude. Mas a fórmula continua a actuar e Harmon regressa à infância. A mulher pretende então sair de casa, mas o cunhado faz-lhe uma ameaça que a obriga a ficar permanentemente ao lado do marido.

Realização: Bernard Girard

20.30 - Uma Família às Direitas

108º Episódio: - Em casa dos Bunkers as opiniões divergem na altura das eleições locais: o conservadorismo de Archie opõe-se ao liberalismo de Mike.

21.00 - Jornal das Nove



No 2º canal, às 20.05, o 132º episódio de «5ª Dimensão»

21.30 - Montra de Livros
21.35 - CinemaDois

«O Homem da Cabeça Rapada»: - Govert Miereveld, um jovem advogado cuja sensibilidade é quase doentia, vive com a família numa cidade de província flamenga. Durante as suas aulas de direito numa escola de raparigas, imagina um amor secreto por uma das alunas, Euphrasie Veenman, a quem atribui o nome de Fran.

Sem suspeitar de nada, e apesar das tentativas de aproximação de Govert, a rapariga desaparece do seu dia a dia.

Govert começa a revelar discretos sinais de perturbação mental.

Interpretes: Senne Rouffaer, Beata Tyszkiewicz, Hector Camerlynck, Paul Jongers, François Bernard.

Realização: Andre Delvaux

AMANHÃ

RTP-1

15.00 - Entre Marido e Mulher
16.00 - Futebol
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
23.25 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Paródia
22.00 - Clube Português de Imprensa
22.30 - O Som da Surpresa

AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

Dempsey e Makepeace

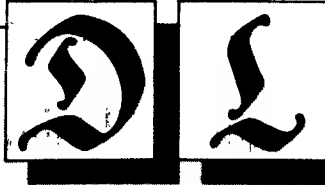
Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

«Palavras Cruzadas»



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: **RENAISSANCE GRÁFICA, S.A.R.L.**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2, 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço de noite (depois das 21): Porteiro, 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex: 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: **INTERPRESS** Rua de Nôvo 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruela Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

O Presidente da República recebe amanhã o primeiro-ministro cessante, logo após o seu regresso da Tailândia e antes da reunião do Conselho de Estado. Cavaco chega a Lisboa cerca das 10 e 30 horas e a audiência está marcada para as 12 horas. A reunião do Conselho de Estado está marcada para as 16 horas e 30 minutos antes Soares dará posse a Eurico de Melo como membro daquele órgão. Hoje, entretanto, Mário Soares, ainda no âmbito dos contactos que vem desenvolvendo, receberá o presidente do Supremo Tribunal de Justiça



Desde princípios de Março

PJ faz razia no mundo da droga

A Polícia Judiciária desmantelou duas importantes redes de importação e distribuição de cocaína e heroína, detendo dez dos seus alegados membros em duas das várias operações de combate à venda e tráfego de droga desencadeadas desde princípios de Março deste ano — soube o «DL». O impacto da acção da respectiva brigada da Judiciária traduz-se objectivamente neste número: 47 supostos traficantes detidos, cinco carros confiscados e 10.233 gramas de estupefacientes apreendidos.

O desmantelamento de uma rede de traficantes de cocaína com ramificações em Portugal, que operaria a partir do Brasil e através de Angola, e de outra, mas de importação de heroína proveniente da Holanda, constituíram acções de grande envergadura por parte da Polícia Judiciária, entre Março e o mês corrente.

No primeiro caso, em que houve cooperação judiciária entre as autoridades angolanas e portuguesas, foram detidos seis suspeitos, um deles em Angola, e apreendidos seis quilos desse estupefaciente e um veículo automóvel de valor superior a dez mil contos (supostamente utilizado no transporte da droga); no outro, rede de importação com ligações à Holanda, foram presos quatro implicados e apreendidos cem gramas de heroína de um lote alegadamente de mil gramas introduzido no mercado, bem como um automóvel e algum dinheiro.

A prisão de cinco indivíduos numa outra operação, igualmente por tráfico de heroína, e ao mesmo tempo a apreensão de cerca de meio milhar de gramas de droga, três viaturas (de marca conceituada) e mais de sete mil contos em dinheiro, no quadro de um circuito de tráfico que assentava na Índia e cobria (na distribuição) preferencial entre as áreas de Lisboa e Algarve, assume-se como outra acção de peso da Judiciária.

Aliás, o Algarve potenciou as atenções daquela corporação, no âmbito deste balanço da actividade da PJ contra o tráfico e venda de estupefacientes. De tal modo que a Judiciária refere, no mesmo relatório, a detenção de um indivíduo alemão, alegadamente membro de uma rede internacional, objecto de pedido de captura internacional, e a apreensão de mais de dois quilos de haxixe, com a prisão de cinco suspeitos, na zona de Vila Real de Santo António.

Outras apreensões assinaladas pela PJ na área de Lisboa levam-nos até à Praça do Chile e ao Lumiar e ao desmembramento de uma rede de distribuição na área de Benfica, tendo sido detidos dois indivíduos. Dois outros que se dedicariam ao tráfico de cocaína a originária da Colômbia, por via postal, foram presos. Na zona da Parede foram, por seu turno, presos quatro presumíveis traficantes, na posse de 350 gramas de heroína e três mil contos em dinheiro, provavelmente provenientes do «negócio».

A PJ em todas essas acções apreendeu cinco viaturas.

LOTARIA POPULAR

1º—121585.....	1 000 000\$00
2º—397956.....	250 000\$00
3º—476105.....	150 000\$00
4º—119801.....	100 000\$00
Terminação em 585.....	50 000\$00
Terminação em 956.....	10 000\$00
Terminação em 105.....	2 500\$00
Terminação em 801.....	1 000\$00
Terminações em 03 e 59.....	500\$00

Nota — Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.



ALEXANDRE CABRAL, que vem dedicando anos de investigação à obra de Camilo Castelo Branco, publicou agora, com a chancela de «Livros Horizonte», o Volume V da «Correspondência», edição integral e comentada carta a carta. Este volume inclui a correspondência com A. P. Lopes Mendonça, Alexandre da Conceição B. de Madureira, Bulhão Pato, Cândido Figueiredo, Faustino Xavier de Novais, Francisco Gomes de Amrim, Francisco Martins Sarmento, H. J. Ferreira de Carvalho, Trinda de Coelho. Louvamos o trabalho probo de Alexandre Cabral, não só na perspectiva dos estudos camilianistas, mas no plano da História da Cultura e das Mentalidades.

JOAO CESAR MONTEIRO viu o seu filme «A Flor do Mar» distinguido com o prémio especial pelo júri do Festival de Cinema de Salomaggiore, em Itália. O júri, presidido por Sergio Leone, distinguiu o filme português pela «coerência e coragem da sua proposta cinematográfica». O filme, cuja estreia em Portugal não foi ainda anunciada, conta a história de uma mulher que regressa a Portugal, na altura em que se



dá o Atentado de Montecarlo, no Algarve.

JOAO PALMA-FERREIRA, afastado do Instituto do Património, encontrou tempo para escrever uma estória picaresca: «Vida e Obras de Dom Gibão». A acção decorre no século XVII e é contada por Dom Seara, «um narrador ameno e jucundo, talvez jocoso, intérprete da vida ainda de Dom Gibão». Segundo a apresentação do volume insinua «a novela apenas encobre a realidade satírica do nosso tempo de picaros e vagabundos, de gente que, como outrora, apenas vive entre o nada e a totalidade, sem descortinar a qual dos dois pertence». João Palma Ferreira tem, ultimamente, publicado, no vespertino «A Capital», artigos que mostram o seu conhecimento dos problemas do Património Histórico.

PLACIDO DOMINGO foi, ontem à noite, aplaudido durante 50 minutos por dois mil e quinhentos húngaros, depois de ter interpretado a ópera «Aida», de Verdi. Na noite em que os telespectadores portugueses escutavam a mesma obra pelo italiano Pavarotti, os húngaros do Teatro Erkel, em Budapeste,



não pouparam ao tenor espanhol palmas ritmadas e consecutivas chamadas ao palco. Os aplausos ainda se ouviam mesmo depois de ter descido a cortina de segurança e apagadas as luzes da sala, para que os espectadores deixassem o teatro.

PETER O'TOOLE, de 54 anos, estreou-se agora na Broadway e está a obter êxito na obra «Pigmalion», de George Bernard Shaw, onde interpreta a figura do professor Henry Higgins. O actor irlandês contracena com Amanda Plummer e a direcção do espectáculo é de Val May.

BORIS PASTERNAK, autor de «O Doutor Jivago», livro cuja edição foi proibida em 1957 na União Soviética por ser considerado pelo Kremlin de «anti-soviético», está a ser «reabilitado» no seu país. Dentro desse âmbito, o semanário soviético «Ogonyok» publica no seu último número nove cartas de Pasternak, em que o escritor explica a génese do romance, o mais internacional que escreveu. Galardoado em 1958 com o Nobel da Literatura, que rejeitaria, Pasternak morreu em 1960.

Seis assaltos rendem quase dois mil contos

Seis assaltos renderam cerca de dois mil contos aos seus autores, segundo o relatório da polícia Judiciária. O rol de ataques a residências e casas é muito mais vasto (27 no total), quer por arrombamento quer por uso de chave falsa. Mas são aqueles seis assaltos, devidamente referenciados, que chamam a atenção.

Com chave falsa se introduziram os ladrões (admitindo serem mais de um) num estabelecimento da Av. João Crisóstomo, levando uma máquina de barbear e 200 contos em moeda estrangeira. Não muito longe do local, mas provavelmente outros, entraram numa residência na Av. Elias Garcia e saíram com roupas, rádios, relógios, uma aliança e um anel, no valor total de 300 notas de mil.

Também por arrombamento, mas na Av. Guerra Junqueira (e também não muito longe daquelas duas primeiras artérias), levaram de uma habitação três salvas de prata a que os proprietários atribuíram o valor de duzentos contos. Mais, muito mais (o do bro) retiraram de uma casa sita na Urbanização da Prtela de sacavém em dinheiro, aparelhagem eléctrica, peças de vestuário, estatueta e jarras. De um estabelecimento do Largo da Trindade saíram com cerca de duzentos mil escudos de valores vários: bebidas, aparelhos eléctricos e dinheiro.

No entanto, neste rol, o mais importante — e rendoso — dos assaltos foi o que perpetraram com chave falsa numa casa da Av. Almirante Reis, onde furtaram uma colecção de moedas antigas, objectos eléctricos e um saco de «vison», tudo no valor de 600 contos.

Entretanto, no assalto a um edifício público sito na Av. Brasília, em Pedrouços, os atacantes saíram de bolsos a abanar, mas causaram prejuízos avultadíssimos, segundo o relatório da Judiciária, que lhe atribuiu um valor estimado em três mil contos.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES; CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.



Voam, dançam ou despenham-se, os novos amantes que emergem sobre a aldeia global? (Pintura de Robert Yarber, que visitou Lisboa na colecção da Frederick R. Weisman Foundation)

Da neurose na motivação estética ao «novo» encobrimento da morte

A motivação estética, tão presente na nossa civilização, representa para Freud uma sublimação. Mas não deverá ser entendida, sobretudo, como uma regressão neurótica? Pedro Luzes analisa, respondendo a esta questão, o conto da Gradiva de Jensen, de que o próprio Freud se ocupou. Nele o herói, espécie de Pigmalião ao contrário, abandona o amor e a vida por falta de confiança em si próprio e nos outros, por medo de perder o objecto de amor, para se dedicar à arte e à arqueologia.

No seu texto, Pedro Luzes evoca igualmente o trabalho de Freud sobre o *efémero*, para comentar as possibilidades de perigo e especialmente os riscos de perda e luto, na sua relação com o

belo: a arte dependeria muito mais de uma criação a partir de elementos nunca plenamente vividos ou experimentados do que duma repetição de acontecimentos traumáticos para os dominar ou vencer. *Motivo estético e neurose*, que hoje publicamos, é o artigo que abre o último número (n.º 4) da Revista Portuguesa de Psicanálise, que acaba de sair. A publicação do texto de Pedro Luzes é, para o Sete Ponto Sete, ocasião de homenagem a João dos Santos, o psicanalista que fundou e co-dirigia a revista com Carlos Amaral Dias, e que acaba de falecer em Lisboa. Sócio fundador — com Pedro Luzes — da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, director aposentado do Centro de Saúde Mental Infantil, alma

Artigos de Pedro Luzes e António Bracinha Vieira

do externato experimental de pedagogia terapêutica *Casa da Praia*, professor no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, João dos Santos deixa uma experiência clínica, uma experiência pedagógica e relacional exemplares.

Um outro artigo que o Sete Ponto Sete hoje publica é o *Da morte e do morrer*, de António Bracinha Vieira, que abre o último número (vol. V, n.º 2) de *Psicologia*, a revista da Associação Portuguesa de Psicologia, acabada, igualmente, de sair do prelo. Trata-se de um número temático sobre a morte e o suicídio e, no seu texto, Bracinha Vieira

refere-se ao *encobrimento* da morte no mundo urbano industrial da modernidade, e ao ocaso do pensamento filosófico que acompanha esse encobrimento. O autor refere-se igualmente à crise das Ciências Humanas, «que vêem substituir-se à compreensão humana total um conjunto de explicações parcelares, não unificadas, triviais e reducionistas». Bracinha Vieira solidariza-se com a posição de Minkowski, interpellando *os anões pífidos saídos das cibernéticas e das informáticas*: «Há que lembrar a esses presumidos e filisteus o que Pascal mostrou de maneira tão clara e sublime: há questões que não formulamos voluntariamente, mas que se ligam à nossa situação metafísica no Universo, e que

esta nos impõe; só a ilusão e o medo podem impedir o acesso à sua esfera».

págs. 2 a 6

Nota

A *Revista Portuguesa de Psicanálise* (ed. Afrontamento) inclui, no seu Conselho de Redacção, Pedro Luzes, Mário Casimiro, Eduardo Luís Cortesão, Jaime Milheiro e António Coimbra de Matos.

A revista *Psicologia* (ed. Afrontamento), dirigida por Alexandre Castro Caldas e Jorge Vala, tem, no seu Conselho Científico, nomes como Bracinha Vieira, Carlos Amaral Dias, Eurico Figueiredo, Jorge C. Jsuino, José Gabriel Pereira Bastos, Luís Moniz Pereira, Pedro Luzes, Teresa Ambrósio, entre outros.

Fotografia — razões do ver paixão do olhar

Pág. 7

Empédocles ou a monstruosidade feliz

Pág. 7

Retratos no teatro Lucinda Loureiro

por Manuel Cintra

Pág. 8



Motivo estético e neurose

Pedro Luzes

O ensaio de Freud sobre *O Delírio e Sonhos na Gradiva* de W. Jensen vai servir-nos para tentar compreender as origens do interesse pelo belo e pela arte, e as alterações neuróticas desse interesse.

O ponto de partida do ensaio é uma novela do romancista e contista alemão Wilhelm Jensen (1837-1911) — (que não deve ser confundido com o escritor dinamarquês de nome muito semelhante Johannes Vilhelm Jensen, também romancista, também tendo vivido no século XIX. Foi Jung, ainda em boas relações com Freud, que chamou a atenção deste para aquela obra, em que o autor, sem conhecimentos psicanalíticos, descreve um processo muito semelhante a uma psicanálise, com relato de um delírio e de sonhos e de um personagem imaginário, que acabam por ser explicados de um modo psicológico semelhante ao utilizado pela Psicanálise. Há na novela um outro personagem feminino que aceita sem qualquer crítica o delírio do herói, e tendo uma vez compreendido os seus processos mentais procura trazê-lo à realidade, através da explicação das razões que determinaram o seu delírio. O ensaio de Freud foi publicado em 1907.

Mas vejamos a história contada por Jensen. Norberto Hanold, o personagem principal da novela, é um jovem arqueólogo alemão que esqueceu o mundo contemporâneo e apenas vive para as antiguidades greco-romanas. No museu do Vaticano viu uma vez um baixo-relevo de uma jovem que é vista de perfil caminhando. Nada tem de uma Vénus, de uma Diana, de uma divindade do Olimpo. Parece uma figura da humanidade corrente, coberta com longo *peplos* plissado, agarrando com a mão esquerda as pregas do seu vestido e descobrindo assim os pés e as sandálias. O pé esquerdo está posto para a frente e o direito, mais atrás, está apenas apoiado pela ponta, pelos dedos dos pés, com o calcanhar e planta dos pés colocados praticamente na vertical (Fig. 1 — o baixo-relevo, que existe realmente, está hoje num museu de Nápoles).

Norberto fica apaixonado pelo baixo-relevo, faz fazer uma cópia em gesso que pendura no seu quarto na Alemanha e dá-lhe o nome de Gradiva, derivado do latim, de *Mars Gradivus*, i.e. Marte que avança.

O andar de Gradiva

Por causa do baixo-relevo começa a olhar fixamente as pernas e pés das mulheres na rua, para ver se andam da mesma maneira. Isto provoca indignação de algumas e uma resposta sedutora de outras ao sentirem-se observadas, reacções que deixam indiferente o distraído arqueólogo.

Um dia sonha que está em Pompeia, no ano da grande erupção do Vesúvio de a.C. 79. Vê Gradiva tentando fugir e acabando por se alongar nuns degraus dum templo, onde, sufocada, se deita e insensivelmente se transforma em estátua de pedra.

Nessa manhã Norberto acorda angustiado, vai à janela, para tomar ar, e crê ver na rua uma jovem que tem o andar de Gradiva. Precipita-se para a rua, em perseguição da jovem, mas como vai em traje de dormir acaba por bater em retirada em face da reacção de surpresa com que as pessoas o observam.

Nesse mesmo dia, decide sair da Alemanha e ir para Roma e Nápoles, onde porém não consegue acalmar a sua

agitação e irritação: é sobretudo incomodado pelos jovens casais alemães que nessa época, às centenas, partem para Itália, em viagem de núpcias.

Em Roma tem novo sonho em que vê mais uma vez a erupção do Vesúvio e imagina que um deus pagão, o Apolo de Belvedere, leva uma deusa, a Vénus Capitolina, para um lugar escuro numa espécie de carro que se afasta com um barulho guinchante, desagradável.

Deixa Roma, a seguir a este sonho, em direcção a Pompeia. Em Pompeia, quando ao meio-dia se passeia entre as ruínas, agora desertas de todos os turistas por causa do calor, de súbito vê Gradiva que se vai refugiar como uma aparição nas ruínas ditas da «casa de Meleagro».

Entrando aí constata porém com surpresa que a aparição está sentada num degrau. Dirige-se-lhe em Grego, depois em Latim, e ela finalmente responde: «Se quer falar comigo tem que usar o alemão.» Ao que ele por sua vez replica: «Sempre pensei que tal seria o tom da tua voz. Porque não te deitas tu como naquela vez em que fiquei perto de ti?» Pouco depois destas palavras Gradiva levanta-se, como chamada pelos espíritos além-túmulo, e desaparece.

No segundo dia da sua estadia em Pompeia, ao meio-dia igualmente, Norberto dirige-se para a casa de Meleagro e lá reencontra Gradiva. Norberto diz-lhe: «Mas porque não existes, porque não estás viva?» Gradiva parece não perceber e pede-lhe para explicar porque falava dela como se estivesse deitada num templo. Norberto conta-lhe o seu primeiro sonho, conta-lhe que ela está representada no baixo relevo de um Museu de Roma. Gradiva diz-lhe: «Mas isso passou-se há 2000 anos: Já vivias tu nessa época?»

«Não», responde Norberto, «mas vi-te em sonhos». Explica a Gradiva que o que atrai nela é a sua maneira de andar e pede-lhe para andar diante dele — o que ela faz. Confirma-se que o seu andar é como o do baixo relevo.

No terceiro dia o mistério é finalmente revelado: sem nunca desmentir de frente o delírio e sonhos de Norberto, Gradiva diz-lhe finalmente a verdade: ela é Zoé Bertgang, filha de um professor de zoologia, é vizinha de Norberto na cidade da Alemanha em que ele vive e, ainda mais, ambos tinham sido íntimos em criança e tinham brincado juntos. Simplesmente Norberto esquecera completamente Zoé (nome grego que significa vida) e, ao inventar um amor imaginário pelo baixo-relevo morto, tinha-lhe dado um nome que era a tradução latina de Bertgang, apelido de Zoé.

Antes dessa explicação final Norberto tem o seu terceiro sonho em que vê Gradiva apanhando um lagarto com um laço feito com erva e dizendo «esteja quieto, a colega diz que este processo é bom e que já o aplicou com inteiro resultado».

A leitura de Freud

A análise que Freud dá da novela de Jensen tem os seguintes pontos principais:

Jensen de modo simbólico sugere que todo o homem que não se submete às leis naturais, no caso de Norberto da vida e do amor, cai no delírio. As pessoas não se podem enterrar vivas, estudar só as línguas mortas, ou dedicar-se de modo exclusivo a preocupações estéticas. Norberto foge dos amores reais, foge da Zoé que conheceu na infância, em favor das mulheres mortas petrificadas no mármore ou no bronze.

Mas nos casos favoráveis o erotismo vai-se impondo mesmo através do recalçamento: a seguir à aquisição do molde da Gradiva, Norberto começa a interessar-se pelo andar, pelas pernas, pelos pés das mulheres verdadeiras. Como diz Horácio: «Quando se expulsa a Natureza com uma forquilha, ela acaba sempre por voltar.» No dia em que, a seguir ao primeiro sonho de Pompeia entrevê Zoé na rua, decide fugir da sua cidade natal. Há alternância constante de vitórias dos impulsos com vitórias do recalçamento. A fuga para Itália, para descobrir em Pompeia os vestígios da passagem de Gradiva, é uma vitória do recalçamento. Uma vez em Pompeia, o acaso e o talento compreensivo de Zoé vão permitir que o recalçamento seja desfeito.

A extraordinária beleza da novela de Jensen é dada pela ideia de que o amor é uma ressurreição: ressurreição das ligações amorosas da infância (confrontar com as teorias platónicas apresentadas no *Diálogo Fedro*), revivência dos primeiros sentimentos amorosos — tão intensos que, ao renascerem das cinzas do período de latência sexual, dão ao indivíduo a sensação de encontrar partes de si próprio que estavam mortas.

Pompeia é de certo modo uma imagem da infância — qualquer coisa que fica inabordable, que é recalçada, mas que não é destruída. O que está recalçado da infância de Norberto são as emoções eróticas, pois tinha sido educado para uma carreira unicamente científica. Mas o baixo-relevo pelo qual se apaixonara representava o retorno do recalçamento da infância no seio mesmo das forças recalcentes (o intelectualismo, a Arqueologia).

Freud propõe também uma interpretação dos sonhos de Norberto que na novela de Jensen é apenas implícita. No primeiro sonho, Norberto diz a si próprio algo que não sabe quando está acordado — que vive na mesma cidade que Gradiva. Simplesmente no sonho essa cidade não é a sua cidade natal mas Pompeia (deformação do sonho). O sonho mostra também o desejo de estar junto da rapariga de quem gosta, quando esta se deita para dormir. Este sonho determina angústia e fuga.

A falta de espaço impede-me de aprofundar o segundo e terceiro sonhos. O segundo sonho envolve uma cena sexual comportando os barulhos da cama (barulho do carro), cena que é sugerida pelo próprio erotismo e pelas conversas amorosas que Norberto ouviu na véspera, no quarto ao lado do seu.

O terceiro sonho, ao mencionar a caça do lagarto, alude ao caçar do marido, do *alus*, que agora Norberto, transformado pela aparição de Gradiva, já aprova. A «colega» é uma amiga de Zoé, recém-casada, que Norberto encontra também por acaso em Pompeia.

Na novela de Jensen é também levantado o véu que recobre a razão misteriosa porque Norberto dá preferência a representações artísticas, às mulheres de pedra, sobre as mulheres verdadeiras. Ao escolher para seu objecto de

Continua na pag. 3

A Gradiva — baixo relevo



Continuação da pág. 2

amor um baixo-relevo antigo, ele está procurando uma posse exclusiva e indisputada de uma mulher que mais ninguém poderia alcançar. Julga de modo delirante que Gradiva é apenas uma aparição vinda do reino dos mortos, mas ao visitar o *Albergo del Sole* onde estava hospedada Zoé recebe com alme uma notícia (falsa) que lhe é dada pelo estalajadeiro. O proprietário do *Albergo* anuncia-lhe que foi desenterrado perto do *Forum* um casal amoroso, que apresentando a catástrofe inevitável se tinha abraçado esperando a morte e assim tinha sido soterrado. Norberto convence-se que este tinha sido o destino da imaginária Gradiva, e vai ao ponto de comprar o broche «antigo» da jovem amorosa, que como toda a história era pura artimanha fabricada pelo hábil proprietário, para obter dinheiro de incautos turistas. No dia seguinte, quando se encontram de novo nas ruínas a primeira pergunta, de Norberto a Zoé, é — «estás sózinha?» E confessa-lhe que está convencido ser ela a jovem que foi desenterrada perto do *Forum*, nos braços de outro homem. Portanto Norberto receia que o seu objecto de amor desenterrado da amnésia do passado, a «sua» Gradiva, tenha sido possuída por outros homens e ressuscite para se tornar objecto de cobiça de rivais.

A novela de Jensen termina alegremente com uma animada conversa entre Norberto e Zoé, em que recordam a sua amizade de infância, com uma troca de beijos e um pedido de casamento de Norberto a Zoé, que é implicitamente aceite.

Ao saírem das ruínas de Pompeia pela Porta de Hércules, e ao verem os blocos de pedra colocados ao atravessado na rua (passagens de peões desse tempo), Norberto, diante dessas lajes, pára e diz a Zoé em um tom de voz um pouco peculiar: «Passa tu à frente, por favor.»

«Um sorriso alegre e entendido passou pelos lábios da sua companheira e levantando ligeiramente o vestido com a mão esquerda, Gradiva-Rediviva-Zoé Bertgang, envolvida pelos olhares sonhadores de Norberto, com o seu andar flexível e tranqüilo, em pleno sol, sobre as lajes, passou para o outro lado da rua.»

Êxito na pintura

O ensaio de Freud sobre a Gradiva, que Ernest Jones classifica como encantador, teve grande êxito junto de vários artistas, especialmente dos surrealistas. Salvador Dalí pintou uma série de quadros onde a sua mulher Gala era apresentada com características que justificavam que o artista lhe chamasse Gala-Gradiva. André Masson, em 1939, pintou um quadro intitulado *Metamorfose de Gradiva*. O tema da Gradiva foi utilizado por Max Ernst, numa série pictórica destinada à casa de Paul Eluard. André Breton deu o nome de Gradiva à Galeria Surrealista que abriu na *Rue de Seine* em 1937, e no mesmo ano publicou um ensaio sobre a Gradiva.

Na reprodução (Fig.2) que a seguir damos do quadro de Masson estão resumidos os elementos da história de Jensen. Meia-nua, com toga e sandália, está Gradiva nos degraus do templo antigo, em parte viva e em parte já petrificada. A metade viva, à esquerda do quadro, tem o pé em posição típica, seio nu, órgãos sexuais figurados como uma concha. A parte de Gradiva já petrificada está representada na metade direita do quadro. Vê-se ao fundo a erupção do Vesúvio, de significado orgástico, papoilas e asfódeles (plantas que simbolizam o sonho e a morte e que figuram também na novela) e um lagarto fállico avançando para uma fenda na parede à esquerda. Outros elementos do quadro,

além destes, também devem ser compreendidos simbolicamente.

O que Norberto procura

Na história fantástica de Jensen, analisada por Freud, devemos compreender que não é apresentada uma simples transposição do impulso sexual para o belo e para a arte, dando origem a motivações estéticas como uma leitura superficial poderia sugerir. Contrariando a teoria platónica apresentada no *Banquete*, o interesse pelo belo não é aquela dialéctica ascendente que nos é descrita por Sócrates no célebre diálogo: o homem começaria por amar os belos corpos, dessa paixão passando para o amor de uma beleza espiritual que o levará a encontrar o belo nos modos de vida e nas leis, no conhecimento e, finalmente, procurar só a Beleza em si mesma, eterna e imutável, não ligada já a nada de físico nem mesmo de espiritual.

O que procura Norberto no baixo-relevo da Gradiva? Não a satisfação sexual, mas uma estimulação emocional vagamente erótica, uma via intelectual para o amor, uma ilusão, um sonho acordado, mas não a realidade do desejo e do sexo. Toda a vida sexual está rodeada não só de emoções agradáveis, mas igualmente de perigos e ameaças, que podem ser tanto verdadeiros como imaginários. Amar não significa só alternativa entre a tumescência e detumescência (termos já utilizados por Platão) mas igualmente as emoções relacionadas com a possibilidade de um traumatismo psíquico, evocando o risco de perder, o perigo de rejeição e de abandono efectivo, o medo da entrega e da confiança total. Sobre a novela de Jensen, escreve Freud: «Ficamos à superfície se apenas falamos de lembrança e de representação. Se existe alguma coisa de valia na vida psíquica são essencialmente as emoções (*Gefühle*); as forças psíquicas apenas são significativas porque têm a propriedade de estimular as emoções. As representações só são recalçadas porque estão ligadas a descargas emocionais que devem ser evitadas.» Em suma, para se libertar de emoções desagradáveis Norberto deve esquecer Zoé, pois todas as suas emoções ficaram ligadas, desde a infância, à representação (lembrança) de Zoé.

Tal como o esquizofrénico substitui a representação das coisas por representações verbais (palavras), é possível substituir os objectos de amor por simples emoções estéticas que se vão ligar a este ou aquele objecto morto ou semimorto. É isto que nos dá direito de falar no caso de Norberto de delírio, como no caso do esquizofrénico, entregue ao seu *verbiage*, se utiliza o mesmo termo.

A própria novela de Jensen não será também para nós uma forma de alienação, uma falsidade ou uma distorsão? Tudo nesta novela não é apenas idealização do acaso, dos encontros que são obra do acaso, das recordações de infância? Os perigos que Norberto corre de delírio, de perda de si próprio, de perda do objecto de amor — serão reais?

Nós sabemos já que se trata de uma novela romântica, que as maiores probabilidades são que a experiência termine favoravelmente, e ficamos excitados, temos prazer e alegria, apesar de algumas intermitências angustiosas. Sabemos que por detrás do palco há um mágico que controla os acontecimentos e que portanto não haverá traumatismo psíquico.

Nestas condições, nas condições da novela, do romance, até é possível romantizar o crime. Na novela policial há também um mágico, o detective — Sherlock Holmes, Poirot — que garante que não seremos nós as vítimas, que a nossa capacidade de decisão, a nossa coragem, não serão postas à prova, pois



A Gradiva de Masson

há alguém que está do nosso lado e que controla a realidade ou a pseudo-realidade.

Controlo activo

A nossa vida é em larga medida baseada em traumatismos passados e em traumatismos vindouros que antecipamos dolorosamente. É pois necessário repetir imaginariamente as experiências traumáticas numa posição activa de controlo, e não na posição passiva em que elas sobrevieram primitivamente (por exemplo, na nossa infância). Kris, na sua obra *Ensaio Psicanalítico sobre Arte*, cita um exemplo de um rapaz que é assustado por um cão na rua. Ele consegue, uma vez em casa, através de relatos multiplamente repetidos, de sonhos acordados também ciclicamente repitados, controlar o susto, o medo, uma fobia nascente docão. Deste modo adquiriu um controlo sobre o traumatismo.

Num outro plano estas repetições incessantes levam, no jovem e no adulto, à fixação em certos tipos de obras, como romances históricos ou de aventuras, filmes de ciência-ficção, filmes eróticos ou de violência. Mais modernamente, nas séries televisivas adaptadas ao gosto popular, o mesmo tema é repetido incessantemente como num jogo infantil.

Esta repetição, o estabelecimento de jogos imaginativos repetitivos, leva à criação de *fétiches*, quer dizer, pequenos ídolos que nos dominam, e que nós dominamos, usando-os mecanicamente. Quando, no fim da novela de Jensen, Norberto convida Zoé Bertgang a atravessar a rua à sua frente, ele quer ver de novo o seu *fétiche* — o andar peculiar de Zoé — esquecido já da resurreição do seu amor de infância e procurando de novo segurança em qualquer coisa de puramente mecânico.

Quererá isto dizer que não há arte verdadeira mas apenas anulação de traumas, fetichização e outros meios de criar representações ilusórias? Seria isto equivalente a dizer que não existe verdadeiro amor, mas apenas divertimentos eróticos, psicodramas emocionais destinados a apagar as dificuldades da sexualidade infantil?

A verdadeira arte não é simplesmente imitação do real, reparação ou defesa em relação aos traumas infantis. A verdadeira arte é uma maneira nova de ser (aquele *estranhamento* de que falou outro conferencista neste ciclo sobre o Motivo Estético). Os homens são senhores de inúmeras capacidades que não podem viver plenamente. Como foi já defendido por Didier Anzieu, a criação em arte, em literatura, na lenda, não nasce unicamente das vivências pessoais, ao contrário do que acontece com os sonhos ou com as *réveries* do sujeito acordado. A criação tão-pouco nasce

exclusivamente de um *fiat* misterioso que faz nascer alguma coisa a partir do nada. Há um universo intermediário de experiências incompletas, não-verbalizadas, que ou foram vividas em sistema de adualismo ou fazem parte de uma área transicional do *Self* — para usar a terminologia de Winnicott. Estes elementos arcaicos, não utilizados, não vividos, criam tensões internas que exigem uma descarga ou elaboração.

Um curto escrito de Freud incluído num livro de homenagem a Goethe, publicado em 1916, tem o seu interesse nesta discussão. O trabalho intitula-se *Vergänglichkeit*, o que podemos traduzir por «O efêmero», «O transitório».

Passeando no campo com dois amigos, um dos quais um poeta, numa agradável paisagem, é discutido o efêmero. Toda aquela beleza que os rodeava ficara extinta um dia, bastará o Inverno para fazer desaparecer as suas características mais encantadoras. E o poeta revolta-se contra a decadência que afecta toda a beleza humana, toda a be-

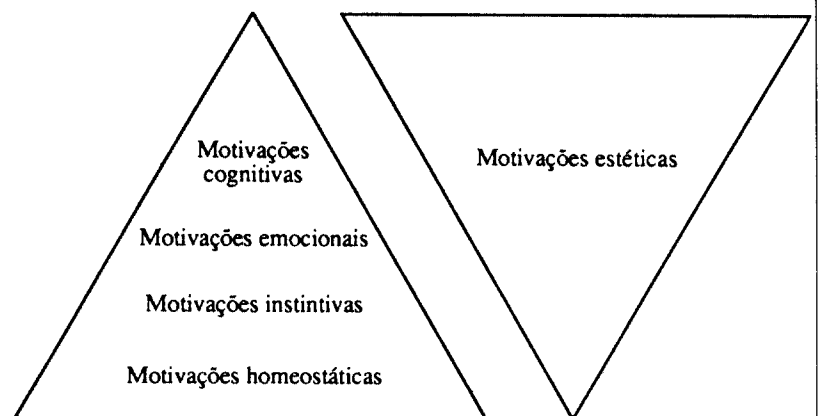
leza com a roda das estações, de modo que, dada a duração das nossas vidas, ela pode ser considerada imortal. A beleza da forma e da face humana desaparecem durante a nossa vida, mas esse carácter efêmero apenas lhe empresta novo encanto. Uma flor que floresce só uma noite, não é por isso menos bela. Impressionado pela não receptividade dos seus amigos a esta aceitação do carácter transitório das coisas belas, Freud conclui que deve existir nas almas demasiado sensíveis qualquer coisa que se opõe à perda, e ao luto desencadeado pela perda.

Por exemplo, no momento em que começava o conflito da I Guerra Mundial, para alguns, aquilo que seria perdido seria insubstituível. Nasce então um estado de luto psíquico que parece inultrapassável. Mas Freud acredita que depois da perda e renúncia a muitas coisas que nos são queridas, é possível à nossa *libido* ligar-se a novos objectos, que se podem tornar ainda mais preciosos e queridos. Aquilo que foi destruído, não foi aniquilado definitivamente. Pode ser reconstruído de novo e, agora, talvez sobre bases mais sólidas e duradouras.

Depois de termos recapitulado estas considerações freudianas, vemos como estão distantes dum concepção de uma beleza consoladora, que actua como uma anulação dos traumatismos antigos, e que por isso deve ser repetida, incansavelmente, para amparar o narcisismo do sujeito. Freud aceita o efêmero, a perda do objecto amado, pois o que conta não é a consolação do seu ser sofrido ou dolorido, mas o interesse pela multiplicidade da vida sempre renovada.

Outras motivações

Para terminar, gostaria de dizer alguma coisa sobre as relações entre motivo estético e motivações de outro tipo. Utilizarei um esquema preparado a partir de um esquema anterior de Maslow.



leza que os homens criaram ou vierem a criar.

Dois impulsos

A tendência para o desaparecimento de tudo o que é belo e perfeito (o transitório) dá, segundo Freud, origem a dois impulsos na mente. Um leva à tristeza afirmada pelo jovem poeta, enquanto outra atitude se revolta contra a mortalidade, o carácter efêmero de tudo o que é belo na Arte e na Natureza.

Freud diz que são contra a realidade ambas estas atitudes. Não é possível reclamar imortalidade para o que quer que seja, nem mesmo para o que é belo e perfeito. Além disso, contesta que o carácter transitório das coisas belas provoque qualquer diminuição do seu valor.

Pelo contrário esse valor aumenta. A limitação da possibilidade de fruição aumenta o valor da fruição. Se a beleza da Natureza é de cada vez diminuída pelo Inverno, ela volta de novo a cada

Segundo este esquema de pirâmides complementares a motivação estética é uma motivação paralela a outras motivações principais: homeostáticas, instintivas, emotivas, cognitivas. A intensidade das motivações estéticas será menor em associação com as motivações fisiológicas, como a fome e a sede, e as motivações instintivas, como sejam as que dizem respeito ao sexo e agressividade.

A maioria dos autores continua a pôr em dúvida a importância do mecanismo descrito por Freud como sublimação. Mercê da sublimação grandes quantidades de impulso sexual poderiam ser desviadas para fins artísticos ou estéticos, como foi afirmado por Freud em alguns dos seus trabalhos (*Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci, Mal-estar na civilização*). Estaria aqui implicada uma mudança do fim instintivo e do próprio objecto do instinto, do regime tensional dos impulsos, m geral imperioso — que são difíceis de aceitar.

Continuação da pág. 6

Da morte e do morrer

António Bracinha Vieira

Professor na Faculdade de Medicina
da Universidade de Lisboa

I. Morte e Sobrevivência. Morte e Extinção

«Naciketas. Quando um homem morre, surge a dúvida: uns dizem que ele persiste, outros que se extingue... Cumpra a tua promessa, ensina-me a verdade.

Morte. Até os deuses tiveram essa dúvida, nos tempos primordiais — tão secreta é a lei da vida e da morte. Pede-me outra mercê, liberta-me da que me pedes.

Naciketas. Então essa dúvida foi também dos deuses, e tu dizes, ó Morte, que é difícil de esclarecer? Mas que outro mestre a pode clarificar melhor do que tu, senhor do Além? e que outra mercê pode igualar a que te peço?

Morte. Toma ouro, cavalos, gado e elefantes. Vive cem anos, entre filhos e netos, governa este país imenso. Os teus desejos serão satisfeitos: dar-te-ei mulheres esplêndidas, músicas sem par. Mas não me peças, ó Naciketas, que te revele os segredos da morte.

Naciketas. Todas essas satisfações passam, ó Termo de tudo! Enfraquecem até o poder de quem vive. Guarda os teus cavalos, dançarinas e cânticos. Como pode um homem apaziguar-se com riquezas, contigo à vista? Como viver, enquanto tu reinas? Só posso pedir-te a mercê que pedi: diz-me, pois, da minha dúvida sobre o grande Além. Dá-me o presente prometido, revela-me o mistério! É a única mercê que te posso pedir.

(Katha Upanishad, parte I)

CERCADO pela morte no horizonte do seu destino, o homem «normal» da modernidade parece ceder à facilidade, exigência do espírito do seu tempo, de que deve olhar *aquém*. Este olhar próximo, preço de esperança precária numa época em que a esperança declina, aliena-o da libertação pela grande angústia e entrega-o às pequenas angústias do quotidiano, que, na mediocridade, lhe envenenam a vida. Como se a extinção que o aguarda e lhe dá sinais devesse permanecer oculta sob o cenário de um viver sem fulgor, denegada junto com as questões essenciais. Sem reflectir sobre a morte, como reflectir? Como aceder à presença plena no mundo, à condição de ser humano? — «Philosopher, c'est se préparer à la mort» (Montaigne); ou de outro modo, «Philosophieren heisst sterben lernen» (Jaspers). Sem o pensamento claro da morte, em que se suscitam as questões fundamentais, toda a reflexão do homem sobre o homem perde o seu sentido.

A grande subversão contida no olhar frontal da morte, sempre diferente, inesgotável e poético — ao qual os homens hoje se escusam — advém de temor do não-sentido que designa, do mal-estar que revela, e que cresce na proporção da sensibilidade daquele que questiona — Tout homme qui la sait voir telle qu'elle est trouve que c'est une chose épouvantable» (La Rochefoucauld). Mas ao mesmo tempo, e contraditoriamente, essa subversão desencadeia o imperativo questionador sobre o Homem e o Mundo, o projecto, o entu-

siasmo, o sentido (da vida). E a época sem morte que vivemos é, em essência, uma época sem vida. — «Encarquilhado entre dois nadas, ponto de interrogação, enigma fatigado».

(Nietzsche: Dionysos Dithyramben)

O Homem renuncia ao desafio, e, no termo sombrio da História, repousa sobre um optimismo historial que nada justifica.

E quando um dos novos «anões pífidos» saído das *cibernéticas* e *informáticas* vem afirmar a sua convicção de que os «cérebros artificiais» poderão resolver todas as perguntas suscitadas aos humanos (e pelos humanos), convém perguntarmo-nos — para além do riso dos deuses e da evidência de que *Homo sapiens* se tornou *stupidus* — o que tais máquinas triviais (no sentido de Von Foerster) irão dizer-nos das questões decisivas sobre a morte, pela qual, a partir da qual, toda a presença humana toma sentido, num fulgor. — «Há que lembrar a esses presumidos e filisteus o que Pascal mostrou de maneira tão clara e sublime: há questões que não formulamos voluntariamente, mas que se ligam à nossa situação metafísica no Universo, e que esta nos impõe; só a ilusão e o medo podem impedir o acesso à sua esfera».

Só a Fenomenologia nos consente a aproximação do problema da morte, de modo a restituir o prestígio da vida ao pensar, ao sentir e ao sofrer do Homem perante o seu destino. A intuição empática volvida em conhecimento essencial por *redução fenomenológica* (Husserl) concede-nos perscrutar nos outros em referência a nós próprios algo desse pólo de exaltação e desespero excluído dos modelos descolorados da neociência popperiana. A inércia hedonista, sub-humana, das multidões do tempo presente, endoutrinadas pelas ideologias, publicidades e seitas que pululam nos seus submundos — mas também pelo optimismo fácil de uma subciência que confina com a *tecnologia* (neologismo em que se desnaturam os termos prestigiosos *Logos* e *Téchné*) e comanda o débito da mercadoria —

leva-as a ignorar a morte. Os mesmos fumos — interpostos entre a pequena ciência e o consumo mercantil — que escondem as estrelas aos olhares de *termítas* dos novos figurantes, ocultam a morte aos seus espíritos frouxos.

O questionar sobre a morte manifesta-se, pois, como um imperativo do Homem desperto, e ronda necessariamente — apodicticamente — todo e qualquer pensar da origem, do destino, da razão de ser e de estar (aqui) do Homem. Os trabalhos que, recentemente, no campo das ciências humanas, se multiplicam sobre «a morte» — realizados por historiadores, sociólogos, psicólogos, psiquiatras, antropólogos — incidem, apenas, em certas dimensões limitadas do *morrer*. A morte, no seu núcleo imperscrutável, origem e termo de toda a reflexão, só pode rtencer à Filosofia. Trabalho a desenvolver no nível do intramundano: «Nous ne sommes point un oeil placé en dehors du monde et destiné à le connaître».

(Max Scheller: *Tod und Fortleben*)
(Eugène Minkowski (1966) — *Traité de Psychopathologie*, P.U.F., Paris)

Estes novos científicos chamam «fenomenologia» ao seu método entediante de estudar as proporções e desproporções antropológicas, ao seu processo de amontoar reduções, de medir o que é qualidade, de aplicar aos sabores subtis do mundo interno as mesmas unidades, a trivialidade das mesmas máquinas com que analisam betões e naftas. A tradição de que ignoram a mensagem — e da qual representam o último estado e degradação — pisam-na sem se aperceberem sequer da sua presença, ignaros e activos como bandos de macacos habitando as ruínas dos templos de Angkor (Segundo a imagem de Gerard Granel in: Husserl le Grec, Husserl le Moderne (1975) — Soliec, Paris). Como se o novo humanoíde que visam desmontar, peça a peça, fosse um autómato de complicidades elementares — comportamentalistas (entre estímulo e resposta), sociobiológicas (entre genes e comportamentos), neuro-fisiológicas (entre entradas e saídas de impulsos), e mui-

tas outras — separado do tecido da presença trágica na vida, do existir precário rondado pela esperança de sobrevida ou pela absurdidade de extinção.

E contudo (e para além da paródia destes novos *sábios*), a sombra longa da morte desenha-se, solene, no cenário da vida, repõe em cena a necessidade, a actualidade de uma Psicologia das essências, transcendental. Vem habitar a condição humana e a loucura, degradadas pelas novas psicologias e antropologias de uma disciplina antiga. No tempo do porvir, nas formas do projecto, na fuga (como na suspensão) do tempo vivido e a viver, no entusiasmo como no desespero, actua — em latência — a morte, para a qual se encaminham os humanos. O tempo da rememoração, o tempo de antecipação e o momento da acção sofrem o seu efeito avassalador. Ponto de convergência «extracampino» entre as experiências subjectivas e objectivas do viver, desafia a emoção, a cognição, a conação e a acção humanas, exprime a atmosfera do Eu (no sentido de Tellenbach) em cada momento da sua presença, e exprime-se nele como intencionalidade: acontecimento inelutável, fenómeno, conceito contra os quais as categorias da ciência se quedam em silêncio, e que permanecem garantes de um pensar metafísico, mesmo no século bárbaro em que a Filosofia foi suposta extinguir-se.

Ausente da consciência do homem actual, que a reprime, a intuição da morte marca, assim, o compasso do tempo humano, recupera a insignificância dos projectos, designa o enigma, o jogo, a contingência, a derelicção. Esquecendo-a, o Sujeito entrega-se ao sentimento ilusório do colectivo — quando está destinado a aceder, plenamente só, ao plenamente desconhecido. Na verdade, o iludir da questão da morte decorre da separação ingénua do *saber* e do *acreditar*. O protagonista do fim da História contenta-se com o saber de que morre, sem o situar no seu destino nem acreditar na morte. Num dos raros momentos sagazer de Karl Popper, em que o leitor se

liberta do planalto monótono do seu discurso, é dito como uma criança sabe que se tornará num velho, sem nisso acreditar. Ora o homem dos tempos presentes, criança presumida, suficiente, fátua, barulhenta no excesso da sua comunicação pueril, prolonga a mesma clivagem até ao problema da morte.

Eis como, ao iludir o pensamento da morte, do «supremo escândalo» (Jan-kélevitch), do «homem-para-a-morte» (Heidegger), o conhecimento actual promete a falsa serenidade do viver, a insensata ocultação do destino. Por isso, a «normalidade», consiste em que a comédia, paródia, drama, farsa ou *vaudeville* de cada vida particular não permitem que o actor se aperceba que, no horizonte, ronda a tragédia. Todo o esforço então se destina às pequenas rotinas optimistas, e renuncia às questões fundamentais. Assim, no termo da História, o *sapiens* revela-se plenamente *demens*, e a sua normalidade constitui uma forma de delírio:

«Trotz dem alten Drachen,
Trotz dem Todesrachen,
Trotz der Furcht darzu!
Tobe, Welt, und springe,
Ich steh hier und singe
In gar sichrer Ruth.»

(Johann Franck, texto de
Jesu, meine Freude, de Bach)

(«Apesar do velho Dragão,
Apesar do abismo da morte
Apesar do medo!
Delira, mundo, e agita-te;
Eu permaneço aqui
E canto com alma e segurança»).

A ideologia, a religião, a comunidade, são a superfície, o «baixo mar enganador de espuma» (Mário de Sá-Carneiro: *Dispersão*.) Se a inteligência sensível olhar mais fundo, o que encontra é o estranhamente abismoso do Eu entregue ao mundo e à morte, rodeado de não-presença antes de vir à vida e depois de partir; e a ronda dos deuses informes do começo e do fim — Noite e Caos — solicitantes e dissolventes. Este sentir da morte em meditação solitária do Eu, opõe-se ao jogo da morte das personagens trágicas, presas dos fios das paixões da vida. Ser-lhes-ia preciso olhar atenta, subtil, silenciosamente a morte para que o seu carácter indizível transparecesse: olhar sibilino como o dos guerreiros de Egina figurados nos frontões do templo de Afaia, que, feridos de morte, graves, sós e impassíveis, olham além.

II. A Dialéctica do Morrer e da Morte na intencionalidade melancólica.

«Il était (...) menacé d'être laissé vivant dans des souffrances assez fortes pour lui ôter la vie.»

(Maurice Blanchot: *L'idylle*)

Escreveu Laignel-Lavastine que toda a actividade psíquica dos melancólicos está como absorvida pela concentração penosa do espírito nos elementos da dor moral, e daí resultam uma fixação e monotonia particulares da atenção. E segundo Esquirol, «não é uma dor que se agita e se queixa, que grita e chora, mas que se cala, que já

Continua na pag. 5



O melancólico «vê» a morte na sua presença absoluta e pondera todas as suas consequências com nitidez irrefutável; e são os outros que, ao esquecerem, ao iludirem, ao concederem-se outras possibilidades, se lhe afiguram insensatas.

Continuação da pág. 4

não teme lágrimas e permanece impassível».

A dor moral arrasta a ideação pessimista e paralisa a iniciativa para decidir e para agir. Os sentimentos vitais declinam, como se nada valesse a pena ser feito. O melancólico entrega-se ao mono-ideísmo, ao enfiamento e a uma reflexão sobre si próprio, a sua proveniência e o seu destino, com ruptura das capacidades de comunicação com os outros e com o mundo. Perde a radiação, a abertura do Eu. Ao mesmo tempo, experimenta uma disestesia psíquica, espécie de cenestesia dolorosa que cria nele uma atmosfera interior de desconforto, de mal-estar com o próprio corpo.

Assim, enquanto as sensações internas são acentuadas (hiperestesia somato-Cenestésica) e concorrem para o sentimento de insuportável a intencionalidade pessimista — o corpo convida ao desespero! — a sensibilidade exteroceptiva reduz-se, e o melancólico «sente dolorosamente a sua incapacidade para sentir» (Minkowski). A dor moral fecha o doente no enfiamento que, por um lado, conduz à hiperestesia cenestésica e por outro à hipoestesia afectiva e moral, as quais, circularmente, se repercutem no agravamento da dor moral.

Os conteúdos da consciência, codados pelo filtro negro da catatímia, transformam a rememoração em culpa e a antecipação em desconfiança, e afeioam a intencionalidade pessimista desde o passado tido por culposos até ao futuro, inquietante e opaco, onde o melancólico não ousa aventurar-se (a «inibição do devir», de Von Gebattel). A ideação melancólica contém, portanto, larvados, abatimento, resignação, impotência, desencorajamento, desmoronamento do Eu-no-mundo — com terrível lucidez e surpreendente imobilidade. — «A concentração do melancólico fixa a consciência num ponto quase invariável onde convergem todos os raios da sua percepção e do seu pensamento. Mas não se trata de uma mácula activa (como no paranoico), antes de um ponto cego que paralisa a acção» (Henri Ey).

O sofrimento vivenciado, reflectido para o futuro sob formas sempre agravadas e ameaçadoras, constitui um *delírio de expectativa*, como se algo estivesse para desabar sobre o Sujeito, suficientemente lúcido para antever o que está iminente, e decorre dos indícios percebidos de não-esperança. Neste cenário se limita o projecto (o viver para alguém e para algo, de Petri-lowitsch), que enfim se anula. O tempo do porvir só deixa lugar para o horror e a preocupação desmedida, dolorosa; e a perda do impulso vital (*Antrieb*) retira a possibilidade de projecto ao horizonte existencial do Sujeito, que se torna Sujeito-para-um-não-projecto, isto é, Eu-para-a-morte. No suspender da acção sobrevém o desespero — como quando a imobilidade do vento deixa imóveis as naves dos Aqueus e aniquila o comum Projecto, designando sacrifícios e sangue.

O futuro pode então petrificar-se em volta de convicções que substituem a capacidade flexível de prever, e anunciam o delírio, a convicção privada, fechada à refutação. Os esquemas do tempo, do espaço, do corpo e do cosmos, percebidos, desagregam-se e são reconstruídos pelo melancólico em desproporção desfavorável. Emergem

os temas delirantes, que Henri Ey *Études psychiatriques* (1954) étude n.º 22, Desclée de Bouwer, Paris.) reúne no *delírio de pequenez*: culpa moral, indignidade, auto-acusações, desvalia e ruína; pessimismo, expiação, danação, hipocondria, incurabilidade, negação e morte — ambivalentemente temor e desejo de morte evocada como o mal supremo, mas invocada como libertação.

Extinto que é o projecto, e os subprojectos (Castilla del Pino), advém ao melancólico uma consciência dramaticamente lúcida de que os outros — os que não compartilham da sua visão do destino humano (angústia, culpa, morte e absurdidade) — se encontram iludidos; ou seja, de que a visão melancólica do destino se deveria estender a todos os humanos, se fossem razoáveis, se lhes fosse dado «ver» e não permanecessem entretidos na precariedade de um projecto. Pelo contrário, o tempo a viver do melancólico não se abre a projecto algum, e ele mantém-se preso por rememorações, interpretações e temores sombrios, numa mistura circular de angústia e tédio. A situação vivida de não-poder-querer traz a imagem de um deserto interposto entre o Eu-actual-que-não-espera, e a morte. E mesmo o abreviar da extensão desse deserto — pelo suicídio — se torna problemático, dada a inibição extrema do movimento e da vontade, inter-solitários na renúncia.

O morrer corresponde a um ajuste de contas terrível, ao saldar da culpa, submetendo-se à expiação inevitável, já à vista. Mas tanto o temor do ritual da morte (antecipado como delírio, ou repetido como obsessão no longo silêncio do tédio) como o desespero do seu adiar contribuem para a visão catastrófica do Eu-melancólico-no-mundo. O adiar do fim funesto abre um espaço vazio de vida, a preencher por conjecturas tenebrosas cujo tema é o de um destino fatal que se estreita. — «Para o melancólico, como para o físico e o filósofo, não há factos parciais, mas apenas os problemas fundamentais, e é à escala humana, e não à sua, que estende até ao infinito a pequenez da sua existência» (Ey). — Por isso, «todos os melancólicos são metafísicos» (Minkowski). Descubrem neles próprios as condições de niilismo comuns à natureza humana; e admiraram-se e atormentam-se de quanto os outros homens são cegos à sorte fatal.

Assim se lhes revela, com penetrante agudeza, a absurdidade do entusiasmo e de toda a acção. Por vezes impacientam-se, mas da morte não da acção. E como sentem como essência do seu estar-presente o que todos os outros homens sabem mas não sentem — isto é, que serão devorados pela morte — prescindem das várias possibilidades do homem face à vida, e fecham-se no mono-ideísmo. Suspendem-se os actos e declinam os desejos. Pré-projectos fragmentários podem ainda esboçar-se na consciência do melancólico, que logo os apaga. A atitude interna (Zutt) acompanha a tendência inactiva. A única vontade que prevalece é a que designa a interdição da vontade e realiza o não-poder-querer, o desejo de não ter desejo. Certa despersonalização distancia então o melancólico de si próprio, e alguma desrealização torna-lhe estranho o mundo exterior. Na assimetria fundamental entre



tempo-vivido e a viver, uma clivagem contrapõe, no seu íntimo, a fatalidade do passado mal vivido e os riscos que se amontoam no futuro. Faz o luto retrospectivo de uma vida indigna, e o luto antepositivo de uma morte desejada e temida, da qual o separam os sofrimentos enormes do morrer. Assim se encerra no vício de uma circularidade: a culpa designa a expiação (do morrer) e dá coerência à fatalidade do seu destino.

O cenário deste desespero é o espaço-vivido do melancólico denso e obscuro. O movimento e a cor — como nas lâminas do Rorschach — são-lhe penosos, e o espaço que percebe está embaciado por sombras. Neblinas interpõem-se entre o Eu e os outros, coisificando a incomunicabilidade e a solidão. A sua volta estende-se um espaço de renúncia e apreensão. Pergunta a si próprio: com quem poderei contar, na atmosfera obscura que me envolve? O que poderá sair da névoa na direcção vedada do futuro? — Os seres mais próximos perdem, então, o favor do seu afecto, voltam à espessura da niebla, no sentido pleno de Unamuno.

O tempo-vivido e o tempo-a-viver do melancólico situam-no na intersecção do desespero e do tédio. De

novo ele se fecha e atormenta numa contradição: o desespero suscita a angústia intensa, a argúcia com que encontra os argumentos acérrimos do pessimismo; e contudo, este alerta extremo confina com o tédio, com o deserto do pensar, do sentir e do agir, no qual todo o movimento (psíquico ou motor) se amortece. A ausência de projecto representa a interposição de um espaço-tempo virtual e vazio entre o Eu e a morte — morte envolvente e ubiqüitária, problemática enquanto libertação, assustadora enquanto ameaça de sofrimento, de agonia dolorosa prometida à corrosão do corpo e do pensamento.

Eis como o tédio conduz ao desespero. O deserto, sem promessas nem prodígios, sem vida, mostra a distância a percorrer entre o agora, insuportável, e a extinção, inaceitável. O morrer põe-se como o único problema, anti-projecto, por excelência, que, no mar sem ventos, espera a brisa que anime o suicídio. apresse os presságios, abrevie a expectativa. Mas o tempo do tédio, poroso, rarefeito, por onde em vão se escoia a vida, tece os seus fios conjuntamente com o tempo espesso do desespero. Por isso o melancólico se aprisiona em obstáculos inextricáveis que sulcam um domínio vazio.

Ai, no espaço abandonado pelo projecto, a ideia da morte toma o grande lugar que lhe pertence: mostra-se em todo o círculo do horizonte (existencial) do Sujeito: para onde quer que o doente se volte, ela lá está e lhe incute um sentimento inóspito de lucidez. O melancólico «vê» a morte na sua presença absoluta e pondera todas as suas consequências com nitidez irrefutável; e são os outros que, ao esquecerem, ao iludirem ao concederem-se outras possibilidades se lhe afiguram insensatas. A solidão condena-o a um diálogo consigo: o movimento, a palavra, a esperança, desvanecem-se: só continua a fluir o pensar do desespero. Não encontra qualquer recurso em si, nem fora de si. A angústia que o submete é mantida pela sua clarividência de que não há saída (do labirinto em que se encerra). Porque deste labirinto todas as saídas são rondadas pela morte. O tempo inútil, mas terrível, que demorará ainda a percorrer, as longas galerias, é um tempo-para-a-morte: o fio perdeu-se; Ariana, distante, ignora-o; o Minotauro aguarda.

Este aproximar do inevitável — ponto a ponto, a cada batimento do metrónomo ou do coração — toma, na intencionalidade do melancólico, ressonância como fenómeno de razão, mas também de emoção. Um hiato separa a antevisão da morte, tida como libertadora, do sofrimento de morrer, temido como castigo. Por isso, o suicídio pode ser ao mesmo tempo, em ambivalência, e paradoxo «expiação» e «solução»: dar-se o morrer, para atingir a morte. A morte assim entendida é um conceito puramente intelectual, pura abstracção, enquanto o morrer é expectativa dolorosa, sentimento penoso da antevisão da agonia, ligado à experiência vital do sofrimento. O vazio assustador da ideia da morte, pode ser iludido ao jogar a morte com o gesto suicidário ou para-suicidário, numa estratégia de vivos. A morte surge então como um jogo, quando todas as outras saídas foram tentadas: o acto suicida, ou apressa o triunfo do Minotauro, ou a libertação, o reencontro improvável de Ariana, o seu doce olhar, os seus gestos familiares, e estratégias protectoras.

Abre-se aqui uma distinção que nos parece fundamental para compreender a vivência do melancólico perante o seu fim, pólo definitivo da dor moral. A morte suscita o sentimento de absurdo do viver, que decorre do sentimento de absurdo da extinção: o morrer evoca a angústia individual da decadência, da dor, da aniquilação do corpo provido de sensibilidade e de sensorio, isto é, susceptível de limitada capacidade de sofrer e de se ver sofrer. O tempo é um tempo ilimitado de tortura, que não se confunde com o abismo abrupto da morte, domínio abstracto da não-presença. Tolhido pela consciência da culpa, o melancólico suspende o fluir para o futuro. Os actos descuidados do passado revelam-lhe o seu pleno sentido de perdição, são motivos e presságios destruidores. Ao sondar o futuro de relance, só antevê aflições e desastres. Todo e qualquer projecto se aniquila nesta clara evidência de aniquilação.

Continua na pag. 6

Da morte e do morrer

Continuação da pág. 5

Capazes da fenomenologia do morrer, mas não da morte, domínio de opacidade absoluta, vemos que, ao considerar a morte, o melancólico procede como «metafísico», mas, perante o morrer, se comporta como «neurótico». O que ele teme é o morrer, presente envenenado de sofrimento e separação. A morte, dialectizável em oposição ao morrer, significa o fim dos tormentos, o limiar em que o Sujeito deixa de ser subjugado pela agonia e pela tortura do morrer, em que se suspende o tempo-vivido dilatado pela dor até ao inimaginável. Daí a chave da aparente contradição dos melancólicos com intencionalidade suicida, que procuram a morte por medo do morrer.

— «Tentam por todos os meios escapar à morte que os ameaça precipitando-se nela» (Ey). Diríamos: procuram abreviar o morrer precipitando-se na morte. «Let me die, to look on death no more!», exclama a duquesa de York em King Richard III.

A morte, pondo fim à possibilidade, à disponibilidade ilimitada do corpo ao sofrimento, à pasmosa vulnerabilidade de cada humano perante a tortura, opõe-se ao morrer, em que essa possibilidade, essa vulnerabilidade se exercem exemplarmente: por isso, para o torturado a morte torna-se quase uma utopia bem-vinda. Na sexta parte da Condição Humana, Malraux mostra como os prisioneiros destinados a morrer pela tortura antevêm a morte como preciosa libertadora: Katow, oferecendo-lhes o dom do suicídio pelo cianeto, e permitindo-lhes assim contornar os horrores do morrer, «dá-lhes mais do que a própria vida».

O tempo-vivido do morrer, dilatado porventura à dimensão da eternidade pela experiência atroz da tortura, pode então negar-se a conceder a morte e o seu não-tempo libertador. Foucault ilustra-o ao reproduzir a memória do suplício de Damiens, com que inicia o discurso de Surveiller et punir — Naissance de la prison. Para o próprio leitor, o tempo-vivido de leitura das três páginas que contém a descrição do suplício do regicida cresce em proporção inimaginável.

A angústia do suplício (vivido ou antecipado), a dor indizível consentida pelo corpo terminam com a morte. E, contudo, a questão terrível sobre a morte, em que o suplaciado, sozinho, vai enfrentar o desconhecido no limite dos seus tormentos, pertence ainda ao cenário do morrer. Por isso, os padres medievais negavam muitas vezes os sacramentos aos condenados a suplício, de modo a que, no termo dos sofrimentos terrestres eles se prolongassem pelas penas do inferno cristão, e assim fosse eternizado o valor exemplar do castigo: o morrer persistiria, pois, em pleno domínio da morte.

Em melancólicos delirantes, o próprio doente pode ser o executante do seu morrer cruel, procurando em obediência a uma intencionalidade expiatória, e vivido a par com o desespero. Concentra, assim, os papéis de réu, juiz, algoz e suplaciado. Ao premeditar o suicídio, o melancólico interroga o mundo (que é ainda o seu mundo) e o sentido da sua presença. Confronta-se com a clivagem entre o Eu-para-a-morte e a persistência do universo para além da sua aniquilação: toma consciência mais ou menos clara de que o mundo objectivo vai prevalecer em definiti-

vo sobre a sua réplica subjectiva que guiava o seu existir e que o Eu se habituara a privilegiar, antes da emergência dos sintomas, do desespero e da derrelicção.

O delírio hipocondríaco antecipa já a problemática do morrer, analisa a ponto a ponto nas suas configurações mais temidas. Pouco a pouco, o hipocondríaco delirante mergulha no inferno das dores, das limitações da inevitabilidade do morrer (ideias de incurabilidade). Sente a vida esvair-se na insuficiência dos seus órgãos e funções, que há-de culminar na impossibilidade de viver. O que lhe resta de vida apenas lhe consentirá a consciência do seu fim, do qual permanecerá ainda separado, para seu castigo, pela duração e o agravamento das suas misérias.

Enquanto a ideia da morte leva a uma interrogação sobre o porquê da presença e da partida do Eu do cenário do Mundo, o sentimento de morrer implica um questionar ansioso do Eu-no-seu-corpo, nos limites da sua capacidade para sofrer a dor e a solidão, e conduz o Sujeito ao como da própria destruição: na perspectiva do morrer, a angústia existencial decorrente da morte degrada-se, e é transportada para o plano da corporalidade, do sentir inóspito do corpo.

As crenças religiosas recuperam, fundamentalmente, a morte como sobrevida, conciliando a imagem insuportável da extinção. Nessa conciliação pela fé e pela comunidade — a koinônia, de Binswanger — o Além povoa-se (da expectativa) de seres e destinos que são como um eco da presença do Eu no Ser, e que concedem um sentido ao seu existir in illo tempore. Quando, para o melancólico, a fé não é enfraquecida perante a lógica implacável do desespero, pode então a expectativa do morrer ir além da própria morte.

No delírio de Cotard — que, em termos de antropologia fenomenológica, representa um dos limites da experiência melancólica — o doente permanece num morrer sem esperança de morte. A desertificação progressiva do tempo do tédio culmina, nos «delirantes de negação» (Cotard), na sua paragem (delírio de imortalidade). Por isso, as suas ideias de negação (de órgãos e de vida), de enormidade, de danação, de expiação, todo este delírio megalomelancólico (Régis) prolonga o sofrimento de um morrer sem termo, que exclui a possibilidade apaziguadora da morte: «ils sont des cadavres vivants pour l'éternité à venir» (Laignel-Lavastine).

Eis como, nesta viagem ao fundo da noite, o que era acessível à compreensão adquire as dimensões da incompreensibilidade. Mas esta mesma incompreensibilidade é em parte clarificada pelo nosso entendimento da proporção antropológica (Tatosian) na qual germinava e da qual partiu a desproporção. A Fenomenologia revela, assim, o sentido das formas e temas da loucura, ao aclarar o seu nexo com atitudes fundamentais do Homem perante a própria estranheza da sua presença no Mundo, no tempo em que assimetricamente se situa.

— «Enfim, a morte não é destituída de sentido, pois a consciência do que é vivenciado constitui ameaça perpétua para as significações eternas pelas quais supõe exprimir-se integralmente» (Merleau-Ponty, 1942) — La structure du comportement, PUF, Paris.

António Bracinha Vieira

Motivo estético e neurose

Continuação da pág. 3

Embora não seja de negar, de modo total, a existência da sublimação, parece que a associação de outros mecanismos de defesa, como formação reactiva, idealização, recalamento, deve estar implicada. Além disso, Freud sempre viu a sublimação como aplicando-se aos instintos parciais infantis (pré-genitais) mas não aos desejos sexuais adultos.

Mais importantes que a sublimação da sexualidade ou da agressão parecem ser as ligações entre os interesses estéticos e as emoções. Já vimos como os interesses estéticos podem combater a angústia, o medo, o traumatismo psíquico, a agressividade. O prazer estético neste caso está ligado à baixa de tensões, à baixa do gradiente de estimulação, que foi postulada na teoria do prazer de Freud, ou mais recentemente na teoria emocional de Tomkins.

A arte moderna faz muitas vezes apelo às emoções negativas (ansiedade, cólera, desprezo) através do irrelevante, da crueldade, mesmo do aspecto ou cor desagradáveis dos objectos. Estas emoções negativas indicam uma estética de protesto ou de sofrimento, ou marcam a identidade libertária de um grupo cultural ou artístico (hippies, punks). Noutros casos as emoções negativas são apenas em Arte um ponto de partida, e as desarmonias iniciais são depois transformadas em harmonia (com a consequente baixa de tensões).

A ligação entre emoções e motivo estético é bem demonstrada no interesse que consagramos às características físicas dos nossos semelhantes ou de nós próprios. A beleza física tem uma extraordinária influência sobre toda a vida emocional, sobre as emoções amorosas — logo uma importante função motivadora. Pego desculpa de falar sobre assuntos triviais, quotidianos, mas hoje vivemos mais o estético na publicidade, no cinema, no urbanismo, nas relações humanas, do que nas Bibliotecas ou Museus.

Importância do rosto

Não há dúvida que existe uma vivência estética específica, com vários tipos de reacção, em face do rosto ou figura humana. Essa reacção é diferente, quer o rosto e a figura sejam considerados belos ou feios, da reacção que se produz diante de uma criação artística ou de uma paisagem.

O parentesco entre emoções e aspectos estéticos está patente no desenvolvimento psicológico da criança. As primeiras reacções estéticas dizem respeito ao rosto humano. A pessoa cujo rosto é considerado pela criança com valor estético positivo é de imediato classificada, não só como tendo beleza mas igualmente «bondade», «simpatia», «alegria», e vice-versa.

Uma atracção especial é exercida pelos rostos que apresentam um *gestalt* infantil. Isto é conhecido desde Lorenz, tendo sido confirmado na quase totalidade das mulheres e numa alta percentagem de homens, principalmente nos que já são pais. É também chamado efeito Bambi, que seria responsável pela atracção por certos rostos femininos (caso Brigitte Bardot ou Marilyn Monroe). O efeito contrário é chamado efeito Cyrano de Berjerac.

No adulto não existe só a apreciação dos *gestalt* infantis. Parece existirem algumas regras paradigmáticas para julgar a beleza do rosto humano. A regularidade das feições, a simetria dos traços, certas proporções parecem ter um apelo transcultural. Assim, o chamado perfil grego, que é marcado por duas verticais, uma incluindo a testa e o nariz, outra do terço inferior do rosto até à extremidade do queixo, as duas verticais relaciona-

das entre si pela «regra de ouro», parecem influenciar favoravelmente um grande número de sujeitos.

A beleza do rosto humano mostra-se fundamental para julgar, por exemplo, o carácter atraente do *partenaire* heterossexual. Igualmente a beleza do rosto parece ser determinante nas relações sociais para receber ajuda, para a avaliação da *performance* (que tende a ser sobrevalorizada, para influenciar o desenvolvimento da personalidade, permitindo obter lugares mais elevados na hierarquia, na atribuição de empregos ou classificações, etc.). A beleza do rosto é tão importante que hoje é um dos alvos principais de uma especialidade médica — a Cirurgia Plástica.

Muitas características físicas parecem ter um valor narcísico dentro do próprio sexo. Por exemplo, no sexo masculino, a força, o grande desenvolvimento muscular, dão origem aos fenómenos do culturismo e ao *mister muscle*. Enquanto no sexo masculino parecem existir épocas em que a materialidade impera, no sexo feminino, mais espiritualmente, esse narcisismo é manifestado pela moda, pela maquiagem, pelo culto da magreza.

A magreza feminina

Hoje existe o culto da magreza feminina, que é considerada como um ideal. A preocupação com o ser magra, associada a uma hiper-actividade e a um perfeccionismo com marcado interesse por toda a espécie de realizações, indica o narcisismo de muitas mulheres. Muitas vezes este síndrome narcísico torna-se uma doença, *anorexia nervosa*. Outras épocas houve em que o culto narcísico da beleza da alma feminina se sobrepôs ao cultivo da beleza do corpo. Esta apreciação parece ter dependido da negação de uma ausência (negação da fraqueza animal, negação da suosta castração).

Curiosamente, certos estudos modernos, como os de Rudolph Bell por exemplo, vêm mostrar que o culto da magreza, um síndrome de anorexia e inclusive de «suicídio pela fome», existiu desde o século XI até ao século XVII entre as religiosas que foram consideradas pela Igreja como santas, bem-aventuradas, venerandas, servas do Senhor, etc. Rudolph Bell refere 261 casos de monjas cuja história é detalhada com especial relevo nas crónicas da Igreja desde a Idade Média até recentemente. Famosos são os casos de Santa Clara de Assis e de Santa Catarina de Siena. Estas santas foram verdadeiramente anorécticas, aparentemente não para conservar a beleza física, mas para conservar a beleza espiritual. A beleza espiritual negava a beleza física, considerada insuficiente. A beleza física não era apreciada, pois além de não se lavarem, usavam cilícios, fustigavam-se com cadeias de ferro durante mais de uma hora por dia, ficando com o corpo em mísero estado.

Assim, Santa Catarina de Siena, uma das mais célebres santas italianas, desde os 15 anos apenas ingeria pão, vegetais não cozinhados e água. A partir dos 25 anos chupava ervas amargas e depois cuspiu as fibras que restavam. Mais tarde recusou-se a beber mesmo água e assim acabou por pôr fim à vida no princípio da sua terceira década.

Santa Catarina de Siena e outras santas, no entanto, sentiam um extraordinário poder estético pois se tornavam noivas e esposas do Nosso Senhor. Declaravam que estavam apaixonadas por Jesus e, muitas vezes, recebiam contraprovas do apreço do Senhor (estigmas, etc.), manifestações especiais do favor do Céu.

Dois lógicas

Resta-nos considerar os aspectos estéticos das motivações cognitivas.

As facetas cognitivas do Universo, das coisas quotidianas à nossa volta, das ideias em si, são muitas vezes consideradas belas, mais do que a beleza física ou a beleza das acções ou intenções dos nossos semelhantes. A distinção estabelecida por Nietzsche entre temperamentos dionisíacos e apolíneos, por William James entre *tough-minded* e *tender-minded*, tem aqui aplicação. No fundo, a pessoa de tendências apolíneas ou *tender-minded* procurará mais o interesse estético na sistematização dos factos, na regularidade das leis, na redução de certas complexidades do mundo. Mas no fundo não serão esses casos também um aspecto particular da lei da redução das tensões, ou do gradiente de estimulação, que regula os fenómenos emocionais (Freud, Tomkins)?

Os casos intermediários de valor estético, ora colorindo aspectos emocionais, ora colorindo aspectos cognitivos, são indistinguíveis uns dos outros. Há circulação ininterrupta entre experiência imediata, fantasia, sonho, arte e ciência, que é patente por exemplo nas grandes figuras do Renascimento. Veja-se, por exemplo, o estudo de Freud sobre Leonardo em que são patentes as continuidades entre as experiências primitivas, de elaboração artística e de curiosidade científica, demonstradas pelo velho Mestre. Em Leonardo a epistemofilia e epistemologia são de natureza libidinal. A ciência nasceu primeiramente de ideias mágicas, de mitos, de natureza emocional, que só gradualmente foram tornados abstractos.

Em casos menos excepcionais, nas artes plásticas ou na simples utilização da visão, também constatamos a continuidade do afectivo e do cognitivo. Qualquer percepção é susceptível de provocar emoções e interesse estético desde que se lhe associem determinados significados. Por exemplo, a visão ou a representação de uma paisagem pode evocar significados de liberdade através da amplidão dos horizontes de carinho ou protecção através de cores calmantes e suaves, de união mística com o todo, etc. Os enigmas da ciência, aparentemente rebarbativos, são susceptíveis de ter um valor estético, do mesmo modo que os enigmas artísticos. Veja-se, como termo de comparação, o valor que uma pintura modernista de significado misterioso pode adquirir aos nossos olhos (a arte gráfica de Escher, por exemplo).

Só em casos mais extremos são separáveis os aspectos cognitivos e emocionais do mundo, especialmente do ponto de vista estético. Na ciência pode faltar completamente o sujeito, logo o interesse humano, os conceitos serem abstractos e áridos, instalar-se uma abstracção e um geometrismo sem qualquer valor estético. Na arte pode surgir um arbitrariedade que desafia toda a sistematização científica ou que apenas faz apelo a emoções através da cor, das formas bizarras irredutíveis a qualquer ideia.

Um e outro extremo dependerão do que esse epistemologista psicanalítico, Matte Blanco, distingue como lógicas irredutíveis: a lógica simétrica, ligada à arte, a uma organização emocional que tende a estabelecer a equivalência entre todos os elementos, levando à constituição de conjuntos infinitos; e a lógica assimétrica, ligada a aspectos científicos, e de que lógica aristotélica é um caso particular, que é regulada pelo princípio da não-contradição. Embora diferentes, ambas as lógicas tendem para o mesmo fim, ambas têm com a identidade mostrando assim que ciência e arte, aspectos cognitivos e emocionais, podem convergir.

Pedro Luzes
Subtítulos «Sete Ponto Sete»



Monstros XVIII

Chaké Matossian

Empédocles ou a monstruosidade feliz

Os monstros nem sempre constituíram os elementos negativos ou inferiores do Universo. Pelo contrário, aparecem por vezes como sinais de uma felicidade perdida, como manifestações do amor, num autor como Empédocles, por exemplo, de quem encontramos traços em Platão (*O Banquete*) e Freud (*Para além do Princípio do Prazer*).

Empédocles (séc.V, ac) explica o movimento do Universo a partir de duas paixões, Amor e Ódio, que misturam ou dissociam os quatro elementos fundamentais — ar, fogo, água e terra.

A partir dessas duas paixões, ele procura explicar os problemas da geração e da sensação, o funcionamento do cosmos, que considera um corpo orgânico, e que portanto, aprecia com o seu olhar de médico.

Sob o reino do Amor, o mundo encontra-se em repouso, imóvel, feliz, é Uno e Empédocles chama-lhe «Sphairos». Ele corresponde ao estado narcísico do cosmos, como testemunha a sua circularidade e a sua auto-suficiência: «Assim permanece fixo no antro sólido da Harmonia, o circular Sphairos que exulta ordenando ao redor a solidão» (Fr. 27).

O repouso original é perturbado por acção do Ódio, que se entrega ao seu trabalho de dissociação e engendra movimentos desordenados. Sucessiva-

mente, Amor e Ódio conduzem o movimento do Universo, procurando o Amor reunir os elementos, e o Ódio separá-los. O mundo é formado da mistura de elementos que se atraem e rejeitam. O mundo do Amor é análogo à criação artística; ao que parece, Empédocles compara-o à pintura; «como os pintores preparam quadros votivos — homens bem instruídos na sua arte graças à habilidade — estes, depois de terem tomado em suas mãos as cores diversas, e de as terem misturado segundo proporções necessárias... produzem com elas formas semelhantes a tudo, fabricando árvores, homens e mulheres, animais, pássaros...» (Fr. 23).

A criatura viva revela-se análoga ao objecto pintado e a criação na natureza aparenta-se à criação artística.

Por isso é preciso meditar e contemplar o trabalho do Amor que, na natureza como na arte, produz seres maravilhosos, formados da junção de diversos elementos: «E, enfim, desta mistura emergem inúmeras raças de mortais, dotados de forma de todas as espécies, maravilhas para contemplar» (Fr. 35).

A contemplação, em Empédocles, opõe-se (como mais tarde em Aristóteles e Descartes) ao espanto (infantil em Aristóteles, monstruoso em Descartes): «E o Amor... contempla-o com o teu espírito e não fiques sentado vom o

olhar espantado» (Fr. 17).

O trabalho do Amor, por consistir em misturar elementos, equivale ao trabalho do artista. Para bem mostrar que se trata de algo de físico, de material e não de abstracto, Empédocles insiste igualmente no aspecto material da pintura. A representação de uma árvore ou de qualquer outro objecto revela ser o resultado de uma mistura de materiais coloridos que passam pela mão do artista.

Entretanto, e apesar de Empédocles se ligar de certo modo ao pitagorismo, afasta-se dele no tocante às cores, que considera como a alma do mundo, sendo cada um dos quatro elementos fundamentais (água, ar, terra, fogo) assimilado a uma cor (negro, vermelho, amarelo, branco).

Como mostrou Manlio Brusatin, as correntes filosóficas valorizam geralmente a forma e não a cor, o que torna Empédocles uma figura de excepção. Por consequência, o Amor, à semelhança do pintor, reúne as materialidades coloridas a fim de criar um objecto, e não devemos surpreender-nos ao ver os seres bizarros que nascem no mundo do Amor.

No império do Ódio, cada elemento estava votado a uma triste solidão: «numerosas cabeças privadas do pescoço, braços errando nus e sem espáduas, ol-

hando, andando por aqui e acolá desprovidos de fronte, membros errando solitários» (Fr. 57-58).

Quando o Amor entra em jogo, começa por reunir os elementos dispersos, formando monstros. Estes surgem, assim, como primeiros sinais do Amor e como princípio de uma evolução.

As primeiras criaturas do Amor são, portanto, monstros:

«Nasceram numerosas criaturas com duas faces e dois peitos opostos», sem contar os homens-animais e os animais com rosto de homem. No seio deste mundo povoado de monstros, Empédocles detecta a existência de uma evolução onde só os mais aptos sobrevivem e onde o homem atinge uma forma mais pura que o cunduz, pela diferenciação sexual, à geração.

No entanto, sendo o Uno do Sphairos o horizonte último do Amor, onde todos os elementos se encontram reunidos nessa forma circular e portanto narcísica, ainda somos reenviados para um universo monstruoso, visto que o Sphairos se revela mistura, assemblagem ao mesmo tempo humano, animal, vegetal, feminino, masculino.

E quando o Ódio penetra novamente no Sphairos, a evolução retoma o caminho inverso, marcando a diferenciação sexual e dando lugar à reprodução. Entre o reino do Amor e o do Ódio,

passamos de algum modo da produção à reprodução, ou da arte à «serialidade», visto que, por outro lado, os filhos devem parecer-se com os pais.

Todavia, um resto mnésico da fase artística do Aor-pintor ainda subsiste no processo de procriação onde o Ódio já penetrou no Amor. Para ocorrer, a procriação exige o desejo; ora este desejo, para Empédocles, nasce de uma relação visual: «É sobre ele estava o desejo que, pela vista, reanima as lembranças» (Fr. 64).

Objecto de meditação e não de espanto, o monstro, essa reunião de elementos dispersos, assinala portanto, em Empédocles, o início do reino feliz do Amor. Longe de ser o resultado de um processo decadente, ele marca a origem da «normalidade», que depende de uma evolução e que, finalmente, desaparece nessa outra forma de monstruosidade que é o Uno, o Sphairos circular onde tudo está misturado, reunido numa perfeita felicidade.

Bibliografia

Jean Zafiropolo, *Empédocle d'Agrigente*, Paris.

Manlio Brusatin, *Histoire des couleurs*, Flammarion.

Fotografia 14 — Figuras do Espanto

Desde muito cedo, também em Itália se começaram a fazer ouvir os ecos da espantosa descoberta de Daguerre e, logo em seguida, de W. H. Fox Talbot. Em 15 de Janeiro de 1839 já se podia ler numa gazeta de Milão um apontamento em que se dava conta, de um modo muito sumário, dos resultados do primeiro. Desse apontamento, sublinhemos qualquer coisa como um sabor refinadamente actual: «há alguns anos o senhor Daguerre não tinha ainda encontrado o meio de estabelecer duravelmente esta maravilhosa impressão, a acção do ar fazia-a desaparecer pouco a pouco; parece que as suas experiências químicas, cujos resultados são maravilhosíssimos, lhe deram a faculdade de tornar durável esta imagem, a qual era apenas efémera»⁽¹⁾.

Era em torno destas impressões da luz, lucidamente designadas como tais, que então se debruçava, também em Itália, toda uma multidão de estudiosos e de curiosos. Na verdade, e desde os seus inícios, a fotografia não deixou de associar a sobriedade do saber a uma curiosidade devassa, arrastada pelos apetites do olho, com os seus desvios imprevisíveis, passionais.

A acumulação de detalhes pôde constituir no interior das próprias fotografias aquilo que, por momentos, fez vacilar a representação pela fotografia, precisamente ao oferecer ao olhar deambulante toda uma profusão de pontos para uma paragem possível, pontos onde, por assim dizer, o olho tropeçava no visível. Parava-se para olhar melhor, avançava-se e retrocedia-se sem que, as mais das vezes, a consciência pudesse dar-se conta destas tergiversações do ver: aí, o sujeito que queria saber o que via, conhecer aquilo que via ao partir para a exploração das visibilidades

retidas naquelas imagens arriscava-se a aparecer como a caricatura de um herói indefeso, errante num labirinto no interior do qual nenhum fio de Ariadne lhe permite orientar-se, incessantemente acossado — senão devorado — pelo seu próprio olhar que aí vinha a figurar como monstro. Mas era esta monstruosidade do olhar que então podia pôr em cheque os funcionamentos miméticos da fotografia e que, pelo excesso de semelhança podia fazer com que a função da semelhança se perdesse, pelo menos em certos momentos de vertigem. Pois o olhar estava aí para a visão como as paixões para a razão, e não seria exagerado dizer que, em certos momentos, as paixões do olhar obliteravam ou obscureciam quase completamente as razões de ver e a Razão do ver: pois esta é sempre calculista e contém sempre, na abordagem de um objecto visível, a promessa daquilo a que Lacan chamava uma *asserção de certeza antecipada*, associada a uma *pressa identificatória* que lhe é constitutiva⁽²⁾. O comportamento passional dos olhares face ao visível, e singularmente face a esse visível muito especial que era então — e que continua hoje a ser, para alguns — uma fotografia, tende a dilatar indefinidamente o *instante de ver*, e a difractor caleidoscopicamente o *tempo de compreender*, que apenas pode resultar num adiamento quase impossível — e insustentável em outras circunstâncias — do *momento de concluir*. Donde é possível tirar, mais uma vez, que as surpresas mais radicais e mais intensas face, por exemplo, aos resultados de Daguerre não foram as mais imediatas.

Poderia pensar-se que o carácter de prova de algumas das observações que então se fizeram deveria vir colocar radicalmente em questão o que acabou de dizer-se: poderão alguns apontar-

-nos se, face a essa novidade, muitos sentiram a necessidade de assumirem uma distância, de se armarem de uma dúvida protectora contra o bem estar apressado de uma crença demasiado fácil, não seria isso antes mais um triunfo de uma Razão esclarecida nas suas exigências de visão, e de verdade do visível? Sempre se tinha desconfiado das aparências, por que razão não

se deveria agora desconfiar das aparências das aparências? Poderemos mesmo produzir aqui algumas citações que evidenciam essa exigência, exigência racional de uma visão que prove aquilo que vê: «primeiro acreditou-se que houvesse ali gato (che gatta sotto vi covasse), e que o Senhor Daguerre fosse um hábil colorista e um trapaceiro. Mas qual não foi o estupor

quando, examinadas aquelas imagens com fortes lentes e com o microscópio, se descobriram todas as pequenas particularidades do original, que reproduzidas em pequeno não são visíveis a olho nu!»⁽²⁾

Se é verdade que se partia para a consideração dessas fotografias espiçado pelo aguilhão da dúvida, procurando o bem estar da crença que reconhece e que, por isso, se assegura ao mesmo tempo que se securiza, não é menos verdade que o que prolongava esta dúvida era antes a exaltação do espanto, uma curiosidade febril que se surpreende e que, porque se surpreende, mais curiosa se torna. Era num olhar apaixonado, e arrastado pelas suas paixões, que vinham dissolver-se as dúvidas do ver, numa curiosidade autenticamente divertida no confronto com essa indescritível riqueza do visível que a placa escrupulosamente retinha, dando provas de uma minúcia mecânica então tida como impensável, e logo reconhecida — isso sim — como humanamente impossível.

Notas

⁽¹⁾ Apontamento, sem título, publicado na «Gazetta Privilegiata di Milano», n.º 15, quarta-feira 15 de Janeiro de 1839.

⁽²⁾ Jacques Lacan, *Le Temps logique et l'assertion de certitude anticipée*, in *Écrits*, Seuil, Paris, 1966, pp. 197-213. Consultar também, do mesmo autor, in *Le Séminaire Livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse*, Seuil, Paris 1973, a secção «Du regard comme objet petit a», pp. 65-109.

⁽³⁾ Artigo publicado na secção «Scoperte ed Invenzioni» da *Gazzetta Privilegiata di Venezia*, n.º 28, segunda-feira 4 de Fevereiro de 1839.

Pedro Miguel Frade



Retratos no Teatro

Por Manuel Cintra

Ficou, até ao fim desta conversa, uma sensação de dúvida no ar. Porque é que estaremos para aqui a conversar? Será que se descobre qualquer coisa? E caso se descubra, mostra-se? Esconde-se? Com as mãos tão magras e longas que pareciam deixar ficar gestos no ar Lucinda Loureiro dilui um pouco de nervosismo na amargura que afinal parece ternura que perdeu o

Porto, ou hesitação que se resume a uma certeza: de que ser actriz é, por vezes, aprender a germinar numa espera que dói. E com uns olhos muito grandes, que quando sorriem são muito mais tristes. Parece perguntar: Alguém viu por aí o sonho? Nesse não toquem, que é meu...

Lucinda Loureiro

Vou descobrindo um ponto comum em muitos actores jovens, que depois de terem tido alguma experiência de palco param para pensar. Têm certezas, mas não lhes conhecem os contornos. Vão ver o teatro que se faz, mas não é esse que já sabem querer fazer. Ou então, há um pouco do que queriam aqui, outro ali, e tudo somado mostra, quando muito, que existe. E se existe, é preciso mostrá-lo. Mas para o mostrar era preciso que se encontrassem. E muitos actores estão sozinhos. Tornaram-se exigentes, sabem no corpo o paladar exacto, mas não o conseguem explicar. Então começa uma luta. Aparentemente pacífica por fora, mas cheia de feridas e de lutas e de dúvidas por dentro. E se digo tudo isto no plural, é porque me parece comum a várias pessoas com quem tenho falado, mas neste momento é sobretudo da Lucinda Loureiro que falo, e ela concentra com grande intensidade todos estes problemas.

Se estar na cidade às vezes se torna sufocante porque no meio de tanta agitação acaba por vezes por parecer que tudo é mau e nada interessa, na província muitas vezes se sufoca pela razão contrária: sente-se, lá ao longe, o fascínio da cidade onde as coisas se passam e ali, porque não há nada, tudo é mau. E também se sufoca. Lucinda Loureiro vivia em Viseu, e começou a interessar-se por teatro anos antes do 25 de Abril, época em que de facto nada nesse campo por ali se passava. Ou quase nada. Era a televisão que podia trazer amostras do que o teatro seria. Foi com as peças que a televisão transmitia que ela foi continuando a gostar de teatro. Em casa, o desconsolo era grande. Nascia uma alergia muito grande à monotonia, à escola sempre igual, ao tempo que passava sem que as coisas acontecessem. O que a atraía, no teatro, era precisamente poder viver num plano diferente daquele.

— Era a magia, as pessoas estarem a mostrar uma coisa que não são elas e a trabalhar emoções, outras coisas, sem ser o quotidiano... Era uma fuga, era como se fosse a chave que me poderiam dar para eu sair daquela cidade. Detestava aquele ambiente de clausura. Eu escrevia imenso e toda a gente se ria das coisas que eu escrevia, até que rasguei tudo...

A mudança deu-se com a chegada, a Viseu, em 77, do grupo a CENTELHA, vindo de Lisboa. Foi na altura uma presença muito importante naquela cidade, onde ela e outros jovens puderam tentar aproximar-se do teatro que olhavam de longe. Paralelamente a experiências de animação com as escolas, que lhe ficaram como lembranças fascinantes, pela colaboração espontânea e activa das crianças, teve a sua primeira aparição nas Guerras do Alecrim e Manjerona, de António José da Silva, que a Centelha montou então. Logo após a estreia viriam com o espectáculo a Lisboa, ao Trindade, o que viria a ser um choque decisivo.

Fala do entusiasmo passado como de uma coisa que se ultrapassou, mas mostra, ao mesmo tempo, que está presente, que passou a fazer parte dela, que deu origem a um amor perigoso pelo teatro, desses que não se podem destruir. Queria ser actriz e tinha medo, depois foi actriz e teve medo, e vibrou com a alegria de o poder perder, e mostrou coisas que nunca teria mostrado, e escondeu outras que nunca teria sabido sequer que existiam, quanto mais esconder. E agora, que atravessa um momento deparagem, sabe como dói não ter em actividade essa parte de si. Como é estranho não se mostrar nem se esconder, como desorienta viver sem uma das peças estar a funcionar.

E esses momentos de magia, os primeiros, tornam-se preciosos, vêm dar muito sentido à paragem, ajudam a compreender. Isto não é ela que o diz, sou eu que o vou sentindo numa mudança de reacções que talvez queira dizer: «Afinal, sempre vim aqui dizer qualquer

coisa... ou não?».

— Nessa altura não tinha medo nenhum. Tinha uma confiança em mim como se eu fosse a pessoa que pudesse fazer tudo, resolver tudo, mudar o mundo... Agora já perdi um bocadinho de inocência, tenho sempre uma necessidade absoluta, em tudo aquilo que faço, de voltar ao tempo zero... apagar o passado e recomençar. E muitas vezes já sei que volto a errar e volto a acreditar, não há nada a fazer. Continuo desde o princípio com a mesma disposição de quando entrei. É quase como um ritual...

A vinda ao Trindade com as Guerras do Alecrim e Manjerona trouxe-lhe a certeza de que queria continuar. Foram choques novos, outra dimensão, sensações fortíssimas.

— Lá não tinha tido a mesma sensação porque era um palcosinho, um pavilhão de madeira... era quase como estar em casa. E quando cheguei cá, vi tanta gente... Lembro-me de que fui ao bar, lá em baixo e bebi vários bagaços seguidos... Entrei no palco... E continuei... Foi a primeira vez que me interromperam para aplaudir... foram sensações incríveis...

Depois de dois anos com a Centelha, sob direcção de Alberto Lopes e São José Lapa, viria a seguir-se o Porto, para onde foi primeiro por ter decidido parar com o teatro.

Não porque não gostasse, mas porque achava que não ia encontrar perspectivas novas, nem horizontes que lhe permitissem continuar. Foi para o Porto tirar um curso de secretariado que não chegou a continuar. Mudar para o Porto era mudar para a cidade grande, sair de Viseu onde estava farta de nada mudar. Já tinha tido contacto com o Teatro Experimental do Porto quando estava na Centelha, durante uma vinda do grupo ao FITEI. Foi assim, que estando já a tirar o curso de secretariado, soube de uns cursos que o TEP abria e decidiu inscrever-se. Viria a entrar para o grupo para substituir Júlia Correia no espectáculo Yerma, de Garcia Lorca.

— Aí foi o contacto com o que é que é mesmo fazer teatro. Com «pessoas do teatro». Aí já percebi que há lutas em palco, aquelas pessoas que às vezes te pisam o vestido quando podes sobressair, que é uma luta. Mas nessa altura ainda deixava... Ainda me podiam fazer tudo... porque eu estava apaixonadíssima pelo teatro.

Depois de dois anos no Porto, viria para Lisboa, onde fez parte do Teatro do Século até há pouco tempo, tendo tido algumas experiências antes disso, como por exemplo na Casa da Comédia, onde entrou no espectáculo A MARQUESA DE SADE. No ano passado, estando a trabalhar no Teatro do Século, teve uma experiência particular-

mente importante, Viagem para a Felicidade, de Kroetz, obrigatoriamente importante, pois tratava-se de um monólogo em que estava mais de uma hora sozinha em cena.

— Foi mesmo a Viagem para a Felicidade que me fez ver que eu tinha uma personalidade e que podia fazer coisas. Eu sentia um poder enorme pelo facto de estar sozinha em palco. Um domínio de acção, de texto e de público. Sentia muitas vezes que estava a monopolizar as mentes. «Agora posso fazer-vos chorar, agora posso-vos fazer rir...» Frustrou-me a falta de apoio. A falta de dinheiro que havia para produzir aquele espectáculo. E a falta de estrutura que havia naquele momento no Teatro do Século.

Viria aliás a conjugar esse espectáculo com «Os Negros», de Genet, que várias vezes por semana era no mesmo dia que a «Viagem», a outra hora. Fala-me então daquilo que cha que participar em teatro não deve ser. De não «casar» com o teatro, ou seja, o alheamento total e por vezes gratuito. Leva-se para lá o aspirador, come-se por lá, deixa-se filhos e casa de parte, não se faz mais nada, e às vezes não é por ser necessário. É porque passou a ser assim. As pessoas estão juntas, e quando não é a fazer algo de concreto é porque fazem parte daquele grupo. Com isto não concorda. Então que se tenha actividades concretas. Queixa-se, no

fundo, d falta de disciplina. De fio condutor, de um projecto concreto.

Não lhe interessa entrar em coisas artificiais e falsas, ir a bares ter conversas falsas que não levam a lado nenhum. Neste momento não vai a bares. Está numa certa posição e existência, decidiu, em conjunto com Alberto Lopes, construir um projecto de produtora artística, que faça teatro mas não só. E tudo isso dói, porque demora tempo, porque custa esperar, porque, como se disse mais acima, já é actriz e há mecanismos que quando não estão em funcionamento ferem muito. Mas uma espera é uma aprendizagem. Acabará por ver e poder definir com clareza aquilo que pretende. Sente os outros, que têm o mesmo tipo de problemas que ela. Não chega a dizer que alguns se vão encontrar e unir, que vão nascer coisas novas com gente nova, diz é que não quer ir buscar aqueles que já definiram projectos. Não fala da explosão que virá um dia mas ela está-lhe, como um fantasma amigo, na cara, a querer mostrar-se não se sabe bem como, toda cheia de oscilações. Fica a certeza de que esteve ali uma actriz, porque ser actriz é em parte sofrer quando não se está a trabalhar num palco. E a certeza de que vai nascer ainda muitas vezes, como o teatro. Que não morre talvez pelo jeito perverso que tem de ameaçar constantemente morrer, que é uma maneira muito própria de assustar quem se queira esquecer de estar vivo.

